

GUIA

com dicas para uso
da série de programas

Ler e escrever, com muito prazer

A diversidade textual na alfabetização de jovens e adultos

Brasília, 2001



Presidente da República
Fernando Henrique Cardoso

Ministro da Educação
Paulo Renato Souza

Secretário de Educação a Distância
Pedro Paulo Poppovic

Presidente do Conselho da Comunidade Solidária
Ruth Cardoso

Coordenadora Executiva Nacional do
Programa Alfabetização Solidária
Regina Célia Vasconcelos Esteves

PROJETO RÁDIO ESCOLA

Coordenação geral
Ana Valeska Amaral Gomes

Consultoria
Nélia R. Del Bianco e Patrícia Corsino

Produção radiofônica
Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília



GUIA

com dicas para uso
da série de programas

Ler e escrever, com muito prazer

A diversidade textual na alfabetização de jovens e adultos

Ministério da Educação
Secretaria de Educação a Distância
Programa Alfabetização Solidária



© 2001 Ministério da Educação – MEC

Supervisão editorial

Ana Valeska Amaral Gomes

Texto

Ana Valeska Amaral Gomes, Nélia R. Del Bianco e Patrícia Corsino

Edição de texto e revisão

Claudio Pucci e Márcia Maykot

Projeto gráfico, produção gráfica e editoração

Jorge R. Del Bianco

Ilustração

Jorge R. Del Bianco

Fotolito e impressão

Gráfica Brasil

Cessão de direitos de reprodução de fonogramas e publicação de textos literários

Luz da Cidade Produções Artísticas, Fonográficas e Editoriais Ltda.

Tiragem: 3 mil exemplares

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ler e escrever, com muito prazer: a diversidade textual na alfabetização de jovens e adultos: guia com dicas para uso da série de programas. / Programa Alfabetização Solidária - MEC:SEED, 2001. 96 p. – (Rádio Escola)

1. Programa Alfabetização Solidária. 2. Radiodifusão educativa. 3. Capacitação de professores I. Rádio Escola

CDU: 372.415

Ministério da Educação

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Esplanada dos Ministérios, Bloco L, sobreloja, sala 100
Caixa Postal 9659 – CEP 70001-970 – Brasília, DF
fone (0__61) 410-8585 – fax (0__61) 410-9158

e-mail: seed@mec.gov.br

site na Internet: <http://www.mec.gov.br/seed>

Apresentação

Você já viu como fica um jovem ou um adulto quando, mesmo devagar, aprende a ler ou escrever alguma coisa... um bilhete, uma lista de compras, uma notícia de jornal, uma letra de música ou um cartaz de propaganda eleitoral? Viu? Ele se sente mais livre, forte e orgulhoso do que é capaz. Não depende dos outros para saber o que acontece, para pensar e dar opinião. Não se sente excluído de seu próprio mundo. E dá um passo importante para exercer plenamente sua cidadania, que é muito mais que conhecer as letras e saber que juntas elas formam sons, que formam palavras, que formam frases...

Seus alunos contam com você. Nós estamos aqui para apoiá-lo, com uma proposta de trabalho da qual, acreditamos, você goste e, com a qual, estamos certos, você será capaz de estimular ainda mais seus alunos.

É muito trabalho, mas é um bom trabalho, pode estar certo. Você provavelmente não vai conseguir fazer tudo, nem dá. Mas se cumprir pelo menos uma parte do que estamos indicando; se conseguir fazer as coisas mais a seu modo, sem receber nossas dicas como receitas prontas e acabadas; se usar a imaginação e criatividade que tem; se ficar bem atento ao interesse, curiosidade e ritmo dos alunos; se negociar com eles o que é feito em cada momento...

O método é simples: explorar a diversidade textual, partindo sempre da realidade dos alunos.

A série de programas *Ler e escrever, com muito prazer*, que chega agora a você, é mais um recurso pedagógico para ampliar as discussões sobre o ensino da leitura e da escrita nos cursos de capacitação de professores alfabetizadores, elaborado pela Rádio Escola, da Secretaria de Educação a Distância do MEC, em parceria com o Programa Alfabetização Solidária.

Os programas da série contêm informações sobre as funções, usos e estruturas de vários tipos de texto, como notícias de jornal, poesias, contos, crônicas, cantigas de roda, quadrinhas e muitos outros. Apresentam, além disso,



depoimentos de professores e coordenadores do Programa Alfabetização Solidária que já desenvolvem atividades de leitura e de escrita por meio da diversidade textual.

Para conhecê-los e explorá-los melhor, leia este Guia, com resumos e dicas de atividades. Aqui você encontra também diversos tipos ou gêneros de textos – poesias, lendas, contos, crônicas, receitas, quadrinhas, adivinhas e outros, selecionados pela Rádio Escola. Podem ser reproduzidos e utilizados por você e pelos seus alunos em atividades de leitura e de escrita. Para tornar a leitura ainda mais agradável, os textos foram ilustrados.

Junto com a *Série do professor*, você recebe a *Fita do aluno* com a gravação dos textos reproduzidos no Guia interpretados por conhecidos atores do teatro, do cinema e da TV. É para ouvir com os alunos e, a partir disso, criar atividades em sala de aula.

No encarte, uma carta-resposta, para você avaliar a série de programas, sua intenção e aproveitamento. É uma oportunidade que você pode nos dar para medir a eficácia desta iniciativa e considerar possibilidades de aperfeiçoamento.

Obrigado e bom trabalho. Com muito prazer.

Sumário

1. O que é	9
Série do professor	9
Fita do aluno	10
2. Por que diversidade textual	11
O que é o texto	11
A construção do texto	12
Funções e tramas	13
3. Como usar	15
Série do professor	15
Fita do aluno	16
4. Ouça a série do professor	17
PROGRAMA 1	18
A diversidade textual e a alfabetização de jovens e adultos	
PROGRAMA 2	21
Cartas, bilhetes e ofícios	
PROGRAMA 3	24
Quadrinhas, adivinhas e cantigas de roda	
PROGRAMA 4	27
Versos que ensinam a ler	
PROGRAMA 5	30
Uma viagem musical	
PROGRAMA 6	33
Lendas, mitos e fábulas	
PROGRAMA 7	36
Contos e crônicas	
PROGRAMA 8	39
O jornal nosso de cada dia	
PROGRAMA 9	42
Enciclopédia, biografia e dicionário	
PROGRAMA 10	45
Receitas, manuais e bulas	
5. Ouça a fita do aluno	48
6. Leitura de textos	50
Quadrinhas	51
Adivinhas	52
Cantigas de roda	53
Receitas	55
Lendas	57
Poesias	62
Crônicas	71
Contos	78
Jornal	85
7. Pequena biografia dos escritores	87
Ascenso Ferreira	87
Carlos Drummond de Andrade	87
Clarice Lispector	87
Fernando Pessoa	88
Machado de Assis	88
Marina Colasanti	89
Rachel de Queiroz	89
Rubem Braga	90
Vinicius de Moraes	90
8. O que faz a Rádio Escola	91
9. Glossário	92
10. Bibliografia	94
11. Ficha técnica	95

Encarte – Sua avaliação

1. O que é



Ler e escrever, com muito prazer – *A diversidade textual na alfabetização de jovens e adultos* é uma série de programas radiofônicos educativos apresentada em duas versões:

Série do professor

Contém dez programas gravados em três fitas cassete, com duração média de 15 minutos cada um.

Fita do aluno

Contém textos de 14 poesias, três lendas brasileiras, quatro crônicas e quatro contos, interpretados por conhecidos atores do teatro, do cinema e da TV.

Série do professor

- A série de programas do professor é um recurso pedagógico com o objetivo de auxiliar os cursos de capacitação de alfabetizadores oferecidos pelas universidades parceiras do Programa Alfabetização Solidária.
- A série tem conceitos e pressupostos do ensino da leitura e da escrita baseado no uso da diversidade textual. E oferece subsídios para a discussão de questões a serem trabalhadas com os alunos.
- Os programas discorrem sobre as funções, os usos, a estrutura e o modo de produção de diferentes tipos ou gêneros de texto que circulam na sociedade. Oferecem, ainda, sugestões de atividades que estão sendo experimentadas por alfabetizadores do Programa Alfabetização Solidária – PAS.



- Nesta série, são destacados textos que circulam com frequência em diferentes grupos sociais, como: cartas, bilhetes, ofícios, quadrinhas, adivinhas, cantigas de roda, poesias, músicas, histórias de mitos, lendas, fábulas, contos, crônicas, notícias de jornal, notas de enciclopédia, biografias, verbetes de dicionário, receitas, instruções de manuais e bulas.
- A série foi elaborada com o propósito de estimular o trabalho de alfabetização a partir de textos completos e não de palavras ou frases soltas; ou seja, a partir da idéia de texto enquanto espaço de interlocução, de diálogo com o leitor – o que não existe só com palavras ou frases soltas.
- Este trabalho pretende também despertar ou aumentar o gosto e o prazer do professor pela leitura.
- O formato dos programas é semelhante ao que você já está acostumado a ouvir no rádio. A narrativa é conduzida por uma atriz, que apresenta o assunto misturando depoimentos de especialistas em leitura e produção de textos e de professores alfabetizadores. Em cada programa, há uma reportagem com relato de experiências de professores do PAS que já fazem uso da diversidade textual na alfabetização de jovens e adultos.
- A linguagem utilizada é simples e acessível, mostrando que é possível trabalhar com a diversidade textual de forma competente, sensível e criativa.

Fita do aluno

- A *Fita do aluno* é um material para ser utilizado em sala de aula.
- Esta fita contém textos literários de autores consagrados, interpretados por conhecidos atores do teatro, do cinema e da TV. Cada interpretação é uma leitura muito particular que o artista faz do texto e a oferece ao público. Na voz do ator, os textos ganham um brilho especial, que vale a pena ser apreciado pelos seus alunos. Isso poderá despertar o interesse e o gosto pela leitura e a escrita.
- A *Fita do aluno* é resultado de uma seleção de textos gravados que pertencem ao acervo da Luz da Cidade Produções Artísticas, Fonográficas e Editoriais, selo discográfico brasileiro especializado em gravações de poesia e prosa em CD. A escolha foi baseada nos critérios de importância dos autores, de qualidade da obra e de interesse humano dos assuntos e questões abordadas.
- A *Fita do aluno* é apenas um complemento às atividades do professor em sala de aula, com o objetivo de facilitar a aproximação e a familiaridade do aluno com as várias modalidades de textos literários. Como tal, não substitui a leitura de textos feita em voz alta pelo professor na sala de aula.



2. Por que diversidade textual



Estudos e pesquisas realizados nos últimos 20 anos questionam o método que reduz a alfabetização a decorar os sons correspondentes às letras. Provam que o bê-á-bá, com uso de letras, sílabas, palavras soltas e frases fora de contexto, empobrece a aprendizagem da leitura e da escrita, além de desconsiderar os conhecimentos anteriores dos alunos – o que também limita ou impossibilita a aprendizagem.

Saber as letras e os sons correspondentes faz parte da alfabetização. Mas é necessário ir além, oferecendo a oportunidade de aprender os diversos usos e formas da língua. O conhecimento, para isso, deve ser construído a partir de práticas comunicativas do cotidiano nas quais são utilizadas tanto a escrita quanto a leitura: escrever um bilhete, preparar uma lista de compras, ler uma receita de bolo, a bula de um remédio ou o manual de um eletrodoméstico, preencher um formulário ou cheque, saber exatamente o destino de um ônibus, entender uma notícia ou anúncio publicitário, consultar um mapa, emocionar-se com um poema afixado na parede da vendinha ou, talvez, com um romance.

A alfabetização baseada na familiaridade e domínio das linguagens usadas nos diversos gêneros de texto possibilita ao sujeito não apenas decifrar, mas compreender o que lê e se tornar um leitor autônomo – seja para fins práticos ou para enriquecer sua visão do mundo. Facilita o aprendizado da escrita e, com isto, a capacidade de se expressar, de se comunicar e defender opiniões.

Ler e escrever, com domínio da diversidade textual, permite ao sujeito exercer, mais ativa e plenamente, sua cidadania.

O que é o texto

Muitos acreditam que o texto é definido pelo seu tamanho. Consideram texto o escrito que contém várias frases e alguns parágrafos. Porém, o que define



um texto não é a quantidade de palavras ou frases e sim o fato de serem uma enunciação, isto é, algo que parte de alguém e se dirige a um destinatário, num determinado contexto.

Por exemplo: a palavra “pedestre” pintada no asfalto é um texto que pode ser entendido no contexto de uma situação comunicativa. Indica ao motorista a necessidade de andar devagar porque logo à frente haverá faixa de passagem de pedestres. E, como determina a lei de trânsito, o motorista deve parar diante da faixa, permitindo a travessia de pedestres. Sendo assim, o texto tanto pode ser uma placa de trânsito, um cartaz, um panfleto com poucas palavras ou frases, como uma notícia de jornal ou uma obra literária extensa.

Uma visão ampliada do ensino da leitura e da escrita, que entende o texto como unidade básica da língua, derrubou o mito de que no início da alfabetização deve-se começar com frases, palavras ou sílabas soltas que não dizem nada para o sujeito, ou que se deve oferecer aos alunos textos curtos, de poucas frases e bem simplificados, feitos apenas para se ensinar a ler e que, em geral, também são mudos para o sujeito, por não dizerem respeito à sua realidade.

Adotar métodos que utilizem esses procedimentos é desconhecer que o adulto, ao contrário de muitas crianças no início da alfabetização escolar, sabe que há relação entre o que se escreve e o que se diz; e sabendo isso é capaz de levantar uma série de hipóteses sobre o que está escrito. Nas diferentes situações sociais em que os textos aparecem, ele levanta hipóteses sobre o que está escrito, para quê e porque se escreve, mesmo desconhecendo como se escreve. Por exemplo, quando vai ao médico, sabe que terá ao final da consulta uma receita com as recomendações do que fazer e que remédio comprar.

Mesmo quem ainda não sabe ler, aciona estratégias antecipatórias de leitura, ou seja, recorre ao contexto no qual os textos estão inseridos, para entender o que está escrito. E, por isso, pode predizer o final de uma história ou de uma frase, porque utiliza seus conhecimentos prévios adquiridos na vivência. Essa constatação indica que o aluno pode ser tratado como leitor pleno, desde o início do processo de alfabetização. Inicialmente, o professor pode atuar fazendo o papel de leitor de textos em sala de aula e de escriba que registra fatos, histórias e conhecimentos produzidos pelo grupo, até o momento em que os alunos tenham condições de ler e produzir seus próprios textos.

A construção do texto

O contato com os textos escritos é fundamental para se aprender a ler e escrever. É preciso que o professor leia muito e escreva muito junto com os alunos. Porém, a simples exposição de diferentes tipos de textos na sala de aula não garante o aprendizado sobre os usos e as formas da língua na vida social. É preciso ir mais longe que relacionar letras e seus sons. Conhecer a linguagem que se usa para escrevê-los é fundamental, ou seja, saber a diferença entre os vários gêneros ou categorias de textos. Por que a notícia de jornal é diferente de uma carta? Em quais aspectos reside essa diferença? Como são construídos esses textos? As respostas a estas perguntas fazem parte do processo de aprendizagem.

Cada gênero de discurso, cada tipo de texto tem sua marca ou forma própria de apresentação. Pode ser identificado a partir do tipo de conteúdo, da função social, do estilo de apresentação e da forma de redação. Significa dizer que cada texto tem uma intenção comunicativa e uma organização própria de palavras, de acordo com os objetivos e os interlocutores. Parte desta organização é pessoal e única; parte é atravessada pelo social, seguindo formas convencionalmente instituídas pelos diferentes grupos.

Pode-se comparar a língua ao guarda-roupa de uma pessoa. A escolha do que vestir é feita de acordo com o clima e a situação. Assim como dificilmente se vai a um casamento com o mesmo estilo de roupa com o qual se fica em casa, mais à vontade, dificilmente uma pessoa escreve um carta dirigida a um órgão público da mesma maneira como redige uma carta a seus familiares e amigos. O estilo de linguagem e a forma de comunicação usados são diferentes.

Ainda em relação à forma própria de cada texto, é preciso considerar seu suporte, ou seja, a materialidade na qual se apresenta. São considerados suportes para os textos impressos: jornais, revistas, livros, folhetos, cartões, cartazes, embalagens, placas, tela da TV ou do computador etc.

É importante ressaltar que nem sempre vemos a materialidade do texto escrito. Um novela de TV ou um telejornal, por exemplo, embora tenham apresentação audio-visual, possuem por trás vários textos escritos, do roteiro às falas. O repórter lê um texto, um ator decora um texto que foi escrito para o seu personagem e tudo acontece dentro de uma programação detalhada previamente por escrito. Repórter ou ator estão usando a linguagem escrita. Pode-se, então,

considerar o palco, o cinema, a televisão, o rádio, a internet ou o CD como suportes de textos escritos em que estes não estão impressos.

Funções e tramas

A série *Ler e escrever, com muito prazer* destaca os seguintes textos, que circulam entre vários grupos sociais: cartas, bilhetes, ofícios, quadrinhas, adivinhas, cantigas de roda, poesias, músicas, histórias de mitos, lendas, fábulas, contos, crônicas, jornal, enciclopédia, biografia, dicionário, receitas, manuais e bulas.

Os textos foram agrupados em cada programa a partir de certas características comuns. Contos e crônicas, por exemplo, aparecem agrupados porque são textos literários cuja linguagem tem uma intencionalidade estética. Seu autor emprega os recursos oferecidos pela língua, com liberdade e originalidade, para criar um texto belo que possa emocionar, comover e levar o leitor à reflexão.

Os tipos ou gêneros de textos apresentados foram selecionados a partir dos critérios de caracterização lingüística e de tipologia textual definidos pelas professoras Ana Maria Kaufman e Maria Elena Rodriguez (1995). As autoras consideram que cada texto tem uma função social (informativa, literária, expressiva, apelativa), uma trama discursiva (narrativa, argumentativa, descritiva, conversacional) e uma forma mais comum com a qual é apresentado na sociedade (literário, jornalístico, instrucional, epistolar, humorístico, publicitário ou de informação científica).

Assim, tomar uma ou outra característica isoladamente seria reducionista ou uma simplificação excessiva, na avaliação das professoras. Basta analisar o seguinte exemplo: o que distingue uma notícia de jornal de um artigo de opinião, no que diz respeito à intenção de um relato histórico que se encontra numa enciclopédia, se todos eles informam? Classificar os textos apenas a partir de sua função não permite captar as diferenças de linguagem, da forma como os recursos da língua são organizados em cada texto.

Para melhor compreensão dos programas, conheça a tipologia e as características lingüísticas dos textos que circulam no espaço social definidas por Ana Maria Kaufman e Maria Elena Rodriguez:

Função

Refere-se à função comunicativa de um texto a partir das intenções do autor ou de quem escreve e envia a mensagem a outra pessoa. São mais freqüentes as seguintes funções:

- **Informativa** – é a função do texto que tem o propósito de informar fatos do mundo, real ou imaginado ao qual se refere o texto por meio de uma linguagem precisa e concisa.
- **Literária** – é a função do texto no qual predomina a intencionalidade estética. Seu autor faz uso da linguagem figurada, de metáforas, símbolos, comparações. Emprega os recursos oferecidos pela língua, com liberdade e originalidade, para criar um texto artístico, comovente e atraente.
- **Apelativa** – é a função do texto que tem a intenção de modificar comportamentos. Faz uso do recurso da sedução para levar a pessoa que recebe o texto a aceitar o que o autor propõe.
- **Expressiva** – é a função do texto em que o autor manifesta sua subjetividade – seus estados de ânimo, seus afetos, suas emoções. As palavras usadas estão permeadas de afetividade.

Trama

Diz respeito às formas e aos modos de estruturar os recursos da língua para veicular as funções da linguagem.

- **Narrativa** – é a trama do texto que apresenta, geralmente, fatos e ações em uma seqüência temporal e causal. O interesse do texto reside na ação dos personagens diante de fatos ou acontecimentos. A forma dos verbos e a voz de quem relata adquirem papel fundamental na organização deste tipo de texto.

- **Argumentativa** – é a trama do texto que comenta, explica, apresenta, confronta fatos, idéias, opiniões, crenças e valores. Este texto está, em geral, organizado em três partes – uma introdução em que se apresenta o tema, a problemática em que se fixa uma posição; um desenvolvimento, através do qual se encadeiam informações; e uma conclusão.
- **Descritiva** – é a trama do texto que apresenta especificações e caracterizações de objetos, pessoas ou processos através de uma seleção de seus traços distintivos. É possível para o leitor apreender o objeto descrito como um todo. Os substantivos, neste tipo de trama, mencionam e classificam elementos da realidade, enquanto os adjetivos complementam a informação do substantivo.
- **Conversacional** – é a trama do texto que surge da interação lingüística estabelecida entre os diferentes participantes de uma situação comunicativa. Neste caso, é o diálogo que promove a alternância de vozes, isto é, a alternância do momento da fala de cada um dos

personagens envolvidos no texto. A peça de teatro é um exemplo de trama conversacional.

Entender a diferença entre os textos a partir de sua caracterização faz parte do aprendizado na alfabetização. Porque permite desenvolver a capacidade do aluno de usar a linguagem de forma eficaz para atender a suas necessidades pessoais – relacionadas às ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informação ou ao exercício de reflexão, entre outras situações. De modo geral, os textos são produzidos, lidos e ouvidos com finalidades como as buscadas pelas diversas tramas. E para cumprir sua função cada texto possui uma estrutura.

Portanto, o ensino da leitura e da escrita só faz sentido para o aluno se incluir tanto os textos que respondem às exigências práticas da vida diária, como aqueles que favorecem a reflexão crítica e humanizam nossa existência com sua arte, beleza e sensibilidade. Como diz a professora especialista em leitura e produção de textos da Universidade de Brasília, Kátia Regina Martins, o sujeito não é só uma máquina que trabalha e executa tarefas do cotidiano. É também alguém que precisa ter contato com textos que atendam às necessidades simbólicas do ser humano, que ama, pensa e sonha.



3. Como usar



Série do professor

A série de programas *Ler e escrever, com muito prazer* utiliza uma tecnologia de comunicação (a fita cassete) bastante acessível, de fácil manuseio e com inúmeras vantagens:

- Você escuta os programas quando quiser, de acordo com sua disponibilidade de tempo.
- A audição pode ser interrompida nos momentos em que você desejar.
- É possível retornar a fita com facilidade, quando você quiser ouvir de novo um trecho que não foi bem entendido ou por qualquer outro motivo.

Quando

São várias as situações em que a série de programas do professor pode ser utilizada como recurso pedagógico.

Se você é coordenador universitário ou municipal, use as fitas:

1. Em oficinas dos cursos presenciais de capacitação ministrados pelas universidades parceiras do Programa Alfabetização Solidária.
2. Em reuniões locais de atualização e acompanhamento promovidas pelas universidades ou coordenações municipais.
3. Em reuniões de atualização organizadas pelos coordenadores pedagógicos.
4. Em encontros promovidos pelos professores para discussão dos conteúdos ou planejamento das aulas.



Se você é professor alfabetizador, use as fitas:

1. Individualmente, quando você quiser aperfeiçoar seus conhecimentos ou encontrar idéias para desenvolver atividades de escrita e leitura em suas turmas de alfabetização.
2. Em grupos de professores de sua cidade, quando quiser discutir idéias para aplicar em sala de aula a partir do uso de diferentes tipos de textos.

Para quê

Você vai descobrir ou inventar muitas formas de usar o material para atingir determinados objetivos. Aqui estão algumas sugestões da Rádio Escola:

1. Para introduzir ou apresentar o tema durante a capacitação. Os programas permitem ilustrar uma discussão sobre o processo de alfabetização, a importância do uso do texto como unidade básica do ensino em contraposição ao método tradicional que faz uso de letras, sílabas ou frases soltas e fora de contexto.
2. Para estimular o debate sobre o tema da diversidade textual na alfabetização, podendo apresentar o material no começo, meio ou fim de uma atividade que você planeja desenvolver na capacitação.
3. Para complementar ou enriquecer uma explicação oral durante encontros de reforço e atualização.
4. Para sugerir ao professor uma série de atividades que possam integrar, à alfabetização, a diversidade textual existente no cotidiano.

Fita do aluno

A *Fita do aluno* também utiliza a tecnologia de comunicação da fita cassete e com as mesmas vantagens:

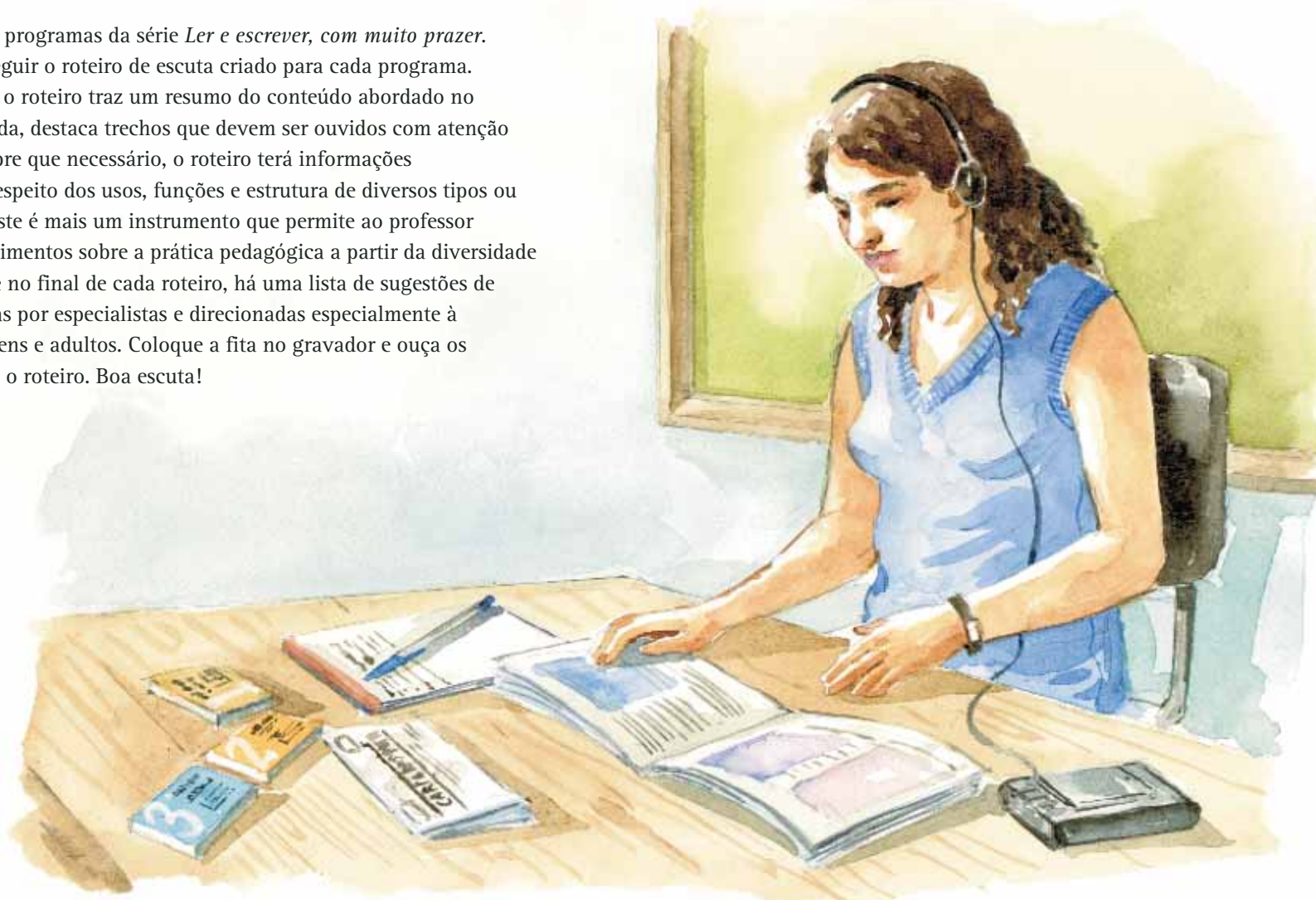
1. Você escuta os textos gravados junto com os alunos no momento em que desejar ou de acordo com o planejamento de sua aula.
2. A audição pode ser interrompida sempre que você considerar oportuno ou quando algum ponto chamar a atenção de seus alunos e propiciar uma discussão com o grupo.
3. É possível retornar a fita, com facilidade, quando alguma questão não for bem entendida pelos alunos. O ideal é que, num primeiro momento, o aluno ouça integralmente o texto literário, sem interrupções, e que somente na segunda audição se faça uso desse recurso.
4. Para facilitar o manuseio da fita, todos os textos são antecidos por um sinal sonoro. Em seguida, há uma gravação identificando o título do texto, o nome do autor e do intérprete. Observe que os textos foram organizados a partir de sua tipologia (poesia, lendas, crônicas e contos).
5. Você pode usar essa fita cassete em sala de aula de várias maneiras. Leia as sugestões de atividades que podem ser desenvolvidas a partir da *Fita do aluno* no capítulo 4 deste Guia, e solte sua imaginação, ampliando essas atividades e criando outras.



4. Ouça a série do professor



É fácil ouvir os programas da série *Ler e escrever, com muito prazer*. Basta você seguir o roteiro de escuta criado para cada programa. Inicialmente, o roteiro traz um resumo do conteúdo abordado no programa. Em seguida, destaca trechos que devem ser ouvidos com atenção pelo professor. Sempre que necessário, o roteiro terá informações complementares a respeito dos usos, funções e estrutura de diversos tipos ou gêneros de textos. Este é mais um instrumento que permite ao professor ampliar seus conhecimentos sobre a prática pedagógica a partir da diversidade textual. Observe que no final de cada roteiro, há uma lista de sugestões de atividades elaboradas por especialistas e direcionadas especialmente à alfabetização de jovens e adultos. Coloque a fita no gravador e ouça os programas seguindo o roteiro. Boa escuta!



Programa 1

A diversidade textual e a alfabetização de jovens e adultos

Resumo

O programa destaca a importância do uso de diferentes tipos ou gêneros de texto no processo de alfabetização de jovens e adultos. Discute a forma tradicional de alfabetizar orientada basicamente para a relação de sons à escrita das letras ou ao uso de palavras e frases fora de contexto. Sugere ao professor a utilização do texto como unidade de ensino na alfabetização. Para tanto, o programa traz dicas que ajudam você a colocar em prática essa visão mais ampliada da alfabetização.

Diversidade textual

O programa começa mostrando que no dia-a-dia estamos em contato com vários tipos de textos. Cada um tem sua função e importância. O professor pode levar para a sala de aula os textos do cotidiano, aqueles que circulam na sua comunidade. Mas para isso precisa conhecer quais são as funções, as características e a estrutura desses textos.

Alfabetização mudou

Neste trecho, o programa discute as mudanças que estão acontecendo no jeito de alfabetizar. Mostra a necessidade do aprendizado ir além de saber assinar o nome, ler uma ou outra palavra, ou desenhar as letras. Fique sabendo como criar condições para que o aluno possa ler com autonomia, compreender um texto e escrever com coerência.

Aluno pode ler textos

Será que o aluno, ainda que não saiba ler, tem condições de trabalhar com

textos? O programa responde a essa pergunta esclarecendo que, o aluno pode entender um texto a partir do que já sabe. Ele usa estratégias antecipatórias de leitura. Entenda, neste trecho do programa, como o aluno coloca em evidência tudo o que sabe para entender um texto.

Fala repórter!

Agora é o momento da reportagem. Saiba como alfabetizadores de 14 municípios da Bahia estão tomando gosto pela leitura a partir de uma simples experiência: o círculo da leitura. Durante a capacitação, cada professor escolhe um livro que deseja ler. Depois, trocam idéias e os livros com os colegas. A experiência está dando certo. Muitos já estão contando as histórias que leram para seus alunos. Outros já fazem seus próprios textos: cartas, poemas e contos. Depois de prontos, os textos são recolhidos pelos capacitadores e publicados em um livro. De leitores, os alfabetizadores transformam-se em autores.

Na prática

Atenção! Neste momento do programa, Kátia Regina Martins, especialista em produção e leitura de textos da Universidade de Brasília, explica o que é necessário para o professor colocar em prática a diversidade textual nas turmas de alfabetização:

- Ler o texto antes de levá-lo para a sala de aula.
- Conhecer bem a natureza dos textos.
- Saber que todo texto se destina a uma pessoa, tem uma função ou propósito e uma estrutura ou forma de organização, de acordo com seu gênero ou tipo.
- Entender que cada texto deve ser apresentado ao aluno no contexto ou situação comunicativa na qual está inserido.
- Escolher não só textos que têm função prática, mas também aqueles nos quais o conteúdo estético e o emocional se sobrepõem.

1 Caça aos suportes

Você pode dar uma volta pela escola e seus arredores com seus alunos e procurar onde há coisas escritas. Ao voltar para a sala, desenhe os “lugares” onde os textos estavam impressos (placas, muros, camisetas, carros, embalagens, revistas, jornais, livros etc). Depois, discuta com o grupo a função dos escritos em cada um dos suportes observados. Exemplo: placa com nome de rua – por que as ruas têm nome? Cartaz – qual o objetivo de cada cartaz observado na rua? Como eram as letras? Tinham imagens (fotografias, desenhos)? Por quê?

2 Caixa de textos

Que tal, professor, organizar uma caixa com todo tipo de material impresso que conseguir? A caixa pode conter nota de caixa de loja, extrato bancário, embalagem e bula de remédio, embalagens diversas, panfletos, convite de casamento, propaganda, conta de luz, gás, telefone, jornais, cartazes, cartas e bilhetes pessoais (manuscritos), cartas comerciais (de banco, de cobrança, de avisos), cartões postais, diploma, contratos (aluguel, plano de saúde etc), certidão de nascimento, carteira de identidade, receita de médico, orações, lista de compras, receitas culinárias, mapas, livros de histórias, livros informativos com e sem ilustrações, dicionário, manuais, diferentes revistas, revistas em quadrinhos, jornais etc.

Faça uma roda, espalhe todo o material no chão e deixe os alunos observarem cada texto e seu suporte. Sem se preocupar com a leitura, peça a cada um para escolher um texto e pergunte: Que texto é este? Como você o identificou? Você já viu um texto como este antes? Onde? Para que serve? É usado em que situações? O que será que está escrito nele?

Ainda sem ler, discuta o conteúdo, por exemplo, do que vem impresso numa embalagem de sabão, numa conta de luz etc. Levante questões sobre as hipóteses dos alunos. Por exemplo, se um aluno pegou uma nota de caixa e a identificou: Será mesmo uma nota? Como sabemos? Será que tem o nome

da loja? Caso tenha, onde está escrito? O que deve estar escrito numa nota? Nome da mercadoria? Preço? Onde?

3 Classificando os textos

Avalie o interesse dos alunos. Se eles se envolveram com a caixa de textos da atividade 2, você pode propor uma atividade complementar, na qual o grupo deve classificar os diferentes textos da caixa. Como podemos separar/organizar todo esse material? Observe os critérios usados pelos alunos (tamanho, forma, tipo de letra, de suporte, função, presença ou não de números, de imagens). Se achar oportuno, faça você mesmo uma classificação e pergunte ao grupo qual foi o critério usado.

Quanto mais diversificados forem os materiais impressos da caixa, mais ricas serão as atividades. O objetivo é que os alunos observem os mais diferentes tipos de textos e discutam suas características. É importante que eles percebam o quanto conhecem e têm informações sobre os textos que circulam em seu cotidiano. Mesmo sem saber ler tudo ou a maior parte do que está escrito nesses textos, reconhecem suas características, levantam hipóteses sobre o que deve e pode estar escrito e identificam as possíveis funções. Tudo isto faz parte da leitura e é tão importante ou mais do que identificar letras e sílabas, porque primeiro é preciso saber o que se escreve, por que, para quem e onde, para entender como se escreve.

4 Para que serve a leitura?

É bom você fazer perguntas – melhor, especialmente nesta situação, do que dar respostas. Experimente dividir a classe em pequenos grupos, de cinco alunos, por exemplo, e apresente estas questões para eles discutirem: No dia-a-dia, vocês precisam ler? O quê? Em que situações? Depois, com todos reunidos, cada grupo relata o que foi discutido e você registra no quadro em forma de lista. Levante outras questões: Para que serve a leitura? O que cada um gostaria de ler? Por que desejam aprender a ler?

5 Para que serve a escrita?

Num outro dia, seria interessante você fazer o mesmo que é proposto na atividade 4, em relação à escrita: No dia-a-dia, vocês precisam escrever? O quê? Em que situações? Para que vocês querem saber escrever? Sempre que possível, deixe os alunos trazerem suas experiências, necessidades e desejos, e registre as discussões e as opiniões no quadro ou numa folha grande de papel. Todos os registros poderão ser retomados em outras discussões. É importante que o professor esteja muito atento à organização de seus escritos. Numa lista, por exemplo, um item deve estar embaixo do outro, a letra deve ser legível. No início da alfabetização o professor deve escrever com letra de imprensa maiúscula, para facilitar a leitura dos alunos.

6 Quem é quem

Você pode pedir para os alunos levarem suas carteiras de identidade para a

sala de aula. Organize a turma em círculo. Cantando uma música, eles devem passar a carteira para o companheiro ao lado, este para o seguinte e assim por diante, mais ou menos como na brincadeira dos escravos de Jó. Depois de algum tempo, você ou um dos alunos dá um comando para a música parar. Cada um deverá identificar de quem é a carteira que está à sua frente. Repita a brincadeira várias vezes. Os alunos devem identificar os dados da carteira: nome, número, nome da mãe, do pai e data de nascimento. Faça um crachá parecido com a carteira de identidade, mas só com o nome de cada um e seu auto-retrato que pode ter informações sobre o tipo físico, data de nascimento, por exemplo, entre outras. Com este material, podem ser feitas muitas atividades: observar semelhanças e diferenças entre os nomes, falar sobre suas características físicas, como a cor do cabelo ou dos olhos, separar por faixa etária, sexo, mês do aniversário, letra inicial, número do RG etc.



Programa 2

Cartas, bilhetes e ofícios

Resumo

Neste programa, saiba como introduzir a leitura e a escrita de cartas, ofícios e bilhetes na alfabetização de jovens e adultos. Entenda a necessidade de ter um motivo real para produzir esses textos em sala de aula. Observe melhor seus usos, funções e estruturas. E conheça atividades que podem ser desenvolvidas com seus alunos a partir desse tipo de texto.

Importância da carta

O programa começa destacando a carta como um texto que tem grande importância na vida dos alunos. Na cabeça de cada um, há sempre uma carta pronta para ser escrita. É um processo de libertação, como observa o educador Francisco Goes. As cartas pessoais servem para expressar e comunicar sentimentos e opiniões a pessoas que podem estar longe ou não do nosso convívio. O destinatário pode ser uma pessoa ou um grupo. Quando dirigida a uma pessoa conhecida usamos uma escrita informal. Quando dirigida, por exemplo, a uma autoridade, a escrita ganha características diferentes, um tom mais formal.

Estrutura da carta

Este trecho do programa analisa a estrutura de uma carta. Você sabe, a carta, em geral, começa com um cabeçalho informando o lugar e a data da sua produção. Em seguida, há uma saudação ou o nome para quem a carta se destina. Logo depois, vem a mensagem, aquilo que se quer contar. E, por último, a despedida e a assinatura do autor.

Fala repórter!

É o momento de ouvir a reportagem com a história dos alfabetizadores dos municípios de Novo Santo Antônio e Boa Hora, no Piauí, e de Santana do Mato e São Bento, do Rio Grande do Norte. Eles estão descobrindo o quanto a escrita de

cartas pode estreitar laços e ampliar o universo dos alunos. Professores e alunos de uma cidade trocam cartas com os colegas do outro município. Os coordenadores são os carteiros que levam e trazem essa correspondência. Tudo começou com a troca de fotografias e gravações de fitas com mensagens para os colegas. Acompanhe os detalhes.

Estrutura do ofício

Como usar o ofício no processo de alfabetização? O programa responde à pergunta mostrando que, embora sejam menos frequentes em nosso cotidiano, os ofícios têm sua utilidade e, por isso, é interessante saber como organizar sua redação. Entenda como redigir um ofício, ouvindo a entrevista do funcionário público João Rios.

O que é o bilhete

Neste momento, o programa fala da função social, da estrutura de um bilhete e de sua diferença em relação à carta. A mensagem do bilhete é mais resumida que a da carta e mantém o tom de informalidade, ainda mais acentuado. Saiba como desenvolver atividades de redação de bilhetes, ouvindo o depoimento da alfabetizadora Eliana de Jesus Gomes de Souza, do Distrito Federal.

Na prática

Atenção! Neste programa, você ficou sabendo que, para trabalhar com cartas, bilhetes e ofícios, é necessário ter um motivo real para escrever.

Atenção para a fita do aluno

Após o término da audição desse programa, que tal conferir na *Fita do aluno* a estrutura de redação de um bilhete? Ouça com seus alunos um dos contos de Machado de Assis, *Um bilhete*. Pode ser um bom exercício para entender a estrutura de um bilhete inserido em um texto literário. Confira também o mesmo texto reproduzido neste Guia (pág. 84). Observe como um texto clássico, escrito no final do Século 19, continua moderno, interessante e divertido. Essa é a magia da boa literatura, o que está escrito não muda, mas ela se mantém atual, porque enxergamos novos aspectos em novos contextos. Boa leitura!

1 Que texto é esse?

Que tal discutir com a turma o que é uma carta e para que serve? Pergunte se alguém já recebeu ou enviou cartas. Fale sobre tipos de cartas. Explique que a relação entre o remetente (quem manda) e o destinatário (quem recebe) é que determina o emprego de uma linguagem mais formal ou informal no texto da correspondência. Peça aos alunos para levarem – e leve você também, se quiser – cartas, cartões postais ou bilhetes que tenham recebido de alguém. Com o consentimento dos alunos, leia algumas cartas em voz alta. Busque um espaço de interação e interlocução com os textos lidos, perguntando aos alunos: Quem mandou a carta? Onde morava? Em que época foi? Por que dizia isto ou aquilo? Que tratamento usou? Por quê? Depois disto, converse com o grupo sobre a função comunicativa desses textos (a escrita como possibilidade de comunicação a distância) e identifique com o grupo o que há em comum em todas as cartas. O que diferencia uma carta de um outro texto? O que toda carta deve ter? Ainda com as cartas dos alunos, proponha a identificação das partes de uma carta: local, data, saudação, o desenvolvimento (objetivo de cada carta e o conteúdo que foi comunicado), a despedida e a assinatura.

Você pode também conversar sobre o que deve ser escrito no envelope para que a carta chegue ao seu destino. Observe com os alunos as convenções dos correios: na parte da frente do envelope, nome, endereço, cidade, Estado e CEP do destinatário; na parte de trás: nome, endereço, cidade, Estado e CEP do remetente. Explique como o correio funciona e o porquê destas convenções (se o correio não achar o destinatário tem a responsabilidade de devolver para o remetente; por isso os dois endereços).

2 Escrevendo cartas

Você pode propor aos alunos que escrevam cartas verdadeiras. Primeiro é preciso saber para quem eles gostariam de escrever a carta e pedir que

tragam por escrito os endereços (deles e do remetente). Depois, separe a turma em duplas, de maneira que haja um aluno com mais fluência de escrita trabalhando com outro menos fluente. Um vai ditar a carta para o outro escrever. E você ajuda as duplas, podendo também ser um dos que escreve para os outros. Na medida do possível, vá fazendo correções necessárias para que as cartas fiquem bem legíveis para os destinatários. Para esta atividade, providencie papel de carta, envelope e selo. Discuta o preço do selo. Peça para um ou mais alunos recolherem o dinheiro correspondente (aqui poderiam ser feitas várias atividades de Matemática, com troco, preço de custo de mais de uma carta etc) e se encarregarem de colocar as cartas no correio.

3 Como diferenciar bilhete de carta

Escreva um bilhete no quadro de giz para os alunos. Por exemplo: *Pessoal, hoje a merenda vai ser café com biscoito... Turma, hoje vamos assistir a um vídeo.* É importante que os bilhetes sejam realmente uma comunicação entre você e sua turma. Tente ler com o grupo o que está escrito, deixando espaço para comentários.

Depois, compare o bilhete com a carta. Mostre que o bilhete é uma comunicação rápida, um recado, um lembrete, um aviso informal, entre pessoas que se conhecem e convivem, que geralmente é deixada em lugares da casa, da escola, ou onde as pessoas vejam com facilidade. Alguns são dobrados e entregues em mãos. Pergunte ao grupo: Quem escreve e quem recebe bilhetes? Para quem são dirigidos? Onde são colocados?

Você pode ainda escrever vários bilhetes e passar para os alunos (Exemplos: Pedro, diga para o José o que você vai fazer domingo. Josefa, pergunte à Ana como se faz aquele doce gostoso). Os alunos também devem escrever bilhetes uns para os outros, respondendo aos que forem recebidos. Depois, pode ser feita uma leitura do que foi trocado.

4 Quem é o amigo secreto?

A brincadeira de amigo secreto pode render um bom exercício de escrita e de leitura em sala de aula. Você escreve o nome dos alunos em papéis soltos e dobra. Coloca os papéis dobrados num saco e cada aluno sorteia um nome.

Em uma tira de papel, cada aluno deverá escrever um bilhete, indicando algumas características suas – físicas (cor dos olhos, cabelos, tipo físico) e de comportamento (o que gosta, o que faz etc.) –, e enviá-lo para a pessoa do nome que sorteou. Mas sem assinar. A brincadeira é justamente o outro descobrir quem é o amigo secreto que está mandando o bilhete.

Exemplo: Eu sou baixo, tenho cabelo enrolado, gosto muito de música romântica e não resisto a uma boa conversa com os amigos. Quem eu sou? Na roda, cada um lê o bilhete do amigo secreto e tenta adivinhar quem mandou. Você e seus alunos estipulam as regras dessa brincadeira: têm duas chances para acertar, se errar pela terceira vez paga uma prenda.

5 Como fazer um ofício

Você já sabe que para realizar atividades de redação de cartas, bilhetes e ofícios é preciso ter um motivo real. Por exemplo, você quer levar a turma

para fazer uma visita a um museu, a um centro cultural, à Prefeitura, à Câmara, ao Corpo de Bombeiros – lugares que, geralmente, exigem um ofício para receber os alunos. Ao invés de você ou o diretor da escola redigirem o ofício, como é usual, a turma pode fazê-lo junto com você. Mas, para se produzir este tipo de texto, é importante consultar, ler, conhecer outros ofícios. Leve alguns modelos, peça aos alunos que levem outros, se puderem encontrar – na própria escola, na Prefeitura, no trabalho. Compare os diversos modelos, verifique semelhanças e diferenças.

Como em qualquer comunicação, ajustamos a forma e o conteúdo ao destinatário e ao objetivo pretendido. Os ofícios têm uma forma, mais ou menos padrão, que é convencionalmente seguida. Cabe chamar a atenção para os elementos da língua que diferenciam uma carta informal de um ofício. A forma mais cerimoniosa do ofício aparece nos pronomes de tratamento como Ilmo, Vossa Excelência (consulte um livro de gramática para ver o tratamento dispensado a cada cargo), na maneira do remetente apresentar seus objetivos, de desenvolver o conteúdo e de despedir-se. O papel deve ser timbrado e o texto redigido em máquina de escrever ou no computador. O papel timbrado pode ser dispensado (a própria escola geralmente não tem esse papel), mas não se manda um ofício escrito à mão.



Programa 3

Quadrinhas, adivinhas e cantigas de roda

Resumo

Na memória de cada adulto há sempre uma cantiga de roda, quadrinha ou adivinha que ouviu na infância. O programa mostra como integrar esse repertório na alfabetização, criando situações interessantes para o ensino da leitura e escrita. Discute como esse tipo de texto pode recuperar, no espaço da escola, um pouco da tradição da cultura popular oral.

Um pouco da nossa cultura

Logo na abertura, o programa faz um convite para você buscar na memória as cantigas de roda, adivinhas e quadrinhas de sua meninice. Mostra que esses textos são manifestações da cultura popular, conhecidas por todos e mantidas vivas pela tradição oral. A maioria é de domínio público, ou seja, não se sabe quem inventou. São os primeiros contatos com a poesia, as primeiras experiências que temos com o ritmo, a musicalidade e a brincadeira com as palavras.

Fala repórter!

Conheça a experiência de alfabetizadores do Rio Grande do Norte que fazem uso de cantigas de roda, tornando o aprendizado da leitura e da escrita muito prazeroso. Durante a capacitação, os professores entram em contato com esse tipo de texto. Depois, levam para sala de aula a mesma atividade. Nesta experiência, professores e alunos cantam e dançam de mãos dadas. Repararam na letra das cantigas e vão percebendo as rimas, a forma como o texto é escrito, os vários significados das palavras, os sentidos construídos por cada aluno e tantas outras coisas. Os alfabetizadores ficaram tão empolgados com a descoberta que decidiram fazer seus próprios versos e poemas.

Conheça as quadrinhas

Neste trecho do programa, saiba como surgiram as quadrinhas e sua

vinculação com a poesia popular. Como disse certa vez o poeta português Fernando Pessoa, a quadra é o vaso de flores que o povo põe à janela da sua alma. As quadrinhas são estrofes de quatro versos, também chamadas de quartetos. As rimas são simples. O segundo verso rima com o quarto. Os dois primeiros versos trazem uma idéia que se completa nos dois últimos. O complemento é, muitas vezes, surpreendente.

Decifra-me

As adivinhas servem para divertir, pensar e provocar curiosidade. São textos curtos, geralmente encontrados na forma de pergunta. Ouça com atenção as dicas da professora Maria Madalena Torres para você trabalhar com esse texto na alfabetização.

Na prática

Atenção! A especialista em leitura e produção de textos Kátia Regina Martins fala da importância da quadrinha, das cantigas, adivinhas e outras modalidades de textos da literatura oral na alfabetização:

- Favorecem a valorização da cultura do aluno.
- Estimulam o professor e os alunos a recolher na comunidade textos transmitidos oralmente, podendo até serem reunidos e publicados num livro da turma.
- Auxiliam a integração da oralidade expressa pelos alunos com atividades de escrita e leitura, entre outras.

Saiba mais

- Quadras, adivinhas, cantigas de roda, de ninar, parlendas e trava-línguas são as primeiras experiências que temos com o ritmo, a musicalidade e os significados das palavras. Ou seja, estas manifestações são a gênese da poesia. Sendo assim, podem servir como ponte para jovens e adultos produzirem seus próprios textos em verso.
- Levar cantigas de roda para a turma de jovens e adultos não significa infantilizá-los. Por isso, você precisa ter o cuidado para trazê-las

enquanto memória, lembrança de infância, troca de experiências de vida. Sendo textos conhecidos, permitem muitas atividades de leitura e de escrita nas turmas de alfabetização. A primeira, que parece óbvia, mas nem sempre é clara para quem está iniciando o processo de alfabetização, é perceber que podemos escrever o que falamos e que há

uma relação entre o som emitido e o texto grafado. Mesmo sem saber ler, os alunos podem identificar palavras só lembrando da música, podem perceber que as palavras repetidas oralmente são também repetidas graficamente, podem observar que os sons semelhantes das rimas são também semelhantes ao serem escritos.

Dicas de atividades

1 Jogo das quadrinhas

Textos conhecidos permitem que os alunos, ao lerem uma parte, antecipem a outra. A antecipação é uma estratégia de leitura que deve ser cultivada. Além disso, estes textos podem ser fontes de consulta e de reflexão sobre a escrita das palavras. Que tal puxar pela memória dos alunos? De que quadrinhas eles se lembram?

Você pode então organizar uma atividade, uma espécie de jogo, com esta seqüência:

1. Registrar em cartões as quadrinhas lembradas pela turma.
2. Distribuir os cartões para que sejam lidos.
3. Separar os versos de cada quadra, dois a dois, e registrar em outros cartões, criando dois grupos de cartões: o grupo 1, com os dois primeiros versos de cada quadra; o grupo 2, com os dois últimos versos.
4. Dividir a turma em dois grupos: um recebe os cartões do grupo 1; o outro, os do grupo 2. Um a um, os alunos do grupo 1 (com os cartões do grupo 1), lêem seus versos para os alunos do grupo 2. Estes devem procurar em seus cartões os versos que melhor se encaixem nos que foram lidos. Não é obrigatório recompor a estrofe original. É melhor até que isto não aconteça. Há outras possibilidades de composição, que mudam o sentido original da quadrinha. Os dois últimos versos, provavelmente, ficarão ainda mais surpreendentes. Isso diverte a classe, estimula a leitura e pode provocar várias discussões.

Com os mesmos cartões, é possível propor uma atividade de escrita, talvez

em outro dia: os alunos dos grupos 1 e 2 devem escrever os versos que lhe faltam, lembrando ou inventando. O resultado, então, é lido para toda a classe, em mais uma rodada de leitura.

2 Campeonato de adivinhas

Assim como as quadras, o repertório de adivinhas é enorme. Por isso, quando estamos trabalhando com a cultura popular, é sempre bom começar vendo o que o grupo de alunos já conhece e, a partir daí, e da troca do grupo, ampliar com leituras e outras versões. Assim, você cria espaço na sala de aula para que uns possam perguntar as adivinhas para os outros, como se faz fora da escola.

E que tal fazer um campeonato de adivinhas? Você pode, por exemplo, dividir a turma em dois grupos e propor que cada integrante do grupo 1 pergunte para um do grupo 2 responder. Ganha ponto quem der a resposta certa. E ganha, é claro, o grupo que somar mais pontos.

As regras de qualquer jogo ou campeonato devem ser discutidas previamente com o grupo. Portanto, antes de começar você deve perguntar a todos: Vai haver uma segunda chance? Ou quantas chances serão dadas? Se errar o que acontece? E se a adivinha for mal formulada, quem ganha e quem perde o ponto? Todo mundo tem que perguntar? E todos podem responder?

Depois de explorar as adivinhas oralmente, você pode propor à turma fazer um livro de adivinhas. Cada aluno ou grupo fica responsável pela escrita e ilustração de uma ou mais adivinhas e, depois, você pode organizar as

produções em forma de livro. Lembre-se que as respostas podem ser escritas na última página do livro, para serem consultadas só em último caso. É bom ressaltar que, além das adivinhas conhecidas, os alunos podem inventar outras.

3 Relembrando as cantigas de roda

Aqui estão algumas sugestões de atividades envolvendo a rememoração de cantigas. Você pode seguir este roteiro, aproveitar só algumas partes ou criar um novo roteiro, dependendo das circunstâncias e do interesse dos alunos:

- Relembrar com os alunos as cantigas de roda que cantavam na infância, as brincadeiras e passos que as acompanhavam, os amigos que participavam, comparar as diferentes versões, cantar etc.
- Listar o nome das cantigas que todos conhecem.
- Escolher uma para registrar a letra no quadro de giz ou numa folha grande de papel.
- Com o texto escrito, identificar palavras, observar as que se repetem, marcar as que terminam ou que começam com a mesma letra ou grupo

de letras (sílabas), contar o número de letras de uma determinada palavra, ver as palavras maiores e as menores, destacar uma palavra e buscar outras com som inicial, medial ou final semelhante. Escrever estas palavras no quadro, organizando-as numa lista e pedir aos alunos para marcarem o que se repete para relacionarem o som com a grafia.

- Reproduzir a letra de cantigas para os alunos fazerem atividades semelhantes individualmente.
- Reproduzir a letra de uma cantiga, deixando lacunas para os alunos preencherem com as palavras que estiverem faltando.
- Escrever cada verso de uma cantiga numa tira de papel, entregá-los aos alunos, misturados, para eles recomponem a cantiga, colocando os versos na ordem certa.
- Organizar um livro de cantigas ilustrado pelos alunos, com um espaço descrevendo como se brinca.
- Propor um encontro dos adultos com as crianças para que eles ensinem a elas cantigas e brincadeiras.
- Com a mesma melodia, criar uma nova letra para a cantiga.
- Transformar uma cantiga num texto narrativo.



Programa 4

Versos que ensinam a ler

Resumo

Neste programa, fique sabendo como trabalhar com um tipo de texto literário que abre as portas da imaginação, da fantasia e da invenção: a poesia. Entenda a importância do uso desse texto no processo de alfabetização. A poesia permite que o aluno perceba que o texto pode não ter apenas função prática, mas também uma dimensão estética, relacionada à forma e à beleza da língua. Revela ao aluno uma nova forma de usar as palavras, para interpretar o mundo e para se expressar como sujeito.

A poesia e os sentimentos

Logo na abertura do programa, observe como a poesia desperta os nossos sentimentos. Por meio dela, é possível pensar e sentir criticamente as coisas da vida e da morte, os afetos e dificuldades, os medos, sabores e dissabores. Entenda como o poeta recria a realidade por meio de versos a partir de sua experiência de vida. Lembre que a poesia não é um retrato fiel do real. É um texto aberto, que permite diferentes leituras, diferentes significados. E isso não depende apenas do conhecimento lingüístico do seu aluno, mas de sua leitura de mundo, sua percepção da vida.

O que é o poema

Atenção para o conceito: poema é um texto em que as palavras normalmente se organizam em versos, que se agrupam em estrofes. Neste tipo de texto, os elementos que dão coerência e coesão nem sempre estão explícitos, ficam nas entrelinhas, subentendidos. No poema, é intensa a presença das figuras de linguagem, da reversão da ordem e da relação entre o significado das palavras e o ritmo. O poeta elabora a sua escrita, escolhendo as palavras, levando em conta seu significado e sonoridade.

Fala repórter!

A reportagem traz a experiência de professores de três municípios do Piauí que vivenciaram, na capacitação, o contato com a poesia pelo cordel. A literatura de cordel, em alguns lugares do Nordeste, além de ter uma grande circulação, é muito apreciada pelas pessoas. Suas rimas e o ritmo dos versos são conhecidos pelos alunos que ouvem estes textos na rua, nas feiras, nas festas ou no rádio, pela voz dos cantadores. Com essa experiência, alfabetizadores se sentiram estimulados a tentar fazer seus próprios versos depois de lerem e ouvirem literatura de cordel. Os poemas escritos pelos professores são lidos nas turmas de alfabetização e se somam aos outros poemas que são oferecidos aos alunos.

Na prática

Ao apresentar um poema aos alunos é importante:

- Contextualizar a obra, trazendo alguns dados sobre a vida do autor, local e época em que viveu; você pode ainda comentar sobre o estilo do autor e a forma como ele trabalha a linguagem poética.
- Ler a poesia em voz alta com fluência e boa entonação (para isto, é preciso que você leia antes o poema).
- Permitir que os alunos apreciem o texto dando oportunidade para cada um perceber seus significados e falar sobre sua interpretação no grupo.
- Transcrever o poema no quadro ou em papel, fazer cópias para os alunos poderem ler e descobrir novos significados, além de pensar sobre aspectos formais do texto (ritmo, sons que se repetem, tamanho dos versos, significados das palavras, figuras de linguagem etc).
- Estar empenhado em ler sempre em voz alta na sala de aula. Ampliar o repertório de textos dos alunos, levando vários poemas de um mesmo autor ou poemas de autores diferentes, vendo que poemas os alunos conhecem, dando espaço para recitarem etc. Isso ajuda a chamar a atenção dos alunos, envolvê-los com o texto poético e despertar o gosto pela leitura.

Talvez você não consiga cumprir tudo que é indicado; a realidade nem sempre se molda aos nossos propósitos; mas não deixe de considerar a possibilidade de fazê-lo.

Atenção para a fita do aluno

Todas as poesias que você ouviu neste programa e muitas outras estão

Dicas de atividades

1 O que é ser poeta?

Que tal começar trabalhando com o texto poético ouvindo junto com seus alunos o poema *Autopsicografia*, de Fernando Pessoa, gravado na *Fita do aluno*? Após a audição, você pode discutir com a turma sobre o que significa ser poeta? Qual é a função dos poemas para o autor? E para o leitor? Além de discutir o significado do poema para cada um, você pode também trabalhar a forma como ele foi organizado. Como este poema é composto de quadras (estrofes de quatro versos) de sete sílabas poéticas, segue uma estrutura semelhante a das quadras populares e cantigas de roda. Nas três estrofes, o primeiro verso rima com o terceiro e o segundo com o quarto. Dá para você explorar o ritmo, chamar a atenção para as rimas e pedir aos alunos para escreverem uma outra estrofe, dando continuidade ao poema, seguindo a mesma estrutura. Você pode também propor a musicalização do poema.

2 Do que falam os poetas?

Para desenvolver essa atividade, leia para seus alunos dois poemas de Vinicius de Moraes, *Soneto de separação* e *Soneto de fidelidade*, reproduzidos neste Guia (pág 69). Observe que o poeta fala de situações que se relacionam com amor e que dão título aos poemas. Mas os poetas não falam só de amor. Embora as questões amorosas sejam a fonte de inspiração de muitos poetas, qualquer assunto pode ser tema de um poema. Além do amor, do que mais falam os poetas? Vamos procurar poemas que falem de

gravadas na *Fita do Aluno* e podem ser usadas em atividades na sala de aula. Além disso, você encontra os mesmos textos da fita reproduzidos neste Guia (págs. 62 a 70). Todos foram ilustrados, o que contribui para ressaltar a beleza da língua e a riqueza de conteúdo dos poemas. E isso ajuda a tornar seu trabalho ainda mais agradável.

Boa leitura!

outros assuntos? Você pode incentivar os alunos a perceberem que qualquer assunto pode ser tratado em forma de poema: sentimentos, histórias (de uma pessoa, de um feito) objetos, lugares, situações do cotidiano etc. Você pode propor aos alunos escreverem, em duplas, um pequeno poema sobre um tema de livre escolha. Sugestões: objetos – bola, mesa, carro, bicicleta; lugares – a cidade onde vivem, uma praia, uma praça, uma plantação; pessoas – mãe, pai, irmão, um personagem da cidade, um personagem da história; sentimentos: raiva, decepção, carinho etc.

3 Quem sou eu? Quem somos nós?

Nos poemas *Poema de sete faces*, de Carlos Drummond de Andrade, e *Quando eu era jovem*, de Fernando Pessoa, reproduzidos neste Guia (págs. 62 e 63), os autores traçam uma linha cronológica de suas vidas. A partir da leitura dos poemas, você pode pedir aos alunos para falarem de cada etapa de suas próprias vidas. Depois de uma conversa, entregue uma tira de papel comprida, dobrada em sete partes como uma sanfona, para cada aluno desenhar sete fatos que marcaram sua vida, da infância até hoje. A partir dos desenhos, cada um poderá contar os fatos em forma de poema.

4 Todo poema tem rima?

Professor, mostre aos alunos que nem todo poema tem rima. Os poemas têm ritmo, que é dado por vários recursos poéticos como: as repetições (de sons, de palavras, de versos inteiros), o tamanho dos versos, a posição, a

Dicas de atividades

sonoridade e o desenho das palavras, entre outros. Você pode utilizar, como exemplo, o poema *Quadrilha*, de Carlos Drummond de Andrade, reproduzido neste Guia (pág. 65). Pergunte aos alunos que recursos o poeta utilizou para dar o ritmo? Que movimento o poema sugere? Por que o título *Quadrilha*? Sugira a eles dramatizar o poema, contando a mesma história só que com o corpo e inventando diálogos. Você pode ainda pedir que continuem a quadrilha, criando coletivamente outros versos.

5 E agora, José?

Este poema tem a força de uma chamada. O poeta pergunta a *José* e a todos nós o que fazer diante das adversidades da vida, da falta de perspectivas. Para onde? O significado e a força do tema não deixaram o poema envelhecer; é sempre atual. Existem Josés hoje como há 30 anos. Quantos alunos são fortes como o José do poema? Quantos resistem e continuam

marchando? Para onde marcham? Quais são suas esperanças e desejos? A pergunta deixada sem resposta ecoa em todos nós: para onde?

Você marcha, José!
José, para onde?

Depois de discutir o texto, você pode fazer um mural com os alunos, afixando desenhos e frases que respondam aos dois últimos versos. Pode também escrever perguntas como: Para onde podemos marchar? Onde queremos chegar?

Este poema também permite muitas reflexões sobre sua estrutura, que pode ser analisada coletivamente ou em pequenos grupos. Não deixe de complementar essa atividade, ouvindo em sala de aula o poema gravado na *Fita do aluno*.



Programa 5

Uma viagem musical

Resumo

Em qualquer parte do Brasil, a população ouve música. Não importa o lugar, a música está sempre ali, marcando nossa memória e muitos momentos da vida. A música é um desses textos que nos comove, diverte e nos faz pensar. Por tudo isso, pode ser integrada à alfabetização, permitindo trabalhar, inicialmente, com a oralidade dos alunos, para depois desenvolver atividades de leitura e de escrita. O programa mostra como criar aulas afinadíssimas a partir de músicas que estão na memória dos seus alunos.

Música é poesia

O programa faz um convite para você integrar música e alfabetização. Primeiro, mostra que música e poesia andam juntas, embora a produção de uma letra de música seja diferente da de um poema. A diferença está na intenção do autor. O poema é escrito em versos para ser lido e tem seu ritmo marcado pelas palavras. Já na letra de música, palavra e melodia se completam. Em alguns casos, uma está tão integrada à outra, que a separação compromete tanto o ritmo da letra quanto o sentido poético da música.

Brasil musical

Neste momento, o programa mostra que o Brasil é um país musical, harmonioso, dono de um vasto repertório de músicas cujas letras são poemas de grande qualidade literária. Aprecie as letras das músicas que aparecem no programa: *Construção*, de Chico Buarque, e *Língua*, de Caetano Veloso. E fique atento ao que diz o músico Clodomir Ferreira sobre o processo de criação da música.

Fala repórter!

Nesta reportagem, conheça a experiência da professora Jamila Alves, que capacita professores de dois municípios do Ceará para utilizarem música na alfabetização. A experiência rendeu um disco, *Aprendendo e cantando*, gravado pela professora com a ajuda dos alfabetizadores. Ainda nesta reportagem, conheça o trabalho que o professor Cândido B. C. Neto vem desenvolvendo a partir de músicas de Luiz Gonzaga.

Aulas afinadas

Fique ligado nas dicas do professor Francisco Goes:

- Faça uma pesquisa do repertório musical dos alfabetizados.
- Selecione algumas músicas para ouvir com os alunos e depois organize uma discussão sobre os diferentes significados dessas músicas.
- Lembre-se que música é oralidade e que o aluno pode ter muitos registros musicais na memória. Aproveite essa capacidade para criar inúmeras atividades de leitura e de escrita a partir das músicas lembradas.

Saiba mais

- Trabalhar a poesia musical pode ser um projeto bastante interessante numa turma de educação de jovens e adultos, desde que as atividades façam sentido para o grupo, despertem a sensibilidade, permitam um novo olhar sobre as músicas conhecidas e ampliem o universo cultural dos alunos, trazendo também o novo. Todo projeto deve ter um produto final que ganha uma outra dimensão para a turma. Neste caso, seria interessante que o projeto final ou trabalho de conclusão fosse uma apresentação, um pequeno musical ou recital onde os alunos possam cantar as músicas que trabalharam, que criaram e modificaram.

1 A poesia nas músicas do cotidiano

Você pode trabalhar com letras de músicas conhecidas para que a classe observe suas características poéticas e descubra novos significados. Para isto, pode escolher uma música com os alunos e transcrever a letra.

Enquanto a música toca, com a ajuda dos alunos, você vai transcrevendo no quadro, parando e voltando a fita quando perder alguma parte. Os alunos podem acompanhar o processo copiando no caderno ou numa folha. Mas, para a cópia ter sentido, é importante que haja uma razão para ser feita, como, por exemplo, a organização de um caderno, livro artesanal ou álbum com as letras das músicas que vão compor o musical do final do projeto.

Depois da transcrição, o professor pode fazer com a turma uma leitura coletiva, com análise e discussão do texto e, sobretudo, cantar. Cabe também ilustrar a música, o que pode ser feito com desenho ou pintura.

Outra variação desta atividade é levar a cópia de uma letra de música conhecida e distribuir para cada aluno. Comece perguntado: Que música é esta? Quem conhece? Quem escreveu a letra? Quem compôs a música? Quem canta? Do que trata a letra desta música? Leia a letra para os alunos e proponha que todos cantem juntos. Depois, coloque a música para os alunos ouvirem e cantarem acompanhando com a letra. Este texto escrito pode ser material para os alunos procurarem palavras, analisarem se tem ou não rima. Pode também compor a coletânea de textos para o musical.

2 A palavra é...

Essa atividade é bem divertida. Em um saco, organize fichas de palavras (de preferência substantivos, adjetivos e verbos) que pertençam a letras de música, como por exemplo: chapéu, verdade, coração, amor, terra, vida, lua, carinhoso, manhosa, quero, dorme etc. Divida a turma em duas equipes. O desafio é ler a palavra que foi sorteada e cantar uma música em que ela apareça. Como em todo jogo, é preciso combinar previamente as regras com o grupo: Será necessário cantar a música inteira ou só o trecho onde aparece

a palavra sorteada? O que acontece se o aluno cantar apenas uma parte? Se alguém errar a letra da música, haverá uma segunda chance? Ganha a equipe que conseguir cantar mais músicas.

3 Poemas musicados

Dos poemas selecionados para compor a *Fita do aluno*, José, de Carlos Drummond de Andrade, recebeu música de Chico Buarque e o *Soneto do corifeu*, de Vinicius de Moraes, é cantado por Toquinho.

Você pode colocar as músicas dos poemas para os alunos ouvirem, apreciarem e cantarem. Pode distribuir as letras para eles irem acompanhando, ver quem sabe tocar estas músicas com algum instrumento, enfim, pode criar um ambiente descontraído.

Depois dessa sensibilização, proponha à turma escolher poemas para serem musicados. Neste momento, você pode colocar novamente a fita com os poemas declamados, para os grupos escolherem o que vão musicar. É possível também tirar cópias desses e de outros poemas que estão reproduzidos neste Guia e distribuí-los aos grupos.

É importante que os alunos tenham acesso a cópias dos poemas que vão musicar, porque precisarão fazer inúmeras consultas ao texto. Esta atividade deve ser realizada em pequenos grupos, com o cuidado de distribuir os alunos mais ligados à música, se possível, por todos os grupos. Feita a composição, o ideal seria gravar a produção de cada grupo em fitas cassete, para eles não esquecerem a melodia.

4 Mudando a música

A atividade consiste em mudar a música de uma canção conhecida. Mas você pode aproveitar para explorar a diversidade de ritmos brasileiros, ou seja, uma mesma música pode ser cantada em ritmo de samba, de *funk*, de *rap*, de axé, de bossa-nova, de baião, de música sertaneja etc. Para começar, leve músicas de diferentes ritmos para serem ouvidas e analisadas pelos alunos. Identificadas as diferenças rítmicas, proponha ao grupo: como seria

Dicas de atividades

cantar, por exemplo, *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga, em ritmo *funk*? E no ritmo de samba? Depois de um trabalho coletivo, em que os alunos cantam as músicas conhecidas em outro ritmo, o professor pode separar a turma em pequenos grupos para fazerem o mesmo. Os resultados desta atividade podem ser também gravados e incluídos no recital previsto como atividade final do projeto.

5 Mudando a letra

Você pode propor aos alunos que mudem as letras de músicas conhecidas,

mantendo a mesma estrutura do texto original. Esse recurso é muito usado em programas humorísticos de TV e, provavelmente, deve ser familiar a seus alunos. Esses programas fazem com frequência paródia de músicas para criticar fatos políticos e sociais de forma bem humorada. Ao propor a mudança de letras, você pode explorar tanto esta perspectiva cômica da paródia, quanto a análise sócio-política dos fatos. Esta atividade pode ser feita com toda a turma, em pequenos grupos ou individualmente, mas precisa ser registrada por escrito e depois reproduzida ou copiada para compor o material do recital.



Programa 6

Lendas, mitos e fábulas

Resumo

Este programa trata do mundo das lendas, dos mitos e das fábulas, em que o real se mistura à fantasia e desperta nossa imaginação. Indica como inserir esse tipo de texto no processo de alfabetização. E mostra, em que medida, abrir as portas da fantasia e da criatividade contribui para formar o cidadão. Integrar as diferentes linguagens significa deixar vir à tona os sentimentos e a emoção dos alunos. O aprendizado da leitura e da escrita pode ser uma experiência leve, sensível e divertida.

O que é lenda

Saiba, neste trecho do programa, que as lendas são histórias sem autoria conhecida. Foram criadas por povos de diferentes lugares e épocas para explicar fatos para os quais não encontravam explicações lógicas. Por meio das lendas, é possível entender como cada grupo procurou explicar o surgimento da Terra, dos homens, do dia e da noite e de outros fenômenos da natureza. As lendas também falam sobre heróis, heroínas, deuses e deusas, monstros e seres fantásticos. Atenção para a lenda sobre a origem da mandioca.

Fala repórter!

Quem não gosta de ouvir uma boa história? Você pode criar um clima em sala de aula para contar e ouvir causos, lendas e fábulas. Isso não só aproxima os alunos como os torna envolvidos num mesmo texto. Essa experiência de tirar do fundo do baú as histórias e contá-las para os alunos vem sendo experimentada por alfabetizadores da Paraíba. Depois de contar e ouvir histórias entra o momento da escrita. Os professores escrevem no quadro a história que foi sendo falada pelos alunos e, a partir do texto escrito, eles descobrem que os textos narrativos têm um começo, um meio e um fim. Percebem que é possível organizar no papel tudo o que eles conheciam de ouvido. Confira!

O que é mito

A palavra mito vem do grego e significa história ou palavra. Assim como as lendas, os mitos não têm autoria conhecida e explicam a existência do homem e os mistérios da natureza. Pelos mitos podemos entender nossos sentimentos básicos: paixão, amor, ódio e medo. Às vezes, mito e lenda são confundidos porque os limites de cada um são tênues. Para entender a diferença continue ligado no programa.

Entenda a fábula

As fábulas são histórias curtas, escritas numa linguagem simples, que têm a função de dar uma lição de moral ou valorizar um modo de agir. A maioria delas mostra situações do dia-a-dia vividas por objetos ou animais com características humanas. O comportamento desses personagens representa os defeitos, as qualidades e os vícios dos homens. Ouça com atenção a fábula de Esopo *A raposa e as uvas*.

Na prática

Você já sabe que diferentes textos narrativos, tanto da literatura oral quanto da escrita, devem fazer parte da alfabetização. A formação do cidadão também inclui o lado lúdico e expressivo da linguagem. Experimente trabalhar com esses tipos de textos:

- Leia lendas, histórias de mitos ou fábulas em sala de aula de vez em quando e/ou organize um projeto em que diferentes atividades possam ser desenvolvidas a partir destes tipos de texto.
- Prepare-se para essa atividade, lendo o texto antes de levá-lo para a sala de aula.
- Procure passar sua emoção quando estiver lendo.
- Veja que é possível até criar um certo suspense quando for o caso, permitindo aos alunos anteciparem significados.
- Crie um espaço na sala para os alunos contarem as histórias que conhecem.
- Discuta as diferentes versões de uma mesma história.

- Registre com o grupo as histórias mais significativas.
- Organize estes textos de forma que possam ser lidos por cada um.

Saiba mais

Você quer ler lendas para seus alunos? Então aprecie as lendas brasileiras

escritas por Clarice Lispector e reproduzidas neste Guia (págs. 57 a 61). Para enriquecer ainda mais o seu trabalho, ouça com os alunos essas lendas que foram gravadas na *Fita do aluno* por atores conhecidos da televisão e do teatro brasileiros. Há também inúmeros livros de fábulas com versões e traduções diversas. As fábulas mais divulgadas são de Esopo e de La Fontaine. Monteiro Lobato também reuniu algumas em seu livro *Fábulas*.

Dicas de atividades

1 Vamos fazer um livro?

O objetivo desta atividade é registrar por escrito histórias narradas pelos alunos sobre sua infância e depois montar, ou editar, um livro de contos da turma. A troca de histórias pode ser estimulada numa conversa em círculo ou com leituras.

Organize a turma, se possível, em trincas, para que se lembrem das histórias contadas. Cada grupo deve escolher uma para fazer parte do livro. O interessante da trinca é que um pode ditar a história, o outro escrever e um terceiro ir lendo e sugerindo alterações.

Quando as histórias estiverem escritas, será necessário que você faça uma revisão com cada grupo. Lembre-se: a revisão é obrigatória em qualquer publicação. Seu objetivo não é só corrigir erros ortográficos, mas também possibilitar uma melhor legibilidade. Depois de revisado, o texto deve ganhar uma versão final: pode ser digitado ou passado a limpo na folha de papel que será incorporada ao livro. É importante incentivar os alunos a ilustrarem a história com desenhos ou pinturas.

Caso haja possibilidade, você pode xerocar um exemplar do livro para cada aluno. Mas, para obter uma boa cópia, é recomendável usar caneta preta nos textos e ilustrações. Outra solução é reproduzir o livro no mimeógrafo a álcool. Neste caso, textos e desenhos terão que ser gravados na matriz. Monte com os alunos a capa, a contracapa, o índice e uma apresentação.

O livro pronto deve circular, ou seja, deve ficar acessível à leitura tanto dos alunos da turma, quanto dos outros alunos da escola, parentes e amigos.

2 A identidade do mito

Saci Pererê, Caipora, Mula-sem-Cabeça, Curupira, Boitatá, Iara, Lobisomem... Cada mito tem características próprias e participa de diferentes histórias. O objetivo desta atividade é conhecê-los e depois contar histórias em que apareçam. Para começar, ouça os alunos. Que mitos eles conhecem e o que sabem sobre cada um. Para complementar as informações, seria interessante ler para a turma algumas partes do livro *O Saci*, de Monteiro Lobato, pois todos estes mitos são descritos de forma bastante interessante pelo autor.

Depois, divida a turma em pequenos grupos e distribua um mito para cada grupo organizar uma ficha do personagem – como uma carteira de identidade. Na ficha deve constar o nome do mito, suas características físicas e de comportamento, e seu retrato – que os alunos podem desenhar. Preparada a ficha, cada grupo se organiza para contar aos outros uma história do seu mito. Os grupos podem fazer isso de diversas formas: teatro, teatro de bonecos, filme de TV (desenhos que vão sendo passados numa caixa de papelão), narração do próprio personagem (um boneco ou um dos participantes vestido como o mito) etc.

3 Uma lenda brasileira

Ouçá com a turma a lenda *Como nasceram as estrelas*, de Clarise Lispector, que está na *Fita do aluno*. A partir da audição, converse com os alunos sobre o tema da lenda: Como os índios explicam o nascimento das estrelas? Será que há outras explicações para o nascimento das estrelas? Como vocês acham que nascem as estrelas?

Coloque as diferentes hipóteses e teorias em discussão e depois lance a questão: E como a ciência explica?

Busque em livros informativos ou enciclopédias as diferentes hipóteses sobre a formação do universo. E monte com a turma um texto coletivo sobre as discussões, confrontando as explicações.

Outra atividade possível: reescrever coletivamente a lenda que foi ouvida.

4 Outras lendas

As lendas explicam fenômenos da natureza, feitos, situações do cotidiano ou fatos incomuns da vida de pessoas que se destacaram por algum motivo (heróis, santos, políticos etc). Todo lugar tem seus personagens lendários, seus vultos de grandes feitos. Por exemplo, há inúmeras histórias sobre Lampião e seu bando, que ganharam a dimensão de lenda, pelas ampliações dadas por cada narrador, misturando realidade com fantasia.

Faça uma pesquisa com seus alunos sobre as lendas locais. Esta é uma boa atividade para valorizar a cultura local e para o grupo pensar sobre as

inúmeras questões que as lendas suscitam. São vários os registros que podem surgir a partir das lendas: listagem das lendas conhecidas, “reescrita” de algumas lendas (pode ser individual, em pequenos grupos ou coletiva); painel com desenhos dos personagens, entre outros. Você também pode procurar livros de lendas e ler para a turma. A leitura diária do professor para os alunos deve ser cultivada.

5 As fábulas e seus ensinamentos

As fábulas têm uma lição de moral ou um ensinamento de vida. Primeiro, você pode ler e discutir os ensinamentos, familiarizando os alunos com a linguagem desses textos, em que animais e objetos são os personagens das histórias. Depois, os alunos podem inventar fábulas a partir de ensinamentos ou ditos populares.

Exemplos de ensinamentos ou ditos para os alunos criarem suas fábulas: quem tudo quer, tudo perde; quem ama o feio, bonito lhe parece; quem com ferro fere, com ferro será ferido; quem espera sempre alcança; os amigos provam-se nas horas difíceis; devagar se vai ao longe; antes tarde do que nunca; Deus ajuda, quem cedo madruga.

Seria interessante também propor títulos para os alunos reinventarem as fábulas, dando outras versões e lições como, por exemplo: o papel e a tinta; a agulha e a linha; o leão e o ratinho; o lobo e a raposa, a língua e os dentes; a aranha e o buraco da fechadura; o sapo e o escorpião; o leão e o cordeiro etc.



Programa 7

Contos e crônicas

Resumo

Neste programa, prepare-se para fazer uma viagem pelo mundo literário – uma experiência que nos faz ir além do tempo e do espaço vividos. Descubra como a alfabetização pode ser rica e prazerosa quando o trabalho de leitura e de escrita é apoiado em contos e crônicas. No programa, você encontra sugestões de atividades a partir destes tipos ou gêneros de texto.

Como despertar o gosto pela leitura

Logo de início, o programa mostra como o professor pode despertar no aluno o gosto pela literatura. O ponto de partida é você, professor. Que tal entrar no jogo da ficção junto com seus alunos? Escolha boas histórias para ler diariamente para eles e deixe a imaginação tomar conta da sala de aula.

Fala repórter!

Nesta reportagem, conheça o trabalho de alfabetizadores de oito municípios do Nordeste que, com a ajuda das professoras Vivian Marinho e Tânia Gonçalves, da Universidade de São Paulo, passaram a ensinar seus alunos a partir da leitura de poemas, romances e contos. Primeiro, os professores foram sensibilizados para o texto literário nos cursos de formação. Saiba os resultados dessa experiência ouvindo a reportagem até o fim.

O que é conto

Por ser uma narrativa breve, curta e centrada em um episódio, o conto é um

tipo ou gênero de texto literário bem apropriado para se usar na alfabetização. Entenda melhor suas características e a forma de construção de sua narrativa neste trecho do programa.

O que é crônica

As crônicas são relatos de fatos do cotidiano. Em geral, são publicadas em jornais ou revistas. Mas o cronista não se limita a trazer a notícia, como um repórter. Ele expõe seu ponto de vista frente aos acontecimentos. Ouça o depoimento do cronista Rogério Menezes e entenda como é construída a narrativa desse tipo de texto.

Na prática

- O objetivo principal do trabalho com o texto literário é o encantamento, a entrada no mundo ficcional. Por isso, valorize as interpretações dos alunos sobre o texto. Na discussão, cada um pode dar um significado ou sentido ao que leu ou ainda ter uma observação pessoal sobre como o autor trabalhou o texto. Esse diálogo desenvolve senso crítico e a capacidade argumentativa de seus alunos.

Saiba mais

Junto com esta série de programas, você encontra quatro crônicas e quatro contos para serem trabalhados em sala de aula. Eles estão reproduzidos neste Guia (págs. 71 a 84) e gravados na *Fita do aluno* por conhecidos atores do teatro, do cinema e da TV. As crônicas são de Rachel de Queiroz (*Menino pequeno e Um alpendre, uma rede, um açude*) e de Rubem Braga (*Meu ideal seria escrever e Viúva na praia*). Os contos são de Machado de Assis (*Um apólogo e Um bilhete*) e de Marina Colasanti (*A moça tecelã e Onde os oceanos se encontram*). Não deixe de apreciar estes textos. Boa leitura!

1 Ouvir também é ler

Há muitas diferenças entre um texto oral e um texto escrito. Quando escrevemos, temos mais tempo para pensar e arrumar as palavras, escolhendo a melhor forma de dizer o que pretendemos. Para inserir os alunos no mundo letrado é importante que eles tenham a oportunidade de ouvir textos escritos dos mais diversos tipos. Você deve ler para seus alunos todos os dias. Ao ouvir os contos e crônicas, eles são convidados à introspecção, a entrar no mundo imaginário onde as palavras ganham novos arranjos e significados. Por isso, professor, aproveite os contos que estão na *Fita do aluno* para simplesmente serem ouvidos. A simples audição já é uma grande atividade de leitura. Priorize o momento de encantamento e depois deixe o grupo livre para dizer o que sentiu, o que entendeu e o que pensou.

Outras atividades podem ser feitas a partir dos contos ouvidos. Se os alunos gostarem, leia outros textos do mesmo autor ou gênero, amplie o repertório de leitura da turma. Não se esqueça também de que os alunos precisam conhecer textos literários interessantes, que eles no início de seu processo de alfabetização não conseguem ler sozinhos e que muitos não tiveram a oportunidade de perceber que a leitura não se limita à resolução de questões funcionais do cotidiano.

2 O fio da história

Com os alunos sentados em círculo e você, professor, sentado junto com eles, com um rolo de barbante, comece a contar uma história. Segure o fio e jogue o rolo para um aluno. Este deve continuar a história e jogar o rolo para um colega. Cada um que recebe o rolo continua a história até o último finalizar. Todos vão ficar segurando o fio e o espaço do círculo vai ficar todo trançado, como uma teia.

Para enrolar o barbante de novo, o último vai enrolando até o penúltimo e

assim por diante, só que, ao irem enrolando, vão reconstituindo a história. Depois disto, cada aluno registra uma parte da história com desenhos e textos e, no final, você organiza com a turma a seqüência da história e pendura num varal.

3 Usando a imaginação

Esta atividade pode ser feita com objetos, com fotografias e/ou figuras de revista ou sons (feitos a partir de objetos que sirvam como sonoplastia; por exemplo, arroz caindo numa bacia imitando chuva).

Fazendo roda com os alunos, coloque os objetos, as figuras e o material de som no centro, e incentive os alunos a criar uma história a partir dos elementos selecionados. Exemplo: Era uma noite de lua cheia, chovia muito (barulho da chuva), Pedro estava sozinho em casa. De repente ouviu um barulho (outra sonoplastia) etc. A idéia é possibilitar que os alunos soltem a imaginação. Depois, você pode propor que escrevam, em duplas ou em grupos, outra história, reorganizando os elementos. Depois, cada dupla ou grupo lê a história para a turma e se discute a diversidade, como cada um montou a narrativa do seu próprio jeito.

4 Trabalhando com um conto

Ouçã com os alunos o conto *Um apólogo*, de Machado de Assis, que está gravado na *Fita do aluno*. Depois, discuta com a turma o diálogo entre a agulha e a linha. Relacione o diálogo dos personagens à última frase do texto (frase dita pelo professor: “Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária”). Divida o quadro em duas partes e liste, a partir das falas dos alunos, o que faz a linha e o que faz a agulha. Qual é o papel de cada uma? Depois pergunte: E na vida, quem são as linhas e as agulhas? Por quê? Em que situações nos sentimos como linhas? E como agulhas? Cada aluno pode registrar uma frase que responda a estas perguntas e você pode montar um mural coletivo: Sou agulha quando... Sou linha quando...

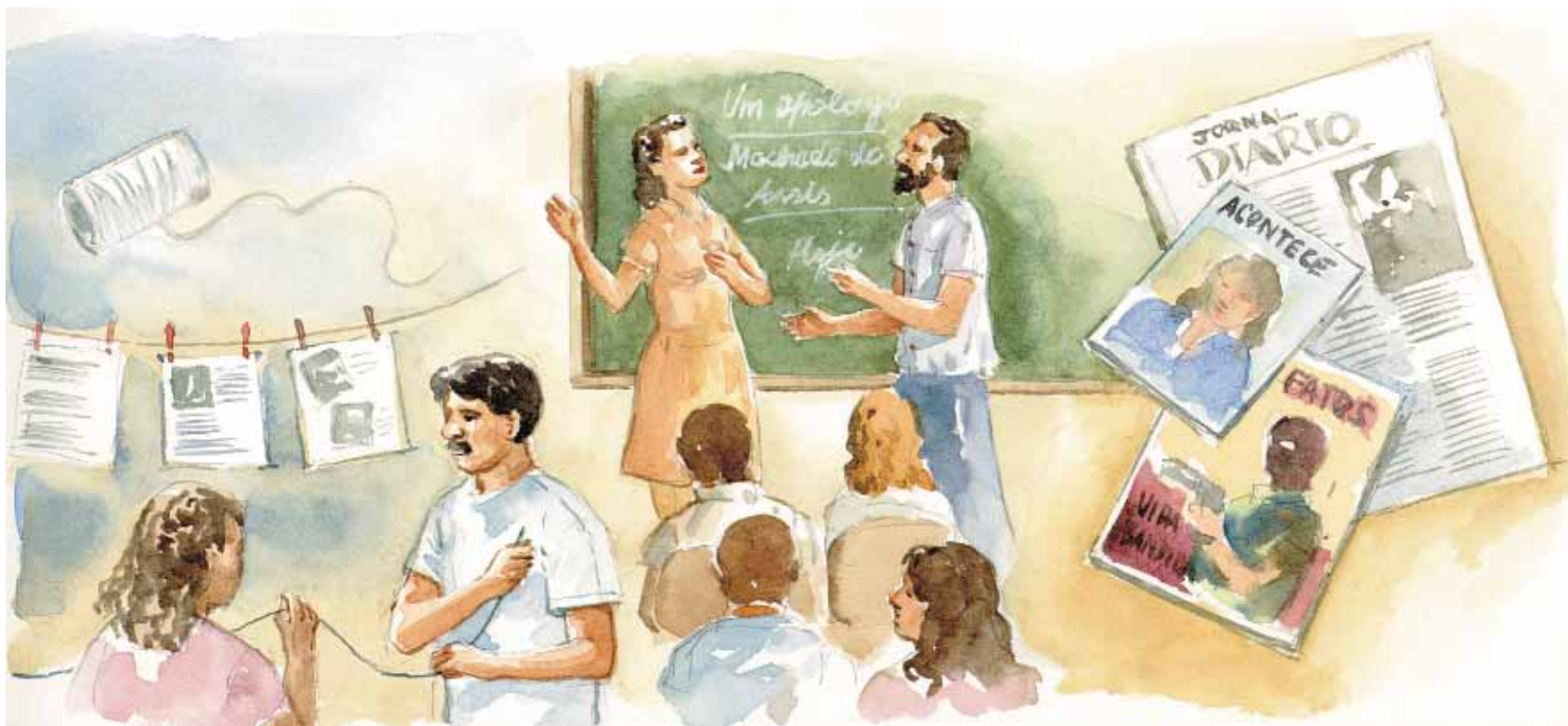
5 Trabalhando com uma crônica

Para que os alunos aprendam a conhecer este tipo de texto, é preciso que você leia para eles ou que eles ouçam a *Fita do aluno*, onde há crônicas interessantes. Por exemplo:

- A crônica de Rubem Braga *Viúva na Praia* é boa para trabalhar a questão do corpo – é um texto visual.
- A crônica de Rachel de Queiroz *Um alpendre, uma rede um açude*

descreve a casa, o lugar onde ela mora, permitindo ao leitor visitar aquele lugar e imaginar a paisagem nordestina. Isso pode instigar os alunos a fazerem descrições de paisagens a partir de suas casas.

Como as crônicas estão nos jornais ou revistas, e trazem os fatos políticos ou situações do cotidiano de acordo com o olhar do cronista, você pode selecionar algumas, ler para o grupo e discutir a versão dada aos fatos. Depois, a turma pode expor seu ponto de vista e escrever uma crônica coletivamente.



Programa 8

O jornal nosso de cada dia

Resumo

Neste programa, você encontra um pouco da história do registro de mensagens e de notícias para divulgação. É só o começo para você entender a importância do jornal na vida social. Saiba também como esse texto informativo pode ser integrado ao processo de alfabetização, ouvindo o relato da experiência de outros professores. Alunos que aprenderam a ler e escrever por meio do jornal dão depoimentos emocionados. Fique ligado!

A origem da notícia

O programa começa com um pequeno histórico sobre a necessidade do homem de se informar e de se comunicar. Até o surgimento da imprensa escrita, foram experimentados vários meios para transmitir notícias e informações. Conheça neste programa a trajetória do jornal – de combativos e revolucionários a objetivos e imparciais.

Como escrever a notícia

Saiba como é organizado o texto informativo da notícia, ouvindo o depoimento da jornalista Márcia Marques.

Seções de um jornal

Neste trecho do programa, entenda como o jornal é organizado, em várias partes e seções. A primeira página apresenta um resumo das principais notícias de uma edição. Nas páginas seguintes, as notícias são organizadas por assuntos, em seções e cadernos. Dependendo da política editorial, um jornal pode ter uma seção para assuntos da cidade, outra de política, economia, mundo, um caderno de cultura, cadernos especiais e, ainda, a seção de classificados, onde se anuncia a venda e compra de objetos e serviços.

Fala repórter!

Muitos professores já usam, o jornal para ensinar a ler e escrever – e com sucesso. Conheça a experiência da professora Telma de Faria, alfabetizadora de uma cidade satélite de Brasília. Ela dá detalhes dos seus procedimentos em sala de aula. E fique atento aos depoimentos de alunos que passaram por essa experiência e estão conquistando, aos poucos, a capacidade de ler com autonomia outros textos informativos.

Saiba mais

Nos textos jornalísticos predomina a função informativa da linguagem e o compromisso com a atualidade. Sua intenção é, basicamente, difundir fatos, idéias e opiniões sobre os mais variados temas. Um jornal é composto por diferentes textos organizados e diagramados nas páginas de forma estratégica. A localização, o tamanho das letras e fotos, o apelo das manchetes, tudo isto sugere ao leitor o que está sendo destacado pelo periódico.

Entre os textos jornalísticos destacam-se:

- **Notícia** – transmite informações sobre acontecimentos ou pessoas. Deve conter todos os dados necessários para o leitor compreender a informação sem precisar recorrer a textos anteriores. De estilo formal, escrito em terceira pessoa, o texto de noticiário é geralmente sucinto e objetivo.
- **Reportagem** – é o texto informativo em que o jornalista, exercendo o papel de repórter, narra um determinado fato – político, econômico, esportivo, cultural ou outro – ouvindo em geral pessoas relacionadas de algum modo com esse fato. Pessoas também podem ser tema de reportagem ou uma variação desta, o perfil, no qual se descreve como é e como vive determinado personagem de interesse público.
- **Entrevista** – é o texto de um diálogo entre o repórter e determinado personagem, que dá informações ou opiniões sobre um ou mais assuntos. É apresentado, geralmente, com uma parte introdutória, que resume os aspectos mais significativos da conversação, seguida pela transcrição dos principais trechos do diálogo.

- **Artigo de opinião** – contém comentários, avaliações e expectativas sobre um tema em questão. Nesta categoria, estão os editoriais, artigos de análise ou pesquisa e as colunas assinadas, que levam o nome de seu autor. Os editoriais expressam a posição política e ideológica adotada pelo jornal. Os artigos assinados e as colunas transmitem as opiniões de

seus redatores, que nem sempre coincidem com as do jornal. Os artigos de opinião, além de terem uma intenção informativa, são textos predominantemente argumentativos, que permitem o uso de recursos de linguagem, mais subjetivos, normalmente evitados no noticiário e nas reportagens.

Dicas de atividades

1 Para que serve um jornal?

Antes de explorar mais detalhadamente um jornal, você pode perguntar aos alunos para que serve um jornal. Discuta sobre as diferentes utilidades do jornal e sua importância e interesse na vida deles. O que encontramos num jornal? O que nos informa esse meio de comunicação? Quem costuma ler jornal? Quando lê? Que parte gosta de ler? Que partes são interessantes? Para esta discussão, é importante que o professor tenha um jornal na sala e que leia partes da publicação para os alunos. Também cabe discutir as semelhanças e diferenças entre um jornal (ou revista) impresso e um telejornal ou um jornal do rádio. Ao ler alguma notícia, pergunte em que outros lugares as notícias são divulgadas. Aproveite para estimular a troca de informações ouvidas no rádio e nos telejornais. Você pode pedir aos alunos para assistirem previamente um telejornal ou ouvirem um jornal do rádio, deixando a turma falar sobre o que chamou mais a atenção no noticiário.

2 O jornal, detalhe por detalhe

Mostre aos alunos as partes que compõem o jornal, da primeira página aos classificados. Procure observar o que caracteriza cada caderno ou seção. Se tiver acesso a jornais diferentes de um mesmo dia, distribua entre os alunos, divididos em grupos pequenos (cerca de cinco, de preferência) e peça que eles comparem as publicações. O que é semelhante, o que não é? Analisando uma ou mais publicações, proponha aos grupos que respondam às perguntas indicadas a seguir, importantes para os alunos fazerem uma

observação minuciosa e compreender melhor como são um jornal e os gêneros de texto que veicula.

1. Qual é o nome do jornal?
2. Em que ano começou a circular? Onde você encontrou esta informação?
3. Quanto custa? Onde está escrito o preço?
4. Qual é o endereço do jornal? Onde isto está escrito?
5. Observando a primeira página:
 - a) Quais são as manchetes?
 - b) Quantas fotos tem?
 - c) Qual é a foto maior?
 - d) Por que você acha que colocaram esta foto grande?
 - e) Como são os textos desta folha?
 - f) Em que diferem dos textos das outras páginas?
 - g) Que notícia desta primeira página mais lhe chamou a atenção. Por quê?
6. Quantos cadernos tem o jornal? Que nome recebe cada caderno?
7. Quais os nomes das seções do primeiro caderno?
8. Em que caderno encontramos a programação cultural?
9. O jornal tem classificados? Como estão organizados?
10. Há alguma charge ou cartum? O que você entendeu desses gêneros de ilustração?
11. Destaque um artigo que lhe chamou atenção. Discuta-o com seu grupo.

3 Como são os textos do jornal

Vamos procurar no jornal tipos de textos diferentes? Estimule seus alunos a encontrarem: um anúncio, uma notícia, uma entrevista, uma carta, um artigo de opinião. E, em cada texto, observarem as características de forma e conteúdo; as funções que exercem e sua intencionalidade.

4 Análise de uma reportagem

A reportagem *Sonho e realidade em Veneza – Curso de aperfeiçoamento vai transformar operários de restauração em professores*, publicada no Jornal do Brasil em 1º de setembro de 2001 está reproduzida neste Guia (pág. 85). Antes de ler o texto para a turma, é interessante que você faça alguns comentários com os alunos. Quando pegamos um jornal para ler, são as manchetes que chamam a atenção. Elas são uma espécie de título, que tem a função de resumir o que será desenvolvido na reportagem ou em outros textos. Dificilmente alguém lê tudo que está escrito num jornal. Geralmente selecionamos o que vamos ler pelas manchetes da primeira página do jornal e de cada seção.

Ao ler a manchete *Sonho e realidade em Veneza*, o que podemos imaginar que estará escrito no miolo do jornal? Veneza é uma cidade. Quem sabe onde ela fica? O que pode haver lá que possa unir sonho e realidade? Se os alunos não souberem nada sobre Veneza, cabe a você, professor, informar que se trata de uma antiga cidade da Itália, cortada por canais, que abriga prédios de grande valor arquitetônico e histórico – um patrimônio da

humanidade, preservado, cantado em verso e prosa por muitos escritores. Se tiver acesso a fotografias e filmes rodados na cidade (*Morte em Veneza*, *Assédio* e muitos outros), mostre à turma.

A leitura do subtítulo ou olho da manchete – *Curso de aperfeiçoamento vai transformar operários de restauração em professores* – permite novas antecipações de sentido. O que é restauração? O que faz um operário de restauração? Como um curso de aperfeiçoamento pode transformar um operário em professor? Após todas estas discussões, os alunos já entraram no assunto e a leitura da reportagem passa a ser uma amplificação do que, se supõe, já foi antecipado pelo grupo. Depois da leitura, você pode provocar outras discussões a partir das informações do texto. É importante saber que os textos são enunciações e que, portanto, são espaços de interação entre as pessoas. Qualquer texto suscita um diálogo, a interpretação é uma réplica. Ler é buscar significados, é interagir. Depois de lerem o texto (como leitores-ouvintes) e discutirem coletivamente, os alunos podem emitir opiniões por escrito (individualmente, em pequenos grupos ou num texto coletivo): o que mais chamou a atenção de vocês neste texto? O que acharam da proposta deste curso de restauração em Veneza ter diferentes profissionais? Vocês consideram importante aprender diferentes técnicas de restauração fora do Brasil? Por quê? Vocês conhecem algum prédio, quadro, móvel, objeto de valor histórico e interesse público que necessitaria de uma restauração?



Programa 9

Enciclopédia, biografia e dicionário

Resumo

É comum, nas turmas de alfabetização, surgirem dúvidas e perguntas dos alunos sobre os mais diversos assuntos. Alguns querem saber como se escreve uma determinada palavra ou qual seu significado; quem inventou o avião ou o que é diabetes. Saiba neste programa como responder a estas e outras perguntas, e aproveitar esses momentos para desenvolver atividades de leitura e de escrita. O programa aborda o uso da enciclopédia, biografia e dicionário na alfabetização de jovens e adultos.

O que é enciclopédia

O programa começa mostrando a importância dos livros de consulta no processo de alfabetização. Destaca neste trecho o valor dos textos de informação científica, contidos em enciclopédias, revistas, jornais e outros meios, para a formação dos alfabetizandos. As enciclopédias, em particular, possuem uma organização das informações em torno de blocos de assuntos: história, política, geografia. Em geral, os textos dos assuntos destacados são acompanhados de ilustrações e gráficos.

Dicionário tem lugar privilegiado

O dicionário não pode faltar em sala de aula, diz a especialista em leitura e produção de texto Kátia Regina Martins neste trecho do programa. E atenção para uma recomendação importante: ajude o aluno a se sentir à vontade diante do dicionário, a ganhar intimidade com consultas freqüentes. O dicionário é o companheiro de quem deseja conhecer melhor sua língua.

Fala repórter!

A reportagem apresenta a experiência de professores que estimulam alunos a esclarecer suas dúvidas consultando dicionários e enciclopédias. A atividade traz

benefícios tanto para alunos quanto para professores. Saiba também como alfabetizadores do município de Niterói, no Rio de Janeiro, estão tendo uma ajudinha das biografias para escrever sua própria história. Confira os detalhes, ouvindo a reportagem até o fim.

O que é biografia

A biografia é uma narrativa sobre a vida de uma pessoa (autobiografia, se é contada por ela mesma) articulada em função de uma linha temporal dos fatos mais significativos. Quer dizer, a história da pessoa é narrada desde o seu nascimento, passando pela infância, adolescência e a vida adulta. Nas biografias, os fatos citados e os dados apresentados procuram ser fiéis, o mais possível, ao que realmente aconteceu na vida do biografado. Por isto são consideradas textos informativos.

Importância das bulas de remédio

A curiosidade, a busca e a troca de informações fazem parte do cotidiano da sala de aula e você, muitas vezes, é quem faz a ponte entre os alunos e diferentes conhecimentos.

Em sua sala pode haver, por exemplo, alunos que sofram de alguma doença crônica, como pressão alta, diabetes ou problema no coração. É natural que eles mostrem curiosidade em saber um pouco mais sobre essas doenças. Que tal se preparar para esse desafio? Ouça o trecho do programa que trata do assunto.

Na prática

- Quando um assunto de Ciências, História, Geografia ou Matemática fizer parte das discussões da sala de aula, desperte a curiosidade dos alunos. Você pode pesquisar o assunto e levar as informações para a turma. Pode, também, pedir para eles pesquisarem em diferentes fontes e não apenas nos livros didáticos. Pode ir com a turma à biblioteca, pode passar um vídeo sobre o assunto ou, se tiver um computador à disposição, pesquisar na internet.
- Adquirir informações científicas não deve ser visto meramente como uma tarefa escolar, mas como um processo de formação do sujeito, de melhoria de vida, um meio para compreender melhor o mundo.

1 Como aprender a ordem alfabética

Enciclopédias, dicionários e catálogos, entre outras publicações de referência, estão organizados em ordem alfabética para facilitar a consulta. Mas a ordem alfabética tem suas regras, que precisam ser aprendidas. É necessário então dedicar a isto algumas atividades de familiarização:

- Comece a observação das regras da ordem alfabética a partir da lista de nomes da classe. Você pode distribuir a cada aluno uma ficha com seu nome e pedir para afixá-la no quadro em ordem alfabética. O desafio acontece quando mais de um nome começa com a mesma letra e quando os alunos têm dois nomes, sendo os primeiros nomes iguais. Antes de explicar a regra é interessante perguntar que soluções eles sugerem e, depois de discuti-las, caso a solução convencional não tenha surgido, você pode mostrar qual é.
- Com a turma dividida em grupos, você pode distribuir catálogos telefônicos e pedir para os alunos procurarem um determinado nome na lista. Caso tenham telefone e a lista seja da cidade deles, podem procurar o nome dos colegas da turma. Ao fazer esta atividade, você pode ir explicando algumas características da lista telefônica, como, por exemplo, as abreviações das páginas iniciais, os telefones de emergência e as informações que fornecem além do número do telefone etc.
- Ainda para aprender a usar a ordem alfabética, você pode distribuir também enciclopédias e dicionários e fazer a mesma atividade anterior.

É importante que estas atividades de mero reconhecimento sejam feitas em forma de jogo, já que estão servindo apenas para os alunos se familiarizarem com o material e não para utilizá-lo realmente. O dicionário, por sua vez, vai exigir um pouco mais de explicações e observações. As páginas iniciais dos dicionários contêm uma série de informações sobre as abreviações, classes gramaticais, derivações das palavras etc. Neste momento inicial da alfabetização, o mais importante é

explicar que o dicionário está organizado em verbetes. Cada verbete inclui a palavra-base em negrito disposta em ordem alfabética, seus significados (numerados com 1, 2, 3 etc.) e sua classificação gramatical (abreviada em itálico). Nas turmas de alfabetização, o objetivo é ensinar o uso do dicionário, ou seja, os alunos precisam saber para que serve um dicionário, como procurar uma palavra e como escolher o significado que é mais adequado ao contexto da palavra que consultam.

O trabalho com a língua, oral ou escrita, deve levar em conta a reflexão sobre a própria língua. Isto inclui a compreensão de que uma palavra pode ter mais do que um significado e que este, por sua vez, depende do contexto em que a palavra foi enunciada, ou seja, não se pode dissociar a palavra do seu contexto.

2 Como relatar uma experiência

Nos livros de Ciências, há inúmeros exemplos de experiências a serem desenvolvidas na sala de aula. A observação do experimento e registro por escrito dos passos de cada transformação, das dúvidas e conclusões, é muito importante, dá consistência aos estudos. A linguagem escrita perpassa todas as áreas, sendo uma importante ferramenta para a ampliação da memória, para a reflexão, para a elaboração de hipóteses, análises e sínteses.

Em cada experiência realizada em sala de aula, os alunos podem listar os materiais utilizados, as etapas e os procedimentos; podem anotar o tempo, as transformações que observaram e outras informações necessárias. Por exemplo, você pode propor o plantio na terra e no algodão de sementes de feijão ou milho, e registrar diariamente as transformações com desenhos e textos. Depois pode comparar: Qual germinou primeiro? Quanto tempo as folhas demoraram para nascer? O que é necessário para uma semente germinar? E para ela se desenvolver?

As experiências podem ser modelos como um terrário e um sistema solar feito de bolas, mas podem também surgir de discussões. Certa vez, numa turma de adultos, um dos alunos afirmou que pedra cresce. Os argumentos

dele eram bastante interessantes, mas não tinham consistência científica. Antes de trazer as informações sobre a formação e características dos minerais, o professor propôs a observação de uma pedra. Mediram a pedra, anotaram as medidas e, diariamente, observavam a pedra e faziam novas medições. Depois de um certo tempo chegaram à conclusão de que a pedra não havia crescido. E assim o professor recorreu aos textos informativos para saber a origem das rochas, seus diferentes tipos e composições etc.

3. Diferenciando e ampliando as informações

Que diferenças existem entre uma narrativa ficcional e uma narrativa cujo objetivo é a informação científica? Você pode desenvolver com os alunos uma atividade que permita deixar as diferenças bem marcadas, propondo, por exemplo, que o mesmo assunto seja abordado de forma ficcional e de forma científica. Sugestões:

- Após a leitura da fábula *A cigarra e a formiga*, você pode pesquisar com os alunos sobre a vida das formigas e das cigarras e analisar com eles como estas características aparecem na fábula. Depois de ler em diferentes livros informativos, enciclopédias e de assistir filmes sobre estes bichos, os alunos podem fazer uma ficha sobre cada um, com as principais informações que obtiveram: Como e onde vivem? Qual é seu habitat? Do que se alimentam? Como se reproduzem? Como é seu ciclo

vital? Esta atividade pode desencadear, por exemplo, num estudo sobre insetos, gerando mais fichas. Também pode ser discutida a questão da formiga no campo, os danos que causam à plantação, o uso inadequado de formicida, os seus predadores naturais e a questão do equilíbrio ecológico.

- Um fato histórico também se presta a este confronto entre texto científico e texto ficcional. O historiador, para descrever um fato, recorre a fontes históricas como documentos escritos, objetos e depoimentos de quem viveu o acontecimento. A partir dos dados que obteve escreve o relato histórico. Um texto ficcional pode se valer de fatos que aconteceram, mas não tem como objetivo a precisão da informação. Podemos, por exemplo, inventar histórias sobre como foi o contato dos índios com os portugueses quando estes chegaram às terras que seriam o Brasil. Podemos imaginar o que os índios e os próprios portugueses devem ter pensado quando se viram, mas os historiadores nos informam sobre as impressões baseados na carta de Pero Vaz de Caminha, um importante documento histórico. O professor pode ler o trecho da carta de Pero Vaz de Caminha, que conta como eram os índios e como foi o primeiro contato dos portugueses com eles e depois pedir aos alunos para imaginarem como seria uma carta dos índios sobre este primeiro contato. Esta carta imaginária pode ser escrita coletivamente e depois se discutir as diferenças entre a ficcional e a histórica.



Programa 10

Receitas, manuais e bulas

Resumo

A receita de bolo, o manual do eletrodoméstico, a bula do remédio são textos instrucionais que fazem parte do nosso cotidiano. Precisamos deles em algum momento da vida. E, por isso, não podem faltar na alfabetização. Neste programa, entenda como são organizados os textos instrucionais e que tipo de atividades podem ser desenvolvidas a partir deles.

O que é um texto instrucional

Os textos instrucionais contêm orientações precisas para realizar algumas tarefas como jogar, cozinhar, cuidar de plantas ou de animais, montar um brinquedo, consertar um motor ou acionar uma máquina no trabalho. Alguns são mais fáceis de entender, outros nem tanto. Um bom exemplo são as bulas de remédio, sempre cheias de termos técnicos. Apesar dessa dificuldade, podem ser discutidas em sala de aula. Entenda como são organizados os textos instrucionais, ouvindo este trecho do programa.

Entendendo receitas e manuais

As receitas e os manuais costumam ser divididos em duas partes. Uma contém listas de elementos a serem utilizados, ingredientes, ferramentas, peças. A outra explica como proceder. É comum que as instruções sejam dadas na forma

imperativa: “misture a farinha ao ovo”. Ou na forma infinitiva: “misturar à massa duas colheres de manteiga”. Você pode até organizar um livro de receitas com sua turma. Os detalhes você confere neste trecho do programa.

Fala repórter!

A repórter conta a história de professores de três municípios do Rio Grande do Norte que estão incorporando receitas de alimentos e de chás caseiros à rotina da alfabetização. As professoras Dayse Carla Martins, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e Vivian Marinho, da Universidade de São Paulo, acompanham esse trabalho. Elas contam que a receita se transformou em objeto de pesquisa para os alunos. Muitos coletaram suas receitas preferidas. Esse material foi reunido em um livro organizado pelos professores. Confira os detalhes, ouvindo a reportagem até o fim.

Um recado especial

Para encerrar a série de programas, o alfabetizador Airan Almeida Lima deixa um recado para você:

- As pessoas não chegam à sala de aula como tábua rasa e sim com conhecimentos adquiridos em sua vivência. E isso deve ser considerado em todas as atividades de leitura e de escrita.
- A educação de jovens e adultos tem o compromisso de contribuir para que os alunos reflitam sobre sua vida e possam transformar os obstáculos em oportunidades de aprendizagem.

1 Ler e escrever manuais

Você e seus alunos podem levar manuais para serem lidos e analisados em sala de aula. Como vimos, os manuais têm como objetivo descrever os procedimentos para o sujeito realizar alguma tarefa. Ler manuais sem realizar os procedimentos é uma atividade de mera observação e reconhecimento deste tipo de texto, que serve para os alunos conhecerem práticas de leituras as quais muitas vezes não têm acesso. Mas a idéia de levar estes textos para a sala é propor que o grupo faça manuais ou recorra a eles quando precisar aprender a fazer alguma coisa. A produção de manuais deve estar inserida em projetos mais amplos e exercendo suas funções reais.

2 Observação de embalagens

O trabalho com embalagens de produtos pode seguir muitas direções. Muitas vezes você está interessado em trabalhar apenas com o nome do produto, mas há muitas informações escritas nas embalagens que devem ser também observadas pelos alunos. Remédios, produtos de limpeza, inseticidas e cosméticos vêm sempre acompanhados do modo de usar e de avisos para manter fora do alcance de crianças. Uma informação fundamental é a data de validade dos produtos, especialmente os que serão ingeridos (alimentos e remédios) ou que terão contato direto com o corpo da pessoa (como cremes, colírio, cosméticos etc). Saber localizar as informações e ter o hábito de consultar a data de validade e as instruções de uso é uma importante atividade de leitura. Além disso, as embalagens contêm a composição e a quantidade de cada componente do produto. Conhecer os elementos que compõem o produto é importante para se evitar o contato com substâncias que provocam alergias ou outros danos à sua saúde. Sugestões de atividade:

- **Remédios e suas embalagens** – Proponha aos alunos para levarem

remédios que estejam usando dentro de suas embalagens. Com a turma dividida em pequenos grupos, peça para localizarem o nome principal e o nome genérico (escrito geralmente embaixo), a composição química, as contra-indicações e a data de validade. Discuta com a turma cada questão. Explique, especialmente, o que é um remédio genérico, como e onde se lê a data de validade. Procure observar com os alunos as informações que constam nas bulas, quais as que interessam a cada um, quais as que devem ser lidas pelo usuário etc. Esta é uma atividade de leitura, de reconhecimento e de análise dos textos que compõem uma embalagem de remédio. Depois que os alunos observarem as embalagens dos remédios que usam e já estiverem familiarizados, podem fazer o mesmo com os remédios de colegas. Comparar as bulas, ver o que têm de semelhante e de diferente entre elas, entre outras observações, é uma forma de inserir o aluno no mundo letrado, com textos práticos e úteis para o seu cotidiano.

- **Embalagens de produtos de consumo em geral: alimentos, material de limpeza e higiene** – O mesmo procedimento da atividade anterior pode ser seguido com os dados que constam nas embalagens de qualquer produto. Com este material você pode fazer classificações levando em conta os mais diferentes critérios como: tipo de produto, uso, tamanho, forma da embalagem, origem, nome etc. Também pode organizar um supermercado fictício e fazer um trabalho de matemática com compra, venda, pesquisa e comparação de preços dos produtos. Quanto ao trabalho com o texto instrucional, cada aluno pode escolher um produto e organizar por escrito as instruções de uso. Caso seja uma embalagem de comida, como arroz, feijão, farinha ou açúcar, ele pode escrever uma receita que tenha o produto como ingrediente (o que é bastante comum nas embalagens). Depois de fazer isto com produtos reais, você pode propor que os alunos inventem um produto, criem uma embalagem, escrevam seu nome e as instruções de uso.

3 Trocar receitas

Lanches coletivos e festas devem fazer parte do dia-a-dia da escola. Há muitas situações para se comemorar: aniversários, festas religiosas, exposições de trabalhos, conclusão de projetos etc. Em cada evento os alunos podem combinar de levarem doces, salgados, sucos feitos por eles mesmos. Depois, podem escrever as receitas e organizar um livro de receitas da turma.

Você pode escolher uma receita para fazer um jogo de leitura.

Procedimentos:

- Produza um cartaz com o roteiro da receita escolhida (deixe as lacunas dos nomes dos ingredientes).
- Coloque cliques nas lacunas onde serão colados os nomes dos ingredientes a serem escritos em cartões pelos alunos.
- Faça cartões com os nomes dos ingredientes da receita e outros, e distribua para os alunos.
- Na medida em que você for lendo a receita com a turma, os participantes vão escolhendo o cartão apropriado para cada lacuna.

- O objetivo do jogo é completar a receita.
- No final do jogo você distribui a receita original para os alunos.

As receitas podem ser encontradas também em livros, revistas e jornais.

Você pode levar livros, recortes de jornal e de revista com receitas e trabalhar a leitura destes textos. Depois, a turma escolhe uma receita, decide como vai adquirir os ingredientes e prepara o doce, salgado, suco, lendo passo a passo o modo de fazer.

Você pode também trocar receitas de remédios caseiros. Muitos alunos fazem uso de chás e receitas caseiras para curar mal-estares e doenças – as chamadas mezinhas. Estas receitas são geralmente passadas oralmente de geração a geração. Dificilmente são encontradas por escrito. Uma mesma erva serve para diferentes males dependendo de como é preparada ou de como é usada. Resgatar com a turma algumas receitas caseiras com ervas medicinais e montar um livro artesanal é uma forma de valorizar a medicina natural e a cultura dos alunos.



5. Ouça a fita do aluno



Nesta fita, você encontra parte dos textos reproduzidos no Guia interpretados por diversos atores.

Poesias

1. *Tenho dó das estrelas*, de Fernando Pessoa. Interpretação de Paulo Autran.
2. *Quando era jovem*, de Fernando Pessoa. Interpretação de Paulo Autran.
3. *Autopsicografia*, de Fernando Pessoa. Interpretação de Paulo Autran.
2. *Poema de sete faces*, de Carlos Drummond de Andrade. Interpretação de Paulo Autran.
3. *José*, de Carlos Drummond de Andrade. Interpretação de Paulo Autran.
4. *Amor e seu tempo*, de Carlos Drummond de Andrade. Interpretação de Paulo Autran.
5. *Quadrilha*, de Carlos Drummond de Andrade. Interpretação de Paulo Autran.
6. *Minha terra*, de Ascenso Ferreira. Interpretação de Chico Anysio.
7. *Toré*, de Ascenso de Ferreira. Interpretação de Chico Anysio.
8. *Misticismo*, de Ascenso Ferreira. Interpretação de Chico Anysio.
9. *Soneto de fidelidade*, de Vinicius de Moraes. Interpretação de Odete Lara.
10. *Soneto de separação*, de Vinicius de Moraes. Interpretação de Odete Lara.
11. *Soneto do corifeu*, de Vinicius de Moraes. Interpretação de Odete Lara.



Lendas brasileiras

1. *Como nasceram as estrelas*, de Clarice Lispector. Interpretação de Rosita Thomas Lopes.
2. *Uma festa na floresta*, de Clarice Lispector. Interpretação de Heloisa Mafalda.
3. *O pássaro da sorte*, de Clarice Lispector. Interpretação de Sílvia Buarque.

Crônicas

1. *Menino pequeno*, de Rachel de Queiroz. Interpretação de Arlete Salles.
2. *Um alpendre, uma rede, um açude*, de Rachel de Queiroz. Interpretação de Arlete Salles.

3. *Viúva na praia*, de Rubem Braga. Interpretação de Edson Celulari.
4. *Meu ideal seria escrever*, de Rubem Braga. Interpretação de Edson Celulari.

Contos

1. *A moça tecelã*, de Marina Colasanti. Interpretação de Marina Colasanti.
2. *Onde os oceanos se encontram*, de Marina Colasanti. Interpretação de Marina Colasanti.
3. *Um apólogo*, de Machado de Assis. Interpretação de Othon Bastos.
4. *Um bilhete*, de Machado de Assis. Interpretação de Othon Bastos.



6. Leitura de textos



Nesta seção, você encontra reproduzidos os textos literários – poesias, contos, lendas e crônicas – gravados na *Fita do aluno*, além de quadrinhas, adivinhas, cantigas de roda, receitas e uma matéria de jornal.

É mais um material colocado à sua disposição para ser usado em sala de aula. A Rádio Escola procura, com isto, atender a uma reivindicação de muitos professores que têm dificuldade de acesso a textos literários em seus municípios.

Há inúmeras maneiras de trabalhar com o material selecionado. Você pode criar a sua a partir das dicas de atividades apresentadas logo após o roteiro de escuta de cada programa da *Série do professor*. Os textos podem ser reproduzidos e distribuídos aos alunos. Podem ser lidos em sala de aula. É sempre bom você ler para a turma.

Observe que todos têm ilustrações (aquarelas), que contribuem para ressaltar a beleza da língua e a riqueza de conteúdo das histórias. A seu modo, em linguagem visual, são também uma leitura, uma versão do artista sobre essas histórias.

O que os autores dos textos querem dizer? Nem sempre eles são muito claros, principalmente nas obras de caráter poético. Qual sua versão, professor? E a de seus alunos?

Leia devagar. Aprecie o sabor e descubra o significado de cada parágrafo, cada frase, cada palavra. Se você já experimentou, sabe. Se não, experimente.

É um grande prazer.

Boa leitura!



Quadrinhas



*Papagaio come milho,
Periquito leva a fama.
Coitadinha da macaca
Não come senão banana*

*Coração, muito cuidado,
Palpita bem devagar.
Não vá de um sonho passado
Hoje, a lembrança avivar.*

*Ninguém se queixa da sorte,
Que Deus de ninguém se esquece.
Cristo nasce para todos,
Cada qual como merece.*

*Dessa lima dá-me um gomo
Dessa laranja, um pedaço.
Da menina mais bonita,
Quero um beijo e um abraço.*

*Todo rio, na corrente
Busca um rio, um lago, um mar.
Mas o destino da gente,
Quem sabe onde vai parar?*

*Cantar é um modo que existe
De se chorar sem chorar.
Assim é que chora o triste,
Por isso vive a cantar.*

*Estrela, linda estrelinha,
Primeira estrela que vejo,
Guarde bem minha filhinha
Satisfaça o meu desejo*

*Se queres um bom conselho
Muito útil, bem pensado,
Nunca metas o bedelho
Onde não fores chamado...*

*Quem pintou o amor cego
Não soube bem pintar:
O amor nasce dos olhos,
Não sabe onde acabar.*

*É hora da despedida,
A lua faz que não voe.
Estou confuso, querida,
Que faço eu? E você?*

*Amor de mãe, quem tiver
Deve guardá-lo no peito,
Não há amor de mulher
Mais belo, puro e perfeito.*

*Quem espera, desespera,
Mas quem não há de esperar?
Vai-se uma onda, traz outra,
Mas sempre há outra a chegar.*

*Lá em cima daquele morro
Tem um pé de abricó.
Quem quiser casar comigo
Vá pedir à minha avó.*

*Tudo que é verde ressaca
Com o rigor do verão;
A chuva tudo renova,
Só a mocidade não!*

*Tenho meu cavalo baio,
marchador da madrugada.
Marcha, marcha, meu cavalo,
Vamos ver a namorada.*

*O meu boi morreu,
Que será de mim?
Manda buscar outro,
Maninha,
Lá no Mearim!*

*Eu falei da flor morena
E entrou a rir quem me ouviu.
Quem nunca viu flor morena
Foi porque nunca te viu.*

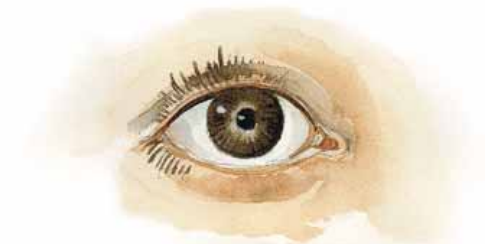
*Eu sou pequeninha
Do tamanho de um botão.
Carrego o papai no bolso
E a mamãe no coração.*

Adivinhas



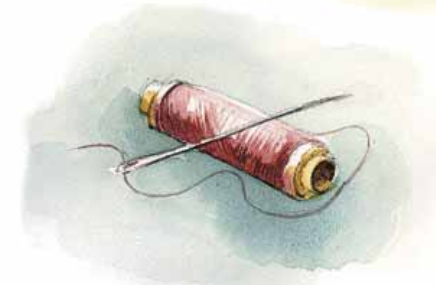
Abre a boca e mostra os dentes
De cor clara e cor escura
Só fala se acaso alguém
Lhe bulir a dentadura. (piano)

Telhas bem arrumadinhas
E, geralmente, prateadas.
Não apanham sol nem chuva
Porém estão sempre molhadas. (escama de peixe)



Altas varandas
Formosas janelas.
Que se abrem e fecham
Sem ninguém tocar nelas. (olhos)

Bichinha magra de um olho só,
Pegam-lhe a cauda e dão-lhe um nó
Depois a obrigam a perfurar
Mil tuneizinhos até cansar. (agulha e linha)



Uma bola bem feita
De bom parecer
Não há carapina
Que saiba fazer. (lua)

Uma meia, meia feita
Outra meia por fazer
Diga-me, minha menina,
Quantas meias vem a ser? (meia meia)



Cantigas de roda



Se esta rua fosse minha

*Se esta rua, se esta rua
fosse minha
eu mandava,
eu mandava ladrilhar
com pedrinhas,
com pedrinhas de brilhantes
para o meu,
para o meu amor passar.*

*Nesta rua,
nesta rua tem um bosque
que se chama,
que se chama solidão
dentro dele,
dentro dele mora um anjo
que roubou,
que roubou meu coração.*

*Se eu roubei,
se eu roubei teu coração
tu roubaste,
tu roubaste o meu também
se eu roubei,
se eu roubei teu coração
é porque,
é porque te quero bem.*

Terezinha de Jesus

*Terezinha de Jesus
de uma queda foi ao chão
acudiram três cavalheiros
todos três, chapéu na mão.*

*O primeiro, foi seu pai.
O segundo, seu irmão.
O terceiro foi aquele
a que Teresa deu a mão.*

*Da laranja quero um gomo
Do limão quero um pedaço
Da morena mais bonita
Quero um beijo e um abraço.*

Fui no Itororó

*Fui no Itororó
beber água e não achei
encontrei bela morena
que no Itororó deixei.
Aproveita minha gente
que uma noite não é nada
quem não dormir agora
dormirá de madrugada.*

*Ó dona [fulana]
Ó [fulanazinha]
entrará na roda
ficará sozinha.*

*Sozinha eu não fico
nem hei de ficar
porque tenho [fulana]
para ser meu par.*

*Deita aqui no meu colinho
deita aqui no colo meu
e depois não vá dizer
que você se arrependeu.*

*Eu passei por uma porta
seu cachorro me mordeu
não foi nada, não foi nada,
quem sentiu a dor fui eu.*

Sambalêlê

*Sambalêlê está doente
está com a cabeça quebrada.
Sambalêlê precisava
de umas boas lambadas.*

*Samba, samba, sambalêlê (BIS)
Pisa na barra da saia, ô lêlê.*

*Oh! morena bonita
onde é que você mora.
Moro na rua da praia
digo adeus e vou embora.*

*Samba, samba, sambalêlê.
Pisa na barra da saia lá, lá.
Olha, morena bonita,
como é que se namora?
Põe-se um lencinho no bolso,
com as pontinhas de fora.*

O cravo e a rosa

*O cravo brigou com a rosa
debaixo de uma sacada. (BIS)
O cravo saiu ferido
e a rosa despedaçada.*

*O cravo ficou doente,
a rosa foi visitá-lo.
O cravo teve um desmaio
e a rosa pôs-se a chorar.*





Broas de fubá

Ingredientes

- 2 colheres (sopa) de manteiga*
- 2 colheres de gordura*
- 2 ovos*
- 2 xícaras de açúcar*
- 3 xícaras de leite*
- 3 xícaras de fubá*
- 1 xícara de farinha de trigo*
- 1 colher (sopa) bem cheia de fermento*

Modo de fazer

Bata bem a manteiga, a gordura, o açúcar e as gemas. Junte o leite, o fubá, a farinha de trigo peneirada, as claras batidas em neve e, por último, o fermento.

Bata bem a massa, modele as broas e leve ao forno bem quente em assadeiras untadas.



Arroz-doce

Ingredientes

2 xícaras de arroz

1 litro de leite

Açúcar a gosto

1 colher (sopa) rasa de manteiga

Gemas de ovo à vontade

Uma pitada de sal

Canela em pó



Modo de fazer

Cozinhe o arroz em água, com uma pitada de sal, até que fique bem cozido e seco.

Feito isso, mude-o para outra caçarola, junte o leite e torne a levar ao fogo, para que cozinhe mais um pouco.

Estando bem mole, junte o açúcar e a manteiga e deixe cozinhar em fogo brando, mexendo de vez em quando para que não grude no fundo da caçarola.

Quando estiver bem grosso, retire do fogo, junte as gemas desmanchadas à parte e passadas na peneira, e torne a levar ao fogo para que cozinhe mais um pouco.

Estando bem grosso, retire do fogo e deixe esfriar um pouco. Quando estiver quase morno, despeje em tacinhas, em cálices grandes, ou mesmo em pratos de doce, polvilhando com canela em pó.

Fica mais saboroso cozinhando o arroz no leite.

Paçoca de carne-seca

Ingredientes

1 pedaço de carne-seca

Gordura

Farinha de mandioca ou de milho



Modo de fazer

Tome um pedaço de carne-seca magra, afervente-a, corte-a em pedacinhos e frite em gordura bem quente.

Misture a farinha de mandioca ou de milho à carne e, em seguida, soque bem num pilão.

Pão da vovó

Ingredientes

3 xícaras de água morna

1 xícara de óleo

2 xícaras de açúcar

3 ovos

3 colheres de sopa de fermento
ou 3 tabletes

1 kg de farinha de trigo

1 pitada de sal



Modo de fazer

Coloque tudo numa vasilha e amasse muito bem. Se a massa ficar mole, adicione mais um pouquinho de farinha de trigo.

Faça os pãezinhos em formato de bolinhas e deixe crescer. Levar ao forno quente.



Clarice Lispector

Como nasceram as estrelas

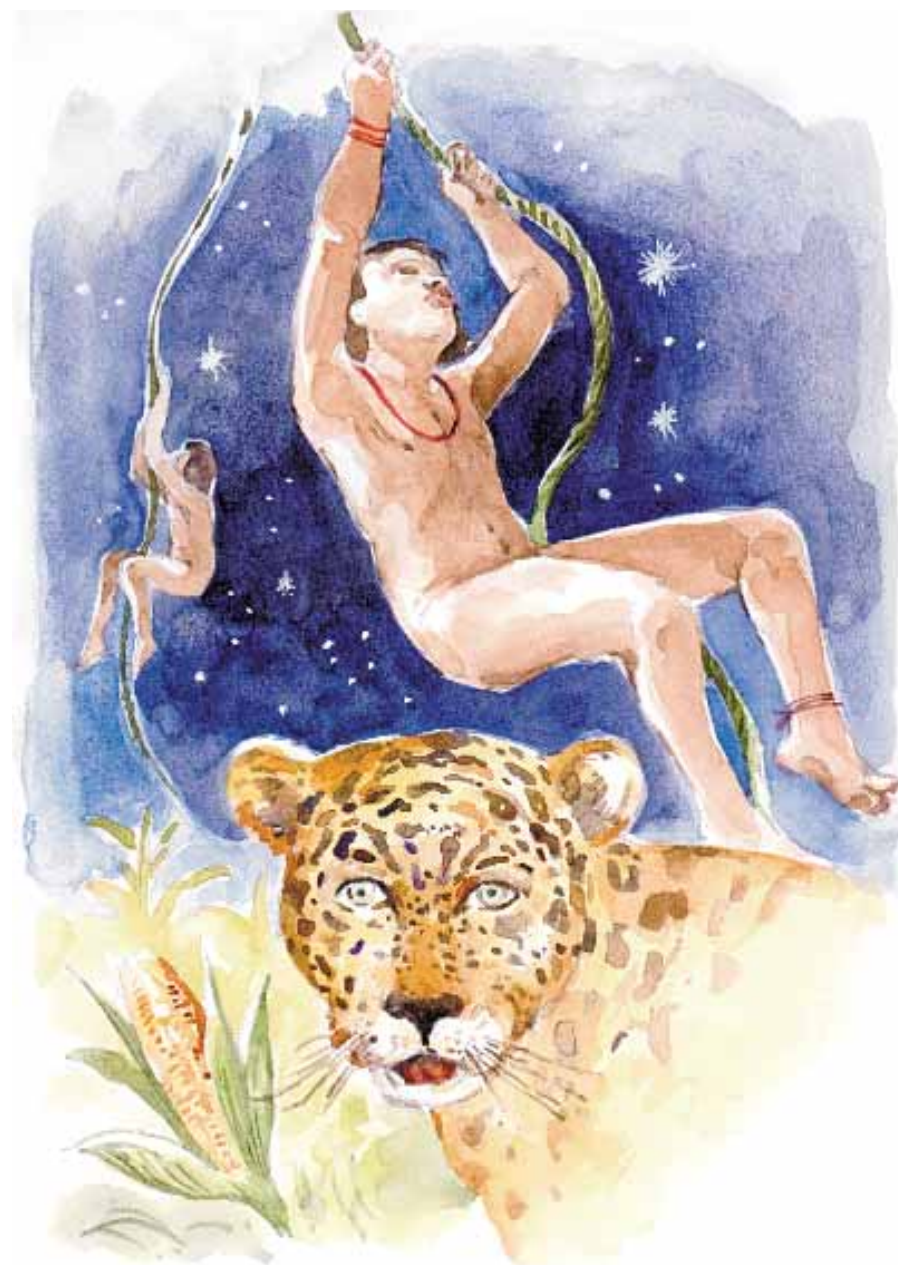
Pois é, todo mundo pensa que sempre houve no mundo estrelas pisca-pisca. Mas é erro. Antes os índios olhavam de noite para o céu escuro – e bem escuro estava esse céu. Um negror. Vou contar a história singela do nascimento das estrelas.

Era uma vez, no mês de janeiro, muitos índios. E ativos: caçavam, pescavam, guerreavam. Mas nas tabas não faziam coisa alguma: deitavam-se nas redes e dormiam roncando. E a comida? Só as mulheres cuidavam do preparo dela para terem todos o que comer.

Uma vez elas notaram que faltava milho no cesto para moer. Que fizeram as valentes mulheres? O seguinte: sem medo enfiaram-se nas matas, sob um gostoso sol amarelo. As árvores rebrilhavam verdes e embaixo delas havia sombra e água fresca. Quando saíam de debaixo das copas encontravam o calor, bebiam no reino das águas dos riachos buliçosos. Mas sempre procurando milho porque a fome era daquelas que as faziam comer folhas de árvores. Mas só encontravam espigazinhas murchas e sem graça.

– Vamos voltar e trazer conosco uns curumins. (Assim chamavam os índios as crianças.) Curumim dá sorte.

E deu mesmo. Os garotos pareciam adivinhar as coisas: foram retinho em frente e numa clareira da floresta – eis um milharal viçoso crescendo alto. As índias maravilhadas disseram: toca a colher tanta espiga. Mas os garotinhos também colheram muitas e fugiram das mães voltando à taba e pedindo à avó que



lhes fizesse um bolo de milho. A avó assim fez e os curumins se encheram de bolo que logo se acabou. Só então tiveram medo das mães que reclamariam por eles comerem tanto. Podiam esconder numa caverna a avó e o papagaio porque os dois contariam tudo. Mas – e se as mães dessem falta da avó e do papagaio tagarela? Ai então chamaram os colibris para que amarrassem um cipó no topo do céu. Quando as índias voltaram ficaram assustadas vendo os filhos subindo pelo ar. Resolveram, essas mães nervosas, subir atrás dos meninos e cortar o cipó embaixo deles.

Aconteceu uma coisa que só acontece quando a gente acredita: as mães caíram no chão, transformando-se em onças. Quanto aos curumins, como já não podiam voltar para a terra, ficaram no céu até hoje, transformados em gordas estrelas brilhantes.

Mas, quanto a mim, tenho a lhes dizer que as estrelas são mais do que curumins. Estrelas são os olhos de Deus vigiando para que corra tudo bem. Para sempre. E, como se sabe, “sempre” não acaba nunca.



A festa dos bichos

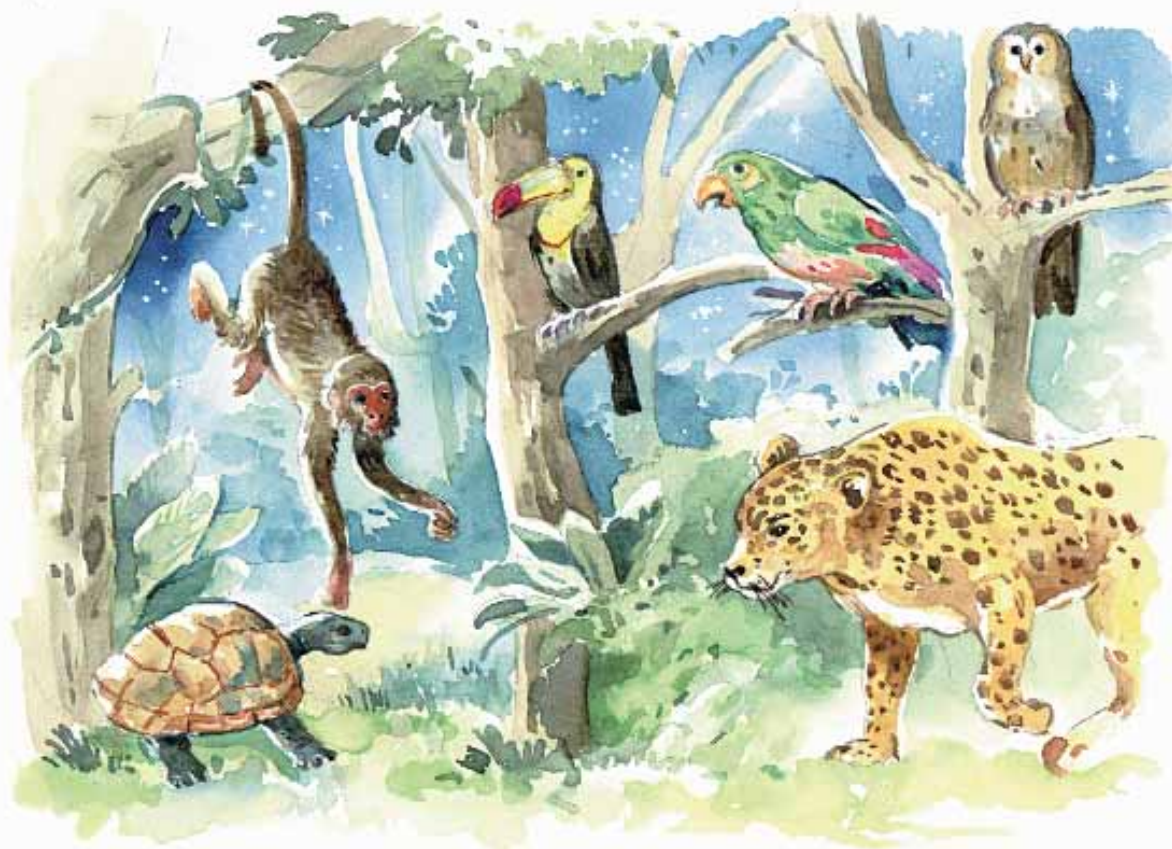
Estamos no mês de junho, as fogueiras de São João se acendem, balões sobem, já há friozinho e aconchego. Dá para comer batata-doce à meia-noite com café tinindo de quente.

Mas me disseram que a festa não é só nossa. Pois não é que ia haver uma festa da bicharada na selva? E calculei que isso acontecesse no mês de nossos próprios folguedos. Pelo menos é o que garantem os índios da tribo Tembé.

Foi assim: os animais das matas até que estavam ocupados e calmos em relação a seus deveres, pois o dever do animal é existir. Mas eis senão quando surgiu no ar um boato que logo se espalhou alvissareiro num diz-que-diz assanhado. Vinha esse boato trazido pelo canto do sabiá. Como o sabiá, a quanto se sabe, canta pelo mero prazer de cantar, ficaram os bichos em dúvida sobre se era ou não verdade.

E — de repente — começou a chover convite para a tal festança. Quem convidava não dizia quem era, mas todos desconfiaram que a idéia vinha da rainha das selvas brasileiras, a onça, manda-chuva que era. Todos os bichos foram convidados, garantindo-se que na ocasião seria abolida a ferocidade. Até a mãe-coruja, que de tão séria e sábia até óculos usava, foi convidada com os seus filhotes.

Quanto às filhas do macaco, doidas para namorar e enfim casar, enfeitaram-se tanto e com tantas bugigangas que pareciam umas — é isso mesmo, pareciam umas verdadeiras macacas.



E quem pensa que a cobra faltou por ser tão nojenta está enganado: apareceu fazendo salamaleques com o corpo escorregadio para chamar atenção.

A noite estava toda iluminada por milhares de vagalumes, pela lua silenciosa e pelas estrelas úmidas. Quanto à orquestra, fiquem certos de que era da melhor qualidade: uma turma de tucanos encarregou-se de tocar em valsa os mais belos grunhidos da mata.

A bicharada estava acesa de alegria. O papagaio foi muito aplaudido quando berrou uma canção alegre, e as macacas casadoiras, penduradas pelos rabos nas árvores, estavam certas de que eram grandes bailarinas.

Bem, a coisa estava no máximo de animação. Mas a onça estava inquieta, doida para atacar. E como não fosse permitida nessa noite a carnificina, ela começou a ser feroz com a língua viperina. Então cantou: “Dona Anita é gorda e roliça que nem uma porca e tem cor de rato”. A anta danou-se e retirou-se.

A onça, vendo que tinha tido sucesso, cantou uma ofensa horrível contra o jabuti, dizendo que este estava coberto de mosca varejeira. Tanto que o jabuti ofendido foi embora. Depois a onça falou: “Vejam que decote indecente o das filhas do macaco.” As macacas ficaram fulas da vida e só não saíram de lá porque

a esperança de arranjar noivo é a última que acaba.

Mas acontece que havia entre os animais o deus dos veados, Arapuá-Tupana, que resolveu acabar com a empáfia da onça e para vencê-la pôs-se a cantar. Os bichos, sabendo que quando o ouvissem morreriam, taparam os ouvidos. Arapuá-Tupana afinal foi embora e a bicharada não morreu.

É. Mas os animais haviam perdido o dom da fala, ninguém se compreendia mais. E isso até o dia de hoje. Porque grunhir ou cantar não diz nada. Tudo por causa da onça linguaruda.



O pássaro da sorte

Trata-se do uirapuru, pássaro encantado da sorte e que tem como moradia as ricas florestas da Amazônia.

A história é um pouco triste. Mas o canto dessa ave é tão plangente e mavioso que vale a pena contar.

Começa com um índio tocando flauta na selva. E as índias jovens ouviam-no. Daí para procurar ver quem era o guapo índio que a tocava – foi um só passo. O segundo passo foi encontrar o músico e cair para trás com uma bruta decepção. Elas, tolinhas, achavam que coisa bonita só pode vir de gente bonita. E caprichosas, malcriadas, empurraram o índio feio para fora da clareira. Humilhado, ele então fugiu.

Na mesma hora as índias ouviram uma outra flauta tocada com delicadeza e doçura. E pensaram com esperança que talvez o tocador dessa nova flauta fosse um índio bonito. Seguiram pelas sendas da floresta, guiadas pelo cântico que cada vez parecia mais próximo. E não é que depararam, não com um índio, mas com um passarinho pousado num galho de árvore frondosa? Era o pássaro uirapuru. Uma das índias, a mais formosa e esguia, era também a melhor caçadora. E, como as outras, quis ferir o pássaro para que ele não fugisse e só cantasse para ela. Com arco e flecha, preparou-se. E, é claro, a ave caiu do galho.

Agora vem uma surpresa, tanto para as índias como para nós: uma vez por terra, o pássaro transformou-se num rapaz belíssimo.

Este índio, com um sorriso manso, dirigiu-se para a sua caçadora, enquanto todas as outras índias rezavam pela sua atenção e amor.

Estava tudo bem. Mas a primeira flauta começou a soar novamente: era a do índio feio.

As moças sabiam que ele queria se vingar dos maus tratos e procuraram rodear o índio bonito para escondê-lo. Mas o índio feio mandou rápido sua flecha, em direção do peito varonil do rival, só para assustá-lo. E não é que aconteceu um encantamento milagroso? Aconteceu, sim: o rapaz bonito se transformou num



pássaro invisível, mas presente pelo seu canto. E as índias passaram, mesmo sem ver, a ouvir o trinado feliz.

Como é que se espalhou que o uirapuru dá sorte? Ah, isso não sei, mas que dá, dá!



Fernando Pessoa

Tenho dó das estrelas

*Tenho dó das estrelas
Luzindo há tanto tempo,
Há tanto tempo...
Tenho dó delas.*

*Não haverá um cansaço
Das coisas,
De todas as coisas,
Como das pernas ou de um braço?*

*Um cansaço existir,
De ser,
Só de ser,
O ser triste brilhar ou sorrir...*

*Não haverá, enfim,
Para as coisas que são,
Não a morte, mas sim
Uma outra espécie de fim,
Ou uma grande razão —
Qualquer coisa assim
Como um perdão?*



Quando era jovem

*Quando era jovem, eu a mim dizia:
Como passam os dias, dia a dia,
E nada conseguido ou intentado!
Mais velho, digo, com igual enfado:
Como, dia após dia, os dias vão,
Sem nada feito e nada na intenção!
Assim, naturalmente, envelhecido,
Direi, e com igual voz e sentido:
Um dia virá o dia em que já não
Direi mais nada.
Quem nada foi nem é não dirá nada.*

Autopsicografia

*O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.*

*E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que êle teve,
Mas só a que êles não têm.*

*E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama o coração.*

Poema de sete faces

*Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.*

*As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.*

*O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.*

*O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.*

*Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.*

*Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.*

*Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.*



José

*E agora, José?
A festa acabou,
a luz acabou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?*

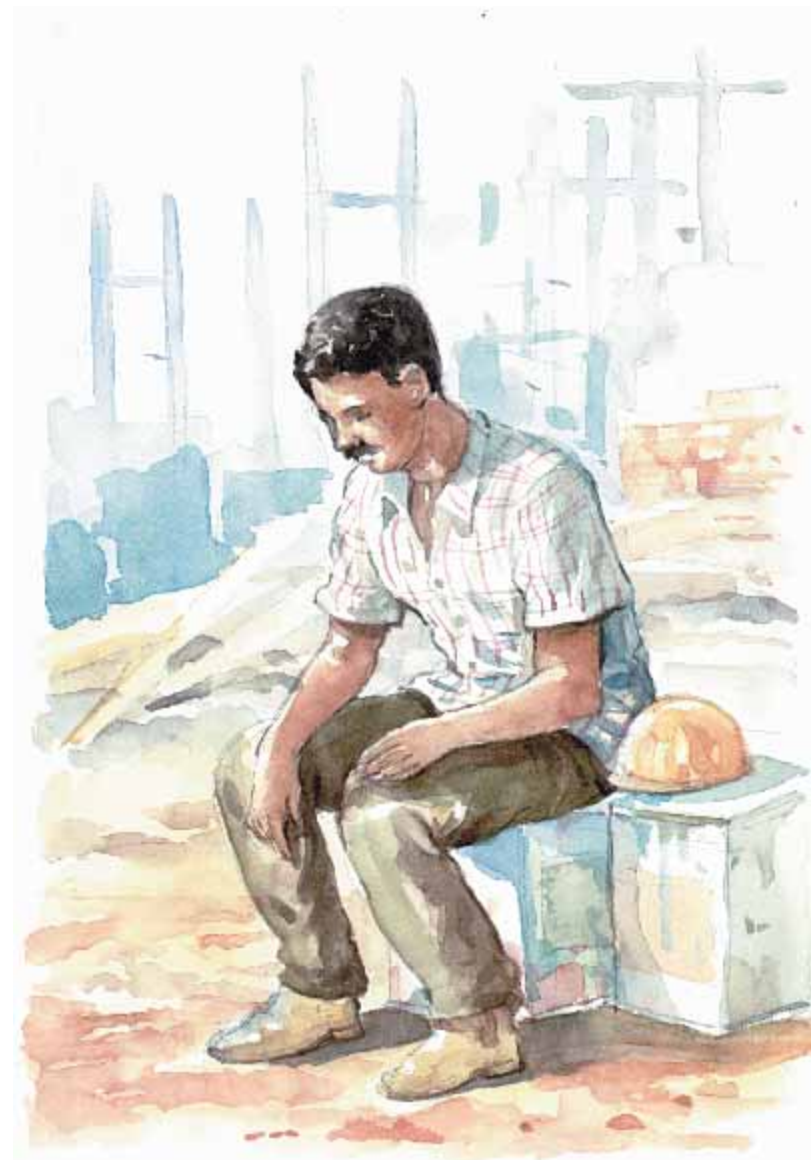
*Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?*

*E agora, José?
sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio – e agora?*

*Com a chave na mão,
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?*

*Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José!*

*Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?*



Quadrilha

*João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.*

*João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.*

Amor e seu tempo

Amor é privilégio de maduros

(...)

É isto, amor: o ganho não previsto.

(...)

*Amor é o que se prende no limite,
Depois de se arquivar toda a ciência
herdada, ouvida. Amor começa tarde.*



Minha terra

*Minha terra não tem terremotos...
nem ciclones... nem vulcões...*

*As suas aragens são mansas e as suas chuvas esperadas:
chuvas de janeiro... chuvas de caju... chuvas-de-santa-luzia...*

*Que viço mulato na luz do seu dia!
Que amena poesia, de noite, no céu:*

- Lá vai São Jorge esquipando em seu cavalo na lua!
- Olha o Carreiro-de-São-Tiago!
- Eu vou cortar a minha íngua na Papa-Ceia!

*O homem de minha terra, para viver, basta pescar!
e se tiver enfarado de peixe, arma o mondé
e vai dormir e sonhar...
que pela manhã
tem paca louçã,
tatu-verdadeiro
ou jurupará...
pra assá-lo no espeto
e depois comê-lo
com farinha de mandioca
ou com fubá.*

*O homem de minha terra arma o mondé
e vai dormir e sonhar...*

*O homem de minha terra tem um deus de carne e osso!
– Um deus verdadeiro,
que tudo pode, tudo manda e tudo quer...
E pode mesmo de verdade.
Sabe disso o mundo inteiro:*

- Meu Padinho Pade Ciço do Joazeiro!

*O homem de minha terra tem um deus de carne e osso!
Um deus verdadeiro...*

*Os guerreiros de minha terra já nasceram feitos.
Não aprenderam esgrime nem tiveram instrução...
Brigar é do seu destino:
– Cabeleira!
– Conselheiro!
– Tempestade!
– Lampião!*

*Os guerreiros de minha terra já nascem feitos:
– Cabeleira!
– Conselheiro!
– Tempestade!
– Lampião!*



Toré

*Os dois maracás,
um fino e outro grosso,
fazem alvoroço
nas mãos do Pajé:*

– Toré!
– Toré!

*Bambus enfeitados,
compridos e ocos,
produzem sons roucos
de querequeré!*

– Toré!
– Toré!

*Lá vem a asa-branca,
no espaço voando,
vem alto, gritando...
– Meus Deus, o que é?*

– Toré!
– Toré!

*– É o Caracará
que está na floresta,
vai ver minha besta
de pau catolé...*

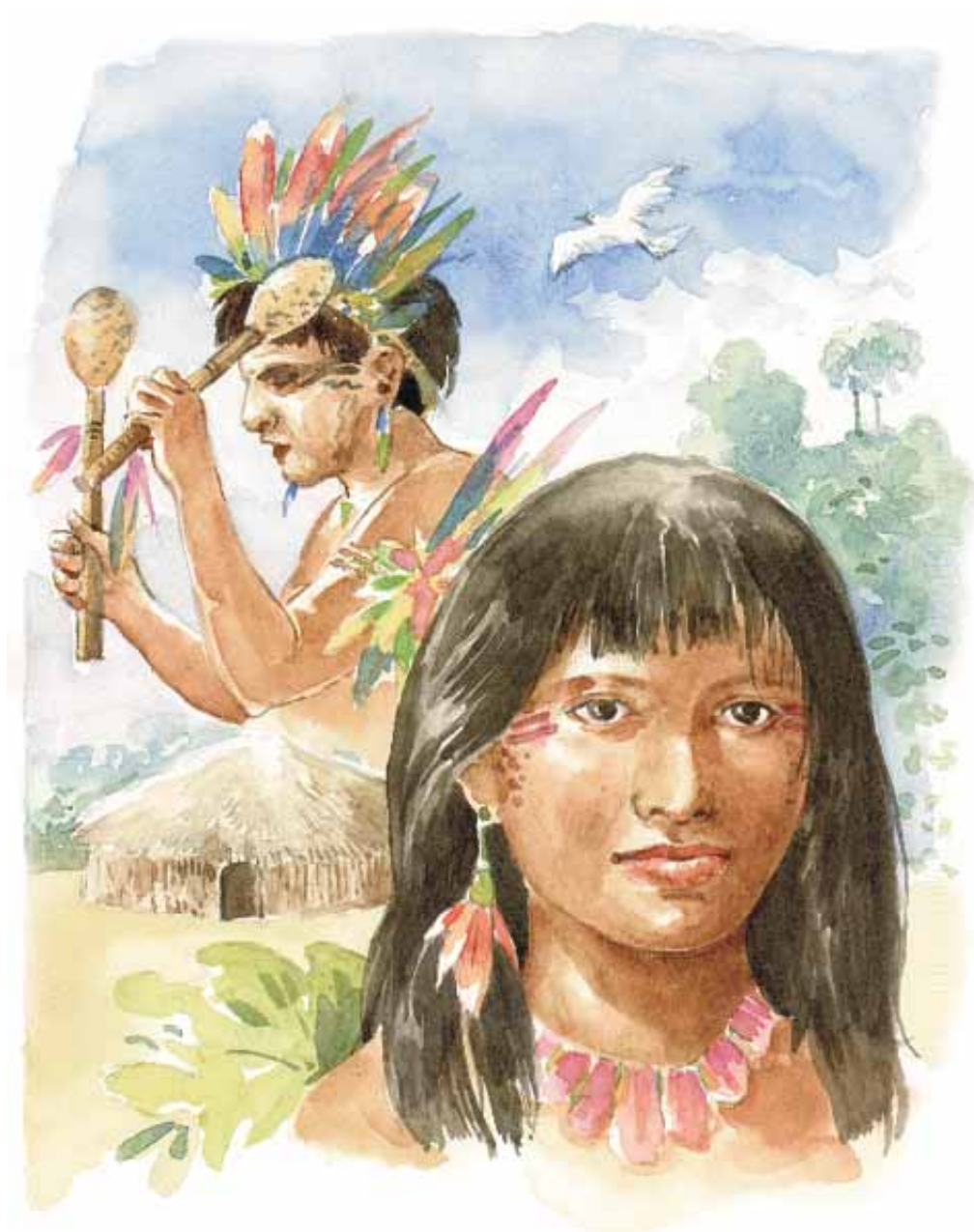
– Toré!
– Toré!

*Cabocla bonita,
de passo quebrado,
teu beijo encarnado,
parece um café!*

– Toré!
– Toré!

*Pra te ver, cabocla,
na minha maloca,
fiando na roca,
torrando pipoca,
eu entro na toca
e mato onça a quicé!*

– Toré!
– Toré!



Misticismo

*Na paisagem da rua calma,
tu vinhas vindo.... vinhas vindo...
e o teu vestido era tão lindo
que parece que tu vinhas envolvida na tu'alma...*

*Alma encantada;
alma lavada
e como posta ao sol para corar...*

*E que mãos misteriosas terão feito o teu vestido,
que até parece de Maria Borradeira,
quando foi se casar!...*

*– Certamente foi tecido
pelas mãos de uma estrela fiadeira,
com fios de luz, no tear do luar...
no tear do luar...*

*O teu vestido que parece o de Maria Borradeira
quando foi se casar...*

*– “Cor do mar com todos os peixinhos!...
– Cor do céu com todas as estrelas!”*

*E vinhas vindo... vinhas vindo ...
na paisagem da rua calma,
e o teu vestido era tão lindo
que parece que tu vinhas envolvida na tu'alma....*



Soneto de separação

*De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.*

*De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.*

*De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente.*

*Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.*

Soneto de fidelidade

*De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.*

*Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.*

*E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama*

*Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.*



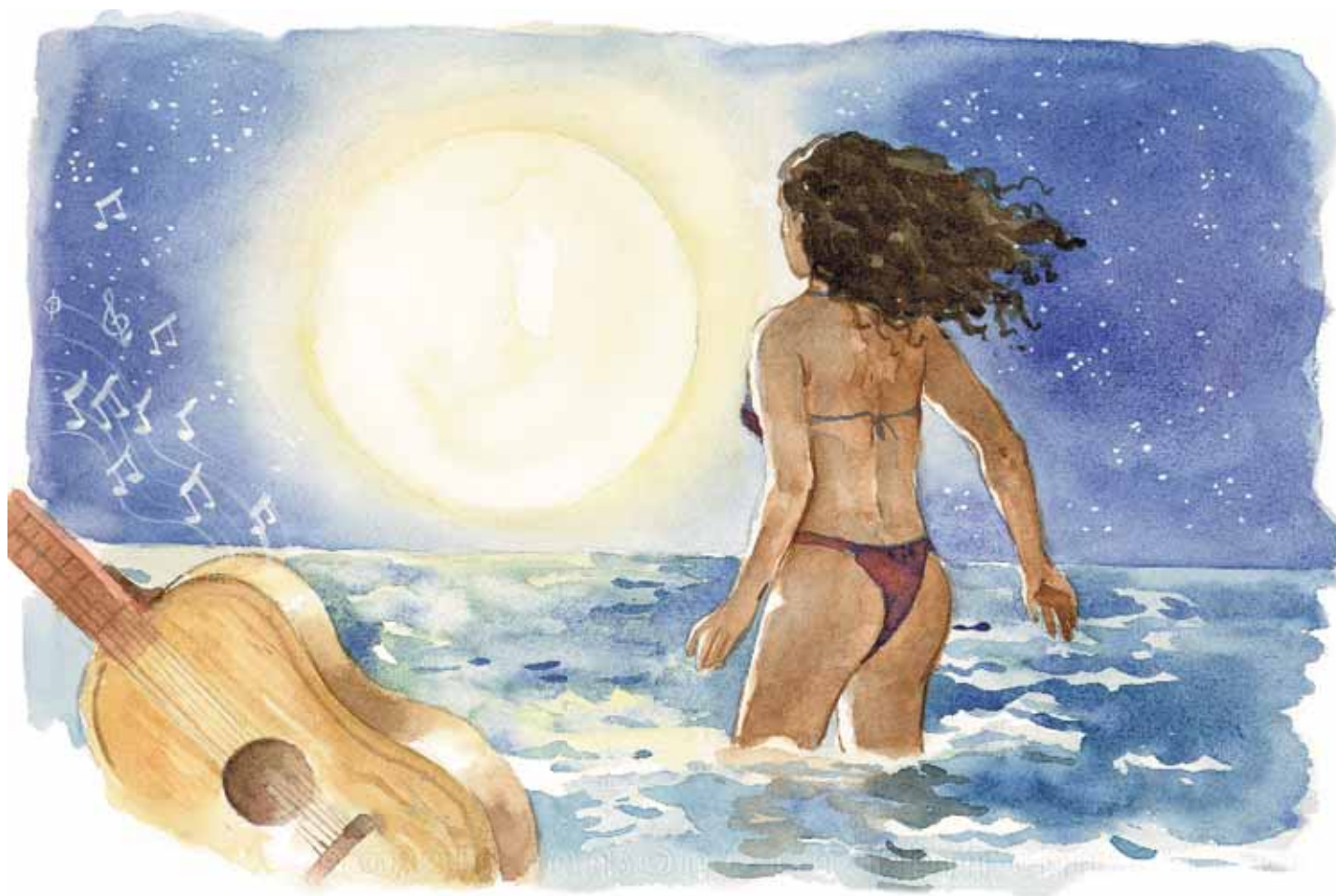
Soneto do corifeu

*São demais os perigos desta vida
Para quem tem paixão, principalmente
Quando uma lua surge de repente
E se deixa no céu, como esquecida.*

*E se ao luar que atua desvairado
Vem se unir uma música qualquer
Aí então é preciso ter cuidado
Porque deve andar perto uma mulher.*

*Deve andar perto uma mulher que é feita
De música, luar e sentimento
E que a vida não quer, de tão perfeita.*

*Uma mulher que é como a própria Lua:
Tão linda que só espalha sofrimento
Tão cheia de pudor que vive nua.*





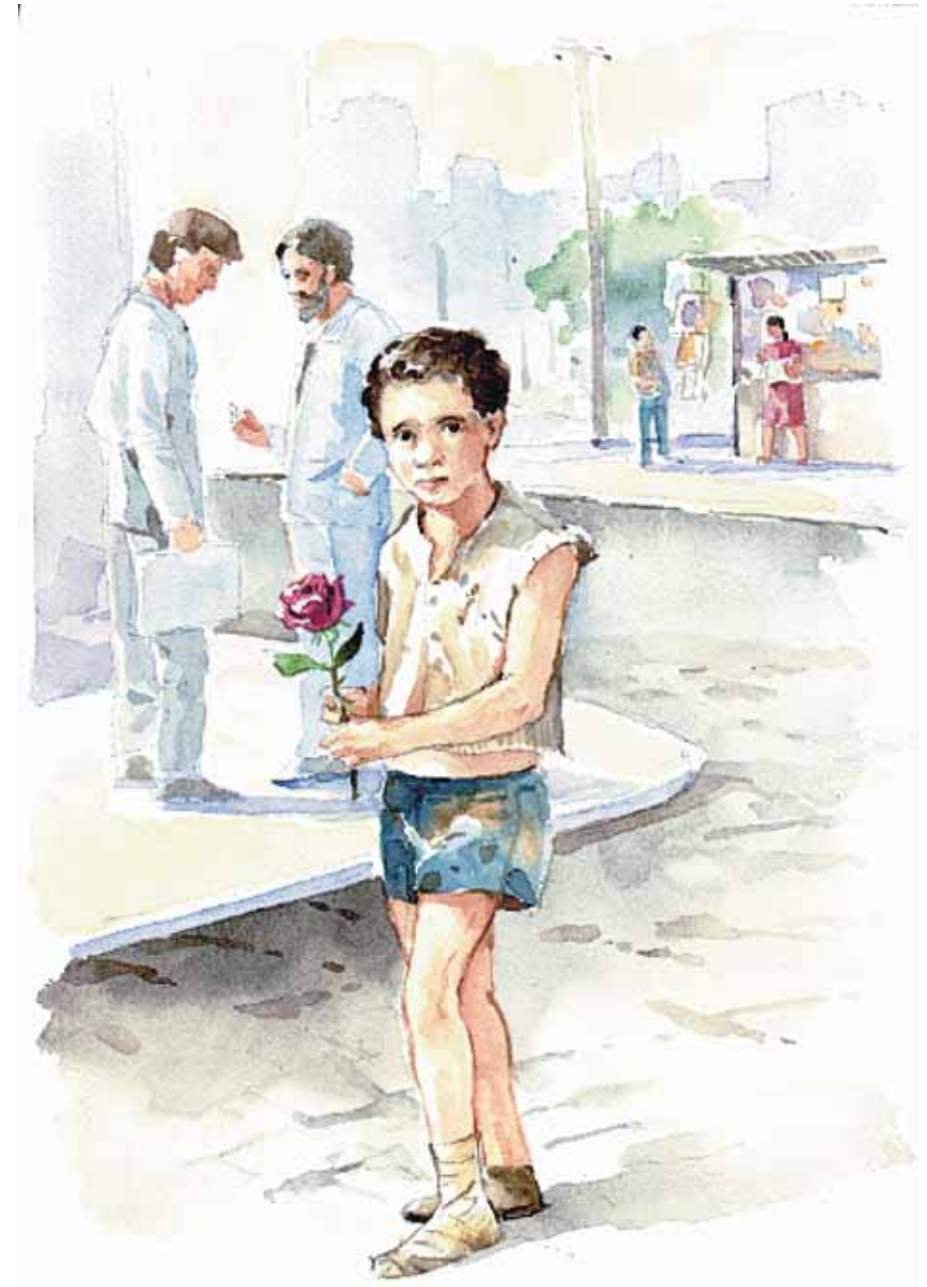
Rachel de Queiroz

Menino pequeno

Ele descia a ladeira e vinha só. De cor era branco, de tez era pálido — dessa brancura descorada de criança que não come vitamina, filho de emigrante pobre que não herdou as cores rosadas da gente da terra velha e não adquiriu ainda o moreno igualitário da terra nova. Num pé só, calçava um acalanhado sapato de lona. No outro, uma tira negra encordoada, que há tempos fora uma atadura. Vestia uma jardineira azul, que na certa pertencera a um menino mais velho, pois a barra das calças arrastava atrás; os bracinhos nus, ao frio da manhã sem sol, de tão arrepiados eram ásperos, azulados.

É de notar que o pequeno, ao descer assim a ladeira empedrada, não ia à toa, tinha um propósito, embora singular. Porque na mãozinha suja como ele todo, carregava — calculem! — carregava uma rosa. Uma grande rosa cor-de-rosa propriamente dita, tão bela, tão preciosa, dessas que só medram em jardim de governo ou em jardim de rico, pétalas de porcelana, mal desabrochada, formosa, frágil como uma bolha de sabão. E o pequeno, evidentemente, tinha consciência daquela beleza e daquela fragilidade. Pois caminhava de leve, a mão direita que segurava a rosa era mantida rígida, embora um pouco trêmula, e a mão esquerda de vez em quando se erguia à frente para afastar da flor uma rajada de ar, ou qualquer perigo invisível — assim como a gente levanta a mão a fim de proteger a luz de uma vela.

Para onde iria aquele menino com tais cuidados, carregando aquela rosa? Para dar, para entregar, ou para ficar com ela, embriagado pela enamorada alegria de ser dono do que é belo? Eram oito da manhã. Ele teria no máximo uns seis anos,



levando-se em conta a desnutrição, o seu possível raquitismo de garoto pobre. Pois, se não fosse a carinha viva, pelo tamanho a gente diria que não passava dos quatro.

Cruzou comigo, que comprava os jornais na banca, e não levantou os olhos, embestado na flor. Virou a esquina. Depois se sumiu no meio dos transeuntes que iam em busca da feira da Glória.

Quem seria mais frágil, o menino ou a rosa? Ah, quem pode dizer neste país quanto durará um menino? Aquele, aquele, azulado pelo frio na sua velha jardineira sem mangas, será que escapa da pneumonia, será que escapa da septicemia com o pé infeccionado dentro da atadura negra, será que escapa do atropelamento, sozinho no meio da rua, absorto na sua rosa, sem ver o loteação matador que o aguarda no atravessar do asfalto, será que escapa da tuberculose assim tão mal comido e mal vestido, será que escapa da vida, menino sem dono, anão perdido na cidade grande?

Vi uma vez uma fita americana chamada *They were expendable*. Tratava de soldados na guerra e o título quer dizer mais ou menos – “eles são para gastar” ou “eles são para jogar fora”. Assim também é menino neste país. Não nasce para nada – nasce para se perder, para morrer, para ser jogado fora.

Tanto trabalho, tanta agonia custa um menino. E mesmo que não custe nada, mesmo que nasça de parto sem dor e se crie sozinho pelas estradas sertanejas, pelos pés de serra, pelas calçadas do Rio; quanto custa a ele viver, quanto vale aquele pequeno milagre de vida que um dia pode chegar a ser homem!

Sim, sei que a gente nasce para morrer. Mas não tão cedo. Não tão depressa que não dê nem para sentir o gosto da vida. Quem se dá ao trabalho de vir ao mundo deveria ter pelo menos um direito garantido – o de sobreviver. Para que, afinal, a gente se organiza em sociedade, para que obedece às leis, para que

aceita essa porção de contratos com a civilização – casamento, serviço militar, impostos, moral, semana inglesa, ministério do trabalho, eleição, justiça, polícia – se em troca nem ao menos se garante a chance de viver a um menino que nasce debaixo dessas leis? Ele nasceu perfeito, tinha pernas e tinha braços, tinha coração e fígado, tinha alma e tinha amor dentro do peito, e tinha ternura com a sua rosa. E então por que ninguém lhe assegura, como todos os bichos da natureza aos seus filhotes, o sustento e a proteção enquanto deles carece?

“*Rose, elle a vécu ce que vivent les roses...*” Ah, a eterna verdade cantada pela boca inocente dos poetas. Quem teria vivido mais, meu Nosso Senhor, aquele menino ou aquela rosa?



Um alpendre, uma rede, um açude

Claro que esses três são apenas os termos essenciais: o alpendre é o abrigo, a rede o repouso, o açude a garantia de água e vida. Mas fora isso há os complementos – a casa, por exemplo. Fica a cavaleiro do alto e, além do alpendre largo de três metros que dê uma boa rede atravessada, tem a sala ladrilhada de tijolos de barro vermelho, comia mesa e os tamboretas; a camarinha com o baú e a outra rede que a gente procura nas horas frias da madrugada; o corredor e a cozinha, com o fogão de barro ao canto, o pilão deitado e a cantareira dos potes bem fresca, posta na correnteza do ar.

À mão direita da casa o roçado – só uma garra de terra com quatro pés de milho e feijão para se ter o que comer verde. O chiqueiro da criação, com a sua dúzia de cabeças, entre cabras e ovelhas. Talvez uma vaca, dando leite.

E o açude pequeno e fundo, ali ao pé, tão perto que não seja um esforço apanhar uma cabaça de água, ou descer de casa para mergulhar e refrescar o corpo, nas horas de sol mais forte.

Um anzol pequeno de cará, um anzol maior de traíra, talvez uma espingardinha de chumbo para atirar num mergulhão ou numa marreca. O pau de matar cobra, o caco de enxada, o facão, a cuia de tirar leite.

Nada mais. Nem trabalho nem ambição. Nem algodoal de colheita rica, nem pomar, nem curral cheio de gado fino. Nem baixio plantado de cana, nem engenho,



nem alambique. Logo adiante do terreiro batido o mato cresce por si, sem carecer de plantio nem limpa – Deus o faz nascer em janeiro e o próprio Deus o seca em julho.

Só a paz, o silêncio, a preguiça. O ar fino da manhã, o café ralo, a perspectiva do dia inteiro sem compromisso nem pressa. Vez por outra um conhecido que chega, conta as novidades, bebe um caneco de água, ganha de novo a estrada.

Qualquer coisa enche a panela e o estômago; o corpo quando dá pouco, pede pouco. O esforço maior será mesmo o roçado, que é mister cercar ao menos com uma

ramada de garrancho espinhento, abrir as covas, plantar ao romper das primeiras chuvas, dar uma ou duas limpas de enxada antes de apanhar o feijão e quebrar o milho. Assim mesmo, se se atirar aqui e além umas sementes de melão, jerimum ou cabaça, a rama alastra entre as covas do legume e não deixa o mato crescer.

No mês de janeiro rebenta verdinha a babugem do chão e as galinhas-d'angola semi-selvagens que moram no juazeiro do quintal começam a tirar suas ninhadas. Com o correr das águas cresce o pasto, as cabras e a vaca dão cria. Se o ano for de bom inverno, talvez então o açude sangre, e o peixe sobe em cardume pela cachoeirinha do sangradouro, tanto e tão desnordeado que até se pega com a mão. No mês de maio as moitas de mofumbo se abrem todas em flores amarelas e enchem o ar com o seu cheiro doce de mimosa; em maio também devem estar em flor os aguapés na tona do açude.

Em junho se quebra o milho e em julho é a floração dos paus-d'arco; quase ao mesmo tempo começa a murchar a rama. Em agosto o mato perde a folha que em

setembro já forma um tapête quebradiço e ininterrupto no chão.

Daí por diante, com a caatinga seca, o mato cor de cinza na terra cor de cinza por baixo do céu limpo e azul, começa a grande paz do verão. Os bichos pastam o capim seco e vêm beber pacificamente, sempre no mesmo lugar e a horas certas. A rede no alpendre balança e refresca a quentura do mormaço e recebe a gente no colo, maternalmente.

E embora aconteça que o verão se prolongue janeiro afora, e não venha chuva, e o ano seja péssimo, para isso mesmo ali está o açude com água para três anos – e nunca houve seca mais longa do que três anos. Ali estão os juazeiros, o pé de mandacaru para de tarde se dar rama à vaquinha e ao garrote. As cabras deixam estar que elas cuidam de si; as ovelhas é que talvez morram – mas que falta faz uma ovelha?

O chão não se acaba – e afinal de contas só do chão precisa o homem, para sobre ele andar enquanto vivo e no seu seio repousar, depois de morto.



Viúva na praia

Lvo viu a uva; eu vi a viúva. Ia passando na praia, vi a viúva, a viúva na praia me fascinou. Deitei-me na areia, fiquei a contemplar a viúva.

O enterro passara sob a minha janela; o morto eu o conhecera vagamente; no café da esquina a gente se cumprimentava às vezes, murmurando “bom dia”; era um homem forte, de cara vermelha; as poucas vezes que o encontrei com a mulher ele não me cumprimentou, fazia que não me via; e eu também. Lembro-me de que uma vez perguntei as horas ao garçom, e foi aquele homem que respondeu; agradeceu; este foi nosso maior diálogo. Só ia à praia aos domingos, mas ia de carro, um Citroen, com a mulher, o filho e a barraca, para outra praia mais longe. A mulher ia às vezes à praia com o menino, em frente à minha esquina, mas só no verão. Eu passava de longe; sabia quem era, que era casada, que talvez me conhecesse de vista; eu não a olhava de frente.

A morte do homem foi comentada no café; eu soube, assim, que ele passara muitos meses doente, sofrera muito, morrera muito magro e sem cor. Eu não dera por sua falta, nem soubera de sua doença.

E agora estou deitado na areia, vendo a sua viúva. Deve uma viúva vir à praia? Nossa praia não é nenhuma festa; tem pouca gente; além disso vamos supor que ela precise trazer o menino, pois nunca a vi sozinha na praia. E seu maiô é preto. Não que o tenha comprado por luto; já era preto. E ela tem, como sempre, um ar decente; não olha para ninguém, a não ser para o menino, que deve ter uns dois anos.



Se eu fosse casado, e morresse, gostaria de saber que alguns dias depois minha viúva iria à praia com meu filho – foi isso o que pensei, vendo a viúva. É bem bonita, a viúva. Não é dessas que chamam a atenção; é discreta, de curvas discretas, mas certas. Imagino que deve ter 27 anos; talvez menos, talvez mais, até 30. Os cabelos são bem negros; os olhos são um pouco amendoados, o nariz direito, a boca um pouco dentucinha, só um pouco; a linha do queixo muito nítida.

Ergueu-se, porque, contra suas ordens, o garoto voltou a entrar n'água. Se eu fosse casado, e morresse, talvez ficasse um pouco ressentido ao pensar que, alguns dias depois, um homem – um estranho, que mal conheço de vista, do café – estaria olhando o corpo de minha mulher na praia. Mesmo que olhasse sem impertinência, antes de maneira discreta, como que distraído.

Mas eu não morri; e eu sou o outro homem. E a idéia de que o defunto ficaria ressentido se acaso imaginasse que eu estaria aqui a reparar no corpo de sua viúva, essa idéia me faz achá-lo um tolo, embora, a rigor, eu não possa lhe imputar essa idéia, que é minha. Eu estou vivo, e isso me dá uma grande superioridade sobre ele.

Vivo! Vivo como esse menino que ri, jogando água no corpo da mãe que vai buscá-lo. Vivo como essa mulher que pisa a espuma e agora traz ao colo o garoto já bem crescido. O esforço faz-lhe tensos os músculos dos braços e das coxas; é bela assim, marchando com a sua carga querida.

Agora o garoto fica brincando junto à barraca e é ela que vai dar um mergulho rápido, para se limpar da areia. Volta. Não, a viúva não está de luto, a viúva está

brilhando de sol, está vestida de água e de luz. Respira fundo o vento do mar; tão diferente daquele ar triste do quarto fechado do doente, em que viveu meses. Vendo seu homem se finar; vendo-o decair de sua glória de homem fortão de cara vermelha e de seu império de homem da mulher e pai do filho, vendo-o fraco e lamentável, impertinente e lamurioso como um menino, às vezes até ridículo, às vezes até nojento...

Ah, não quero pensar nisso. Respiro também profundamente o ar limpo e livre. Ondas espoucam ao sol. O sol brilha nos cabelos e na curva do ombro da viúva. Ela está sentada, quieta, séria, uma perna estendida, outra em ângulo. O sol brilha também em seu joelho. O sol ama a viúva. Eu vejo a viúva.



Meu ideal seria escrever

Meu ideal seria escrever uma história tão engraçada que aquela moça que está doente naquela casa cinzenta quando lesse minha história no jornal risse, risse tanto que chegasse a chorar e dissesse – “ai meu Deus, que história mais engraçada!” E então a contasse para a cozinheira e telefonasse para duas ou três amigas para contar a história; e todos a quem ela contasse rissem muito e ficassem alegremente espantados de vê-la tão alegre. Ah, que minha história fosse como um raio de sol, irresistivelmente louro, quente, vivo, em sua vida de moça reclusa, enlutada, doente. Que ela mesma ficasse admirada ouvindo o próprio riso, e depois repetisse para si própria – “mas essa história é mesmo muito engraçada!”

Que um casal que estivesse em casa mal-humorado, o marido bastante aborrecido com a mulher, a mulher bastante irritada com o marido, que esse casal também fosse atingido pela minha história. O marido a leria e começaria a rir, o que aumentaria a irritação da mulher. Mas depois que esta, apesar de sua má-vontade, tomasse conhecimento da história, ela também risse muito, e ficassem os dois rindo sem poder olhar um para o outro sem rir mais; e que um, ouvindo aquele riso do outro, se lembrasse do alegre tempo de namoro, e reencontrassem os dois a alegria perdida de estarem juntos.

Que nas cadeias, nos hospitais, em todas as salas de espera a minha história chegasse – e tão fascinante de graça, tão irresistível, tão colorida e tão pura que todos limpassem seu coração com lágrimas de alegria; que o comissário do distrito, depois de ler minha história, mandasse soltar aqueles bêbados e também aquelas pobres mulheres colhidas na calçada e lhes dissesse – “por favor, se comportem, que diabo! eu não gosto de prender ninguém!” E que assim todos tratassem melhor seus empregados, seus dependentes e seus semelhantes em alegre e espontânea homenagem à minha história.



E, que ela aos poucos se espalhasse pelo mundo e fosse contada de mil maneiras, e fosse atribuída a um persa, na Nigéria, a um australiano, em Dublin, a um japonês, em Chicago – mas que em todas as línguas ela guardasse a sua frescura, a sua pureza, o seu encanto surpreendente; e que no fundo de uma aldeia da China, um chinês muito pobre, muito sábio e muito velho dissesse: “Nunca ouvi uma história assim tão engraçada e tão boa em toda a minha vida; valeu a pena ter vivido até hoje para ouvi-la; essa história não pode ter sido inventada por nenhum homem, foi com certeza algum anjo tagarela que a contou aos ouvidos de um santo que dormia, e que ele pensou que já estivesse morto; sim, deve ser uma história do céu que se filtrou por acaso até nosso conhecimento; é divina.”

E quando todos me perguntassem – “mas de onde é que você tirou essa história?” – eu responderia que ela não é minha, que eu a ouvi por acaso na rua, de um desconhecido que a contava a outro desconhecido, e que por sinal começara a contar assim: “Ontem ouvi um sujeito contar uma história...”

E eu esconderia completamente a humilde verdade: que eu inventei toda a minha história em um só segundo, quando pensei na tristeza daquela moça que está doente, que sempre está doente e sempre está de luto e sozinha naquela pequena casa cinzenta de meu bairro.



Marina Colasanti

A moça tecelã

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranqüila.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e



pela primeira vez pensou como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando na sua vida.

Aquela noite, deitada contra o ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque, descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

– Uma casa melhor é necessária – disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente. – Para que ter casa, se podemos ter palácio? – perguntou. Sem querer resposta, imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

– É para que ninguém saiba do tapete – disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: – Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou como seria bom estar sozinha de novo.

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e, jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido, estranhando a cama dura, acordou e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.



Onde os oceanos se encontram

Onde todos os oceanos se encontram, aflora uma ilha pequena. Ali, desde sempre, viviam Lânia e Lisíope, ninfas irmãs a serviço do mar. Que no manso regaço da praia, vinha depositar seus afogados.

Cabia a Lânia, a mais forte, tirá-los da arrebentação. Cabia a Lisíope, a mais delicada, lavá-los com água doce de fonte, envolvê-los nos lençóis de linho que ambas haviam tecido. Cabia a ambas devolvê-los ao mar para sempre.

E na tarefa que nunca se esgotava, passavam as irmãs seus dias de poucas palavras.

Foi num desses dias que Lânia, vendo um corpo emborcado aproximar-se flutuando, entrou nas ondas para buscá-lo, e agarrando-o pelos cabelos o trouxe até a areia. Já estava quase chamando Lisíope, quando, ao virá-lo de rosto para cima, percebeu ser um homem jovem e lindo. Tão lindo como nunca havia visto antes. Tão lindo, que preferiu ela própria buscar água para lavar aquele sal, ela própria, com seu pente de concha, desembaraçar aqueles cachos.

Porém, ao envolvê-lo no lençol ocultando-lhe corpo e rosto, tão grande foi seu sofrimento que, num susto, descobriu-se enamorada.

Não, ela não devolveria aquele moço, pensou com fúria de decisão. E rápida, antes que Lisíope chegasse, correu para uma língua de pedra que estreita e cortante avançava mar adentro.

– Morte! – chamou em voz alta chegando na ponta. – Morte! Venha me ajudar.

Não demorou muito, e sem ruído a Morte saiu de dentro d'água.



– Morte – disse Lânia em ânsia – desde sempre aceito tudo o que você me traz, e trabalho sem nada pedir. Mas hoje, em troca de tantos que lhe devolvi, peço que seja generosa, e me dê o único que meu coração escolheu.

Tocada por tamanha paixão, concordou a Morte, instruindo Lânia: na maré vazante deveria colocar o corpo do moço sobre a areia, com a cabeça voltada para o mar. Quando a maré subisse, tocando seus cabelos com a primeira espuma, ele voltaria à vida.

Assim fez Lânia. E assim aconteceu que o moço abriu os olhos e o sorriso.

Mas em vez de sorrir só para ela que o amava tanto, desde logo sorriu mais para Lisíope, e só para Lisíope parecia ter olhos.

De nada adiantavam as insistências de Lânia, as desculpas com que tentava afastá-lo da irmã. De nada adiantava enfeitar-se, cantar mais alto do que as ondas. Quanto mais exigia, menos conseguia. Quanto mais o buscava para si, mais à outra ele pertencia.

Então um dia, antes do amanhecer, ajoelhada sobre a ponta da pedra, Lânia chamou novamente:

– Morte! Morte! Venha me atender.

E quando a Silenciosa chegou, em pranto e raiva pediu-lhe que atendesse só o último de seus pedidos. Levasse a irmã. E mais nada queria.

Seduzida por tamanho ódio, concordou a Morte. E instruiu: deveria deitar a irmã sobre a areia lisa da maré vazante, com os pés voltados para o mar. Quando, subindo a água, o primeiro beijo de sal a aflorasse, Ela a levaria.

E assim foi que Lânia esperou uma noite de luar, quente e perfumada, e chegando perto de Lisíope lhe disse:

– Está tão linda a noite, minha irmã, que preparei tua cama junto à brisa, lá onde a areia da praia é mais fina e mais lisa.

E conduzindo-a até o lugar onde já havia posto seu travesseiro, ajudou-a a deitar-se, cobriu-a com o linho do lençol.

Em seguida, sorrateira, esgueirou-se até uma árvore que crescia na beira da praia, e subiu até o primeiro galho, escondendo-se entre as folhas. De olhos bem abertos, esperaria para ver cumprir-se a promessa.

Mas a noite era longa, na brisa vinha cheiro de jasmim, o mar apenas murmurava. E aos poucos, agarrada ao tronco, Lânia adormeceu.

Dorme Lânia na árvore, dorme Lisíope perto d'água, quando um raio de luar vem despertar o moço que dorme, quase a chamá-lo lá fora com todo o seu encanto. E ele se levanta e sai. E estonteado de perfumes caminha, vagueia lentamente pela ilha, até chegar à praia, e parar junto a Lisíope. No sono, o

rosto dela parece fazer-se ainda mais doce, boca entreaberta num sorriso.

Sem ousar despertá-la, o jovem se deita ao seu lado. Depois, bem devagar, estende a mão, até tocar a mão delicada que emerge do lençol.

Sobe o amor no seu peito. Na noite, a maré sobe.

Já era dia quando Lânia, empoleirada no galho, despertou. Luz nos olhos, procurou na claridade. Viu o travesseiro abandonado. Viu o lençol flutuando ao longe. Da irmã, nenhum vestígio.

– A Morte fez o combinado – pensou, descendo para correr ao encontro do moço.

Mas não correu muito. Diante de seus passos, estampada na areia, deparou-se com a forma de dois corpos deitados lado a lado. A maré já havia apagado os pés, breve chegaria à cintura. Mas na areia molhada a marca das mãos se mantinha unida, como se à espera das ondas que subiam.



Um apólogo

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

- Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma cousa neste mundo?
- Deixe-me, senhora.
- Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.
- Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.
- Mas você é orgulhosa.
- Decerto que sou.
- Mas por quê?
- É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?
- Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?
- Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...
- Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...
- Também os batedores vão adiante do imperador.
- Você é imperador?
- Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse



que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana – para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

– Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o *plic-plic-plic-plic* da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

– Ora, agora, diga-me quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha: – Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar a vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: – Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!



Um bilhete

Antes mesmo que acabasse o baile, Maria Adelaide dizia à mãe que não queria ficar um minuto mais que fosse.

- Que é isso? disse-lhe a mãe. Deu uma hora agora mesmo.
- Não quero saber. Vamo-nos embora.
- Ora, meu Deus!
- Vamos, vamos.

Não havia que dizer; a mãe era governada pela filha, e perderia o lugar no céu, se tanto fosse preciso, para não desgostá-la. Note-se que não cedia pouco desta vez; cedia a ceia, que era excelente, e a boa viúva professava esta filosofia: – que as ceias excelentes são preferíveis às boas, as boas às más e as más às que não têm existência. Sacrificava a melhor parte do baile; mas, enfim, contanto que a filha não padecesse.

Padecer, padecia. No carro, logo que as duas entraram, Maria Adelaide começou a ralar com tudo, com o carro, com a capa, com o calor, com o pó, com a mãe e consigo mesma. A mãe entendeu logo: era algum desgosto que o Chico Alves lhe dera. Realmente, lembrou-se que o Chico Alves, indo despedir-se delas, nem alcançou que Maria Adelaide olhasse para ele. A moça deu-lhe os dedos, a pontinha apenas, e falou-lhe de costas; naturalmente estavam brigados.

A viagem foi atribulada. Nunca o mau humor da moça foi tamanho nem tão explosivo. A mãe pagou pelo namorado, mas como era prudente e estava com fome, preferiu não dizer nada.

Em casa, continuou o mau humor. A pobre criada da moça padecia como nunca. Maria Adelaide entrou para os seus aposentos, furiosa, despiu-se às tontas, dizendo coisas duras, rasgando uma das mangas do vestido, atirando as flores ao chão, raivosa e indignada sem causa aparente. No fim, disse à criada que se fosse embora, e ficando só rebentaram-lhe as lágrimas. Assim mesmo sozinha, ia



falando, mordendo os lábios, dando punhadas no joelhos. Depois arrancou da cadeira, foi à secretária e escreveu este bilhete:

“Nunca pensei que o senhor fosse tão pérfido. Nunca imaginei que pudesse proceder como fez no baile; creia que não manifestei o meu desgosto, por dois motivos: – o primeiro, porque ainda tive força de me dominar; segundo, porque depois do que o senhor me fez, nada pode haver mais entre nós. Case-se com a viúva, se quer. Mande as minhas cartas e adeus. Esta determinação é irrevogável. Qualquer tentativa de reconciliação obrigar-me-á ao que não quero.”

Tinha dado expansão à cólera, deitou-se para dormir. O sono não veio logo; a raiva agitou a pobre moça, e só quando começou a madrugada foi que ela pôde dormir um pouco. No dia seguinte, o Chico Alves recebia este bilhete:

“Desculpa algumas palavras que te disse ontem no baile. Estava muito zangada. Vem hoje tomar chá, e eu te explico tudo.”



Sonho e realidade em Veneza

Curso de aperfeiçoamento vai transformar operários de restauração em professores

CLAUDIA AMORIM

É hoje o grande dia. O pedreiro Manoel Iran, 38 anos, que nunca entrou num avião, embarca para a Itália no mesmo voo de seu colega Eliseu Costa, 28 anos, 18 deles vividos no Orfanato Lar da Criança, em João Pessoa (PB).

Para a temporada de dois meses e meio de aperfeiçoamento em Veneza parte ainda o operário José Raimundo Pereira, que em 78 anos de vida jamais saiu do Brasil. Eles estão entre os 34 restauradores brasileiros selecionados entre 240 candidatos pelo programa Monumenta - na maioria gente simples, que leva na bagagem anos de trabalho braçal.

Alguns dos artífices restauradores ainda acham que é sonho, outros falam em milagre. Nem uma coisa nem outra. O estágio no Centro de Conservação e Restauro de Veneza - com direito à presença do ministro da Cultura, Francisco Weffort, no embarque no Aeroporto Internacional Tom Jobim (RJ) - é obra de um programa de preservação do patrimônio histórico nacional. Orçado em mais de US\$ 200 milhões, com recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (US\$ 62,5 milhões), do orçamento da União (US\$ 62,5 milhões) e da contrapartida de Estados, municípios e fundações, o Monumenta prevê, na etapa veneziana - calculada em R\$ 620 mil - gastos com visitas a museus e obras, hospedagem, alimentação, passagens aéreas, aulas com tradução simultânea em português e uma bolsa de R\$ 1,5 mil mensais para cada participante.

O objetivo do curso é formar professores, segundo o consultor em educação Amim Aur, um dos responsáveis pela seleção. Os mestres-artífices formados em Veneza vão lecionar em três centros de educação profissional para restauro e conservação, a serem abertos no Rio de Janeiro, em Ouro Preto (MG) e em Olinda



(PE). A iniciativa visa a combater a escassez de mão-de-obra especializada em restauração no Brasil.

Mão na massa - A opção por selecionar para o curso carpinteiros, pintores, pedreiros, ferreiros, canteiros (operários que lavram a pedra) e estucadores (artífices que dão forma aos ornatos), gente que põe realmente a mão na massa, permitiu que fossem recrutados brasileiros de diferentes níveis sociais e de escolaridade.

Nascido e criado em meio ao casario colonial de Leopoldina (MG), Manoel Iran Silva Apolinário tomou gosto pelas construções de época e decidiu cedo a profissão que queria seguir: a de arquiteto. Era o único que já tinha um sonho de carreira entre os onze irmãos. Mas o sonho durou pouco. Aos 8 anos, Manoel começou a prestar pequenos serviços em canteiros de obras para ajudar a família. Aos 12 abandonou os estudos, depois de concluir o antigo primeiro grau, e virou pedreiro. “O restauro é mais interessante, mais bonito, exige mais habilidade. Assim fico mais perto da profissão que queria”, diz ele, que começou a fazer

restauração depois de quatro anos como pedreiro no Rio.

As obras de restauração do Solar da Imperatriz e do Palácio Laranjeiras são algumas das que levaram seu dedo, ou melhor, sua espátula, seu pincel e sua colher. Atualmente, as mãos de Manoel estão a serviço da recuperação dos capitéis das colunas do castelo da Fundação Oswaldo Cruz, um dos poucos exemplares brasileiros da arquitetura neomourisca, inspirado no Palácio de Alhambra, de Granada (Espanha).

Seleção - A oportunidade concedida a operários que adquiriram seu saber na prática é defendida pela comissão de seleção. Para José de La Pastina Filho, diretor, no Paraná, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, “é uma chance de valorizar esse trabalho. Alguns dos candidatos me impressionaram bastante.” O paraibano Eliseu foi um deles. Ao atingir a maioria e deixar a instituição filantrópica onde foi criado desde bebê, o rapaz sofreu com a falta de mercado para suas finas habilidades de pedreiro e pensou em virar motorista de caminhão. Foi quando o diretor do orfanato que lhe serviu de lar lhe fez o convite para que trabalhasse na construção de uma nova entidade beneficente.

Pastina lembra com emoção o teste do rapaz. “Pedimos que Eliseu simulasse o primeiro dia de aula que daria, e ele encarnou o espírito do preceptor”, conta. Eliseu tratou os membros da comissão julgadora como discípulos por 20 minutos, exortou-os a trabalharem duro e manterem a determinação e a ética. Justificou a lição resumindo sua história. Ao final, Pastina e o outro encarregado da seleção estavam emocionados. “Ele empolgou. Eu estava impossibilitado de dar notas, de tanta emoção. Resolvemos então conhecer os outros candidatos e julgá-lo só depois de todos se apresentarem.” Havia duas vagas naquela fase do processo. Eliseu ficou em segundo lugar, com nota 57, abaixo do experiente primeiro colocado, com 62.

Renda extra - Outro que impressionou o professor foi Hamilton de Souza, 45, escultor que começou a usar no calcário o formão de carpinteiro e outras ferramentas para ter uma renda extra. “É de um enorme talento. Minha esperança é que suas maravilhosas esculturas sejam descobertas.” O mais impressionante é que Hamilton havia levado dois tiros em um assalto uma semana antes da seleção, e saiu do hospital no dia da avaliação. A portada da Igreja do Monte e o trabalho em pedra de Lioz para o Teatro de Santa Isabel, de 1750, ambos em Olinda, contaram com sua destreza no ofício da cantaria.

Geraldo e André dos Santos, pai e filho, também foram selecionados. Seu Geraldo, 54, ex-torneiro mecânico, passava para o menino, nas horas de folga, a

habilidade com gradis, balcões e ferrolhos. André, 20, se empolgou com a profissão de ferreiro e optou pelo curso de Engenharia Metalúrgica. “Veneza vai ser ótimo. Meus amigos pedem para eu arrumar um lugarzinho na mala.”

Também passageiro do vôo para a Itália, o gaúcho Cassiano Ferreira, 36, terminou o segundo grau, trabalhou como barman e demorou algum tempo para começar a lidar com estuque, atividade que exerce há três anos. “Fiquei louco de felicidade quando soube que fui escolhido.” Ele e a sócia Cristina Rozisky, 28, planejavam viajar por conta própria para a Europa para se aperfeiçoar na profissão. Arquiteta, Cristina costuma ouvir insinuações esnobes com relação ao seu trabalho. “Trabalhei com material de demolição na casa de uma amiga e me encontrei. As pessoas torcem o nariz, dizem que eu sou uma arquiteta que põe a mão na massa. Mas foi uma opção.”

Leila dos Santos, 34, também tem curso superior. Formada em história, parte para a Itália como pintora. Munida de bisturi, participou da decapagem mecânica que permitiu a volta das cores originais às paredes do Supremo Tribunal Federal. Os painéis murais de Di Cavalcanti do Teatro João Caetano também passaram por seus pincéis.

Mestre canteiro - Os 34 brasileiros que viverão os próximos 75 dias entre gôndolas e pontes são, quase todos, representantes de profissões em extinção - quadro que o projeto pretende reverter. Um exemplo é José Raimundo Pereira, de 78 anos, o seu Juca de Ouro Preto, conhecido como o último mestre canteiro. “Comecei quando quebrou uma peça, tentei consertar, deu certo. Não me deram mais sossego”, relata. Sobre a viagem, a vida e o ofício, seu Juca mantém a mesma modéstia. “Numa idade dessa, falaram pra eu fazer inscrição. Uai, não tem problema, eu faço. As minhas duas aposentadorias não dão pra viver, então, graças a Deus, estou trabalhando. Se um trem cisma de estragar, a gente vai lá e conserta. É muito bom, porque a gente está vivendo, senão, é parar e esperar a morte.”

O arquiteto especializado em conservação de estruturas históricas Cyro Lyra, membro da comissão de avaliação, acredita que a temporada na Ilha de São Sérvulo, em Veneza, vai reforçar a autoconfiança dos profissionais: “A viagem servirá para alargar os conhecimentos. Eles, que são humildes e sempre lutaram para aprender, vão ver que trabalham muito bem com menos recursos do que os italianos.”

Reportagem publicada originalmente no *Jornal do Brasil* em 1º de setembro de 2001.

7. Pequena biografia dos escritores



Aqui você encontra algumas informações básicas a respeito da vida e da obra dos escritores que tiveram seus textos reproduzidos neste Guia. De modo algum, essa pequena biografia pode ser tomada como a única referência a respeito dos autores. Serve apenas de ponto de partida para você, se tiver interesse e condições, buscar outras fontes de informação que possam ampliar seus conhecimentos sobre estes criadores.

Ascenso Ferreira

Nasceu em Palmares, Pernambuco, em 1895, e morreu no Recife, em 1965. Órfão de pai aos 6 anos, aos 13 começou a trabalhar no comércio ajudando a mãe, professora pública. Leu muito e desordenadamente e, depois de haver escrito largamente versos parnasianos, ingressou no movimento modernista chamado Grupo do Nordeste, integrado por Joaquim Cardozo, Gilberto Freyre, Luís da Câmara Cascudo e Jorge de Lima, entre outros.

Seus poemas nutrem-se das tradições populares do Nordeste, que capta com singeleza e autenticidade. Ascenso transmite uma musicalidade própria que faz seus poemas ganharem outra dimensão quando ouvidos. E chega a estar no limiar entre o verso e a música. Tão natural que une o verso metrificado com o livre, com rima, toada e cadência própria de forma espontânea, como se não fossem resultados de construção poética. A versatilidade do tom, as surpresas do humor, a poesia profunda de certos momentos da vida e da linguagem cotidianas foi o que Ascenso aproveitou do modernismo, segundo Manuel Bandeira, em prefácio a um de seus livros.

Os principais poemas de Ascenso são *Cana Caiana*, *Bumba-meu-boi*, *Cavallhada*, *Maracatu*, *Mulata Sarará*, *Xangó*, *Xenhenhém*. Estão reunidos no livro *Poemas de Ascenso Ferreira* (1981).

Carlos Drummond de Andrade

O poeta Carlos Drummond nasceu em Itabira, Minas Gerais, em 1902 e morreu no Rio de Janeiro em 1987. Passou a infância na cidade natal e fez estudos secundários em Friburgo e em Belo Horizonte. Formou-se em Farmácia, mas dedicou-se ao jornalismo e à literatura. Drummond foi seguramente, por muitas décadas, o poeta mais influente da literatura brasileira, tendo também publicado diversos livros em prosa.

Desde seus primeiros livros, *Alguma poesia* (1930) e *Brejo das almas* (1934), o poeta demonstrava preocupação com a denúncia da realidade social e política do seu tempo, e a monotonia que envolve o ser humano. Em *Sentimento do mundo* (1940), em *José* (1942) e, sobretudo, em *A rosa do povo* (1945), Drummond lançou-se ao encontro da história contemporânea e da experiência coletiva, participando, solidarizando-se social e politicamente. Além das obras citadas neste Guia, destacam-se *Contos de aprendiz* (1951); *Boitempo & A falta que ama* (1968); *Corpo* (1984); *Boca de luar* (1984); *Amar se aprende amando* (1985); e *O amor natural* (1992).

Clarice Lispector

Romancista, contista, cronista, jornalista, redatora, Clarice Lispector nasceu em 1925, na Ucrânia, vindo ainda recém-nascida para o Brasil. Morreu no Rio de Janeiro, em 1977. Desde sua primeira obra, publicada quando tinha 19 anos, *Perto do coração selvagem*, percebeu-se logo em Clarice Lispector o esforço em querer atingir as camadas mais profundas da consciência humana, na busca do significado da existência e da própria atividade de escrever.

A escritora colocou no centro de sua criação o problema da busca de uma linguagem nova e especial, analítica, para traduzir a vida interior. Para isso,

utilizou-se largamente de recursos técnicos modernos, como a análise psicológica, o monólogo interior, a introspecção na análise das paixões e movimentos da alma, o mergulho no psiquismo; relegando para segundo plano as circunstâncias exteriores e a trama narrativa. Interessa para a escritora a psicologia de cada personagem. Em todas transparece uma angustiante impossibilidade de felicidade. Por isso, ela se dizia, mais que uma escritora, uma “sentidora”, porque registrava em palavras aquilo que sentia. Mais que histórias, seus livros apresentam impressões.

Seu romance mais famoso acabou sendo *A hora da estrela* (1977), adaptado para o cinema nos anos 80 por Suzana Amaral. Além dos romances já citados, destacam-se no conjunto de sua obra *Laços de família* (1960), *A Paixão segundo G.H.* (1964) e *Uma aprendizagem ou Livro dos prazeres* (1969).

Fernando Pessoa

Nasceu em 1888, em Lisboa, e morreu na mesma cidade em 1935. É considerado o maior poeta de Portugal, ao lado de Camões. Em 1896, circunstâncias familiares levam o menino Fernando, com 8 anos, a viver e a estudar em Durban, Colônia de Natal, Inglaterra, onde permaneceu até os 17 anos de idade. É nesse período vivido fora de Portugal que se desenvolve a formação cultural básica de Fernando Pessoa. As influências recebidas durante sua permanência na Inglaterra foram decisivas para o desenvolvimento posterior de seu pensamento crítico-reflexivo e para sua criação poética; e, talvez, para seu próprio sentimento de nacionalidade. São, em inglês, os primeiros poemas que ele decidiu publicar em livro, *Antinous* (1918).

Em 1905, de volta a Lisboa, Pessoa ingressa na Faculdade de Letras, que frequenta durante dois anos apenas. É desse período que datam seus primeiros “textos filosóficos”, cuja produção mais significativa abrange cerca de dez anos de sua obra. Em seu afã de descobrir a forma mais adequada à expressão do conhecimento, Fernando Pessoa tentou todos os gêneros, inclusive o conto policial. É de se compreender, pois, seu obsessivo interesse pela filosofia, base de todo o conhecimento.

Entretanto, apesar desse interesse, sua verdadeira realização se deu apenas no campo da poesia. Pessoa produziu uma poesia extremamente complexa, que

parte da constatação da relatividade das coisas e da procura do absoluto. A tentativa de reconstruir poeticamente o mundo em todos os aspectos, de aglutinar verdades relativas na ânsia de chegar ao absoluto, leva o poeta a desdobrar-se em personalidades distintas. Adota, então, os heterônimos (publica textos sob nomes fictícios), cada um mostrando uma visão de mundo diferente do outro. Ele escrevia poemas usando o nome de Alberto Caeiro, quando queria falar da simplicidade natural da vida. Em outros poemas assinava como Ricardo Reis, para apresentar uma visão de mundo centrada no amor à natureza, à vida rústica. Às vezes apresentava seus poemas como Álvaro de Campos, para se expressar como um homem moderno, agressivo, preocupado com a exaltação do progresso e que carrega a angústia do homem de sua época.

Fernando Pessoa, ele mesmo, apresentava-se em seus poemas com sentimentos e emoções intelectualizados, paixão pelo mistério e apego à solidão. Pode-se dizer que o poeta vivia vários lados do ser humano porque se dispunha a conhecer o multifacetado universo poético. Por diferentes que se mostrem seus heterônimos, em si igualam-se todos por um impulso de raiz: a ânsia de conhecer. As poesias de Pessoa estão reunidas em diversas antologias publicadas no Brasil. Entre elas destacam-se: *Ficções do interlúdio* (1998); *Antologia poética de Fernando Pessoa* (s/d) e *Poemas – Fernando Pessoa* (1985).

Machado de Assis

Jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro em 1839, e morreu também no Rio de Janeiro em 1908. É o fundador da cadeira número 23 da Academia Brasileira de Letras. Ocupou por mais de dez anos a presidência da Academia, que passou a ser chamada também de Casa de Machado de Assis. Filho de operário, mulato, embora não o admitisse, perdeu a mãe muito cedo, pouco mais se conhecendo de sua infância e início da adolescência. Mesmo sem ter acesso a cursos regulares, empenhou-se em aprender. Em 1885, aos 16 anos, publica seu primeiro trabalho literário, o poema *Ela*, na revista *Marmota Fluminense*. Seu primeiro livro de poesias foi publicado em 1864, sob o título de *Crisálidas* e o primeiro romance, *Ressurreição*, em 1872.

Mas foi em 1881 que Machado lançou um livro extremamente original, pouco convencional para o estilo da época: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. O romance é considerado um marco do realismo na literatura brasileira. Dizem os críticos que Machado era urbano, aristocrata, cosmopolita, reservado e cínico, ignorou questões sociais como a independência do Brasil e a abolição da escravidão. Passou ao longe do nacionalismo, tendo ambientado suas histórias sempre no Rio, como se não houvesse outro lugar. Hoje sabe-se que isso não é verdade. Machado denunciou, de fato, a escravidão. A diferença está em que o tom por ele utilizado na denúncia era diferente do “emocionalismo” que caracterizava as manifestações abolicionistas. Ele preferiu a análise, a reflexão, demolindo a ideia comum na época da “bondade dos brancos”.

Sua obra divide-se em duas fases, uma romântica e outra parnasiano-realista, quando desenvolveu inconfundível estilo desiludido, sarcástico e amargo. O domínio da linguagem é sutil. O humor pessimista e a complexidade do pensamento, além da desconfiança na razão fazem com que se afaste de seus contemporâneos. A galeria de tipos e personagens que criou revela o autor como um mestre da observação psicológica. E isso está evidente na sua forma de narrar, em que os acontecimentos parecem fragmentados e funcionam como pretexto para o escritor desnudar a essência do ser humano nas diversas circunstâncias de sua vivência. Foi um extraordinário contista, cujas narrativas revelam o universo da loucura, a alma feminina, a vaidade, a sedução, o casamento e o adultério.

Da obra de Machado de Assis destacam-se os romances pertencentes ao período romântico: *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878). Da segunda fase, realista, surgem obras-primas que fogem a qualquer denominação precisa de escola literária e que o tornaram o maior escritor brasileiro e um dos grandes autores da literatura de língua portuguesa. Destacam-se, desta segunda fase: *Dom Casmurro* (1899); *Esaú e Jacó* (1904), *Memorial de Aires* (1908) e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881).

Marina Colasanti

Jornalista, tradutora e artista plástica, Marina Colasanti nasceu em Asmara, Etiópia, em 1937. Filha de italianos, sua família veio para o Brasil quando tinha

onze anos. Atualmente vive no Rio de Janeiro. Em 1952 ingressou na Escola Nacional de Belas Artes e se especializou em gravura em metal. Entre 1962 e 1973 trabalhou como editora, cronista, redatora e ilustradora de várias publicações. Paralelamente, se dedicava a escrever suas primeiras obras dirigidas ao público adulto: *Eu sozinha* (1968), *Nada na manga* (1973) e *A morada do ser* (1978). Em 1979, publicou *Uma ideia toda azul*, seu primeiro livro para crianças. Seria o primeiro de muitos outros que viriam a seguir: *Doze reis e a moça no labirinto do vento* (1982), *O lobo e o carneiro no sonho da menina* (1985), *Um amigo para sempre* (1988), *Intimidade pública* (1990) e *Entre a espada e a rosa* (1992).

A sua obra dirigida ao público infanto-juvenil já recebeu vários prêmios. Seus contos recriam o universo dos contos de fadas, mostram princesas, encantamentos, castelos, metamorfoses. A sua linguagem é simples, direta, mas sempre preservada pela poesia de sua escrita. Seus contos revelam, ainda, os mistérios da alma humana, colhidos na realidade interna de cada um, trazendo muitas vezes a linguagem do inconsciente, dos sonhos, da fantasia que habita o território do imaginário.

Marina Colasanti tem mais de trinta livros publicados entre contos, crônicas, poesias, ensaios e livros infantis. Reúne em sua biografia inúmeros sucessos de vendagem, como *E por falar em amor* e *Contos de amor rasgados* (1986).

Rachel de Queiroz

Professora, jornalista, romancista, cronista e teatróloga, Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza, em 17 de novembro de 1910 e atualmente vive no Rio de Janeiro. Foi a primeira mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras, eleita em agosto de 1977. Em fins de 1930, publicou o seu primeiro romance *O Quinze*, que teve inesperada e grande repercussão no Rio e em São Paulo. Com 20 anos apenas, projetava-se na vida literária do país, agitando a bandeira do romance de fundo social, profundamente realista na sua dramática exposição da luta secular de um povo contra a miséria e a seca.

No Rio, onde reside desde 1939, colaborou com vários jornais. Publicou mais de duas mil crônicas. Entre os romances mais importantes na carreira da

escritora estão *As três Marias* (1939), *Dôra, Doralina* (1975) e *Memorial de Maria Moura* (1992).

Rubem Braga

Considerado por muitos o maior cronista brasileiro desde Machado de Assis, o jornalista Rubem Braga nasceu em Cachoeiro do Itapemirim, Espírito Santo, em 1913, e morreu em 1990. Iniciou seus estudos na cidade natal, porém, quando fazia o ginásio, revoltou-se com um professor de Matemática que o chamou de burro e pediu ao pai para sair da escola. Sua família o enviou para Niterói para continuar os estudos. Mais tarde, formou-se em direito em Belo Horizonte.

Seu primeiro livro, *O conde e o passarinho*, foi publicado em 1936, quando o autor tinha 22 anos. O cronista ficou famoso por seu temperamento introspectivo e por gostar da solidão. Como escritor, Rubem Braga teve a característica singular de ser o único autor nacional de primeira linha a se tornar célebre exclusivamente através da crônica, um gênero que não é usual a quem almeja a posteridade.

Segundo o crítico Afrânio Coutinho, a marca registrada dos textos de Rubem Braga é a “crônica poética, na qual alia um estilo próprio a um intenso lirismo, provocado pelos acontecimentos cotidianos, pelas paisagens, pelos estados de alma, pelas pessoas, pela natureza.” Toda a obra de Rubem Braga é composta de volumes de crônicas sucessivamente esgotados. A popularidade de suas crônicas pode ser explicada por sua linguagem coloquial e a simplicidade dos temas.

Como jornalista, Rubem Braga exerceu as funções de repórter, redator, editorialista e cronista nos principais jornais e revistas brasileiros. Seus principais livros de crônicas: *50 Crônicas Escolhidas* (1951); *100 Crônicas Escolhidas* (1958); *Os melhores contos de Rubem Braga* (seleção de David Arrigucci).

Vinicius de Moraes

O poeta, músico, teatrólogo e diplomata nasceu em 1913, no Rio de Janeiro, e morreu no Rio em 1980. Formado em Direito, no Rio, e em Literatura Inglesa, na Universidade de Oxford, Inglaterra, ingressou na carreira diplomática em 1943. Seu primeiro poema, *A transfiguração da montanha*, aparece nas páginas do jornal *A Ordem*, uma revista católica, em 1932. Publicou seu primeiro livro de poesias, *O Caminho* para a *Distância*, em 1933, quando tinha 19 anos.

Em 1953 escreve *Orfeu da Conceição*, obra premiada no Concurso de Teatro do IV Centenário da Cidade de São Paulo, e teve montagem teatral em 1956, com cenários de Oscar Niemeyer. Posteriormente transformado em filme (com o nome de *Orfeu Negro*) pelo diretor francês Marcel Camus, em 1959, obteve grande sucesso internacional, tendo sido premiado com a Palma de Ouro no Festival de Cannes e com o Oscar, em Hollywood, como o melhor filme estrangeiro. Nesse filme trabalha pela primeira vez com Antônio Carlos Jobim (Tom Jobim).

O biógrafo José Castello, autor do livro *Vinicius de Moraes: o poeta da paixão - uma biografia* diz que “Vinicius foi um homem que viveu para se ultrapassar e para se desmentir; para se entregar totalmente e fugir, depois, em definitivo; para jogar, enfim, com as ilusões e com a credulidade, por considerar que a vida nada mais é que uma forma encarnada de ficção. Foi, antes de tudo, um apaixonado.” Dele disse Carlos Drummond de Andrade: “Vinicius é o único poeta brasileiro que ousou viver sob o signo da paixão. Quer dizer, da poesia em estado natural”.

O que torna Vinicius um grande poeta é a percepção do lado obscuro do homem. E a coragem de enfrentá-lo. Parte, desde o princípio, de temas fundamentais: o mistério, a paixão e a morte.

Seus principais livros de poesias são *Livro de sonetos* (1957); *Novos poemas* (II) (1959); *Orfeu da Conceição* (1960); *Para viver um grande amor* (1962); e *Soneto de fidelidade e outros Poemas* (1996).

8. O que faz a Rádio Escola



A Rádio Escola, projeto da Secretaria de Educação a Distância do MEC, produz séries de programas educativos que se destinam à capacitação e atualização de professores alfabetizadores de jovens e adultos. Os programas radiofônicos são utilizados também como recurso pedagógico.

O projeto é baseado num tripé organizacional: programas radiofônicos, material impresso e orientação técnica. O material impresso é composto de um guia com dicas e orientações para a utilização dos programas radiofônicos, bem como cartazes, e a orientação é realizada por coordenadores universitários e municipais do Programa Alfabetização Solidária.

O objetivo geral do projeto Rádio Escola é apoiar o trabalho implementado pelo Programa Alfabetização Solidária em localidades com altos índices de analfabetismo. Seus objetivos específicos são: reforçar o conteúdo ministrado nas capacitações oferecidas pelas universidades aos alfabetizadores; fornecer insumos para o exercício docente dos profissionais de educação de jovens e adultos; oferecer subsídios para a capacitação continuada, em grupo ou individualmente; oferecer sugestões de estratégias e atividades aplicadas à alfabetização de jovens e adultos; e ampliar o conhecimento do professor sobre temas específicos que podem ser trabalhados em sala de aula.

Os programas radiofônicos são reproduzidos em fita cassete e distribuídos aos coordenadores universitários e municipais do Programa Alfabetização Solidária. Dependendo da temática e do formato da série, o material também é enviado a emissoras de rádio que compõem a Rede de Comunicadores pela Educação.

Além desta série, *Ler e escrever, com muito prazer*, a Rádio Escola produziu outras duas:

- *Em sintonia com o professor alfabetizador*, lançada em 2000, contém 11



programas com duração de 15 minutos cada. A série aborda os temas Literatura Brasileira, Língua Portuguesa, Matemática, História, Ciências Sociais, Ética e Cidadania e Pluralidade Cultural.

- *Tirando versos da imaginação*, lançada em 2001, teve como temática a cantoria nordestina na educação. São 20 programas com duração de cerca de 10 minutos cada. Acompanha a *Série do professor*, material didático para ser usado em sala de aula, o *Programa do aluno*. A *Série do professor* também foi enviada a 1.450 emissoras de rádio das regiões Norte e Nordeste.

9. Glossário

A qui você encontra o significado de algumas palavras que aparecem neste Guia, especialmente nos textos literários – poesias, contos, crônicas e lendas.

A

Alvissareiro: portador de boas novas.

Apólogo: alegoria moral, em que geralmente animais ou coisas inanimadas falam e procedem como os homens.

Artífice: operário ou artesão que trabalha em determinados ofícios; artista.

Autopsicografia: descrição da mente e suas funções.

B

Bruma: nevoeiro, cerração pouco densa, especialmente no mar.

Buliçoso: que bole ou se move sem parar; agitado, movediço.

C

Carcará: ave da região cisandina da América do Sul, de cabeça pardo-escura, dorso pardo, listrado de branco, cauda branca listrada de pardo, com ponta preta, asas pardo-escuras.

Catolé: palmeira de espique ereto, da família das palmáceas, gênero Cocos e cuja polpa e caroço interior fornecem dois óleos, levemente açucarados, que servem para alimentação.

Curumim: menino.

D

Diversidade: variedade de coisas.

E

Embebido: sorver pelos poros; recolher em si; absorver; compenetrar-se; impregnar-se.

Enfarado: causar enfaro a; enfastiar, entediar; ter enjôo a; tomar aborrecimento a; enfadar.

Enunciação: expressão, declaração, proposição.

Epistolar: relativo a, ou próprio de epístola (comunicação manuscrita ou impressa devidamente acondicionada e endereçada a uma ou várias pessoas; missiva).

G

Gauche: palavra da língua francesa que serve para designar uma pessoa tímida, incapaz, sem muita aptidão. Também designa pessoa canhota.

L

Lançadeira: peça de tear, que contém um cilindro ou canela por onde passa o fio da tecelagem.

M

Mandacaru: grande cacto de porte arbóreo, tronco grosso e ramificado, que pode fornecer madeira na base, flores enormes, alvas, que se abrem à noite, e cujos ramos têm de quatro a cinco ângulos, sendo o fruto uma baga espinhosa. É planta das mais características da caatinga nordestina e serve de alimento ao gado na seca.

Maracá: instrumento chocalhante que era usado pelos índios nas solenidades religiosas e guerreiras; chocalho que acompanha certas músicas e danças populares, como, por exemplo, o samba e o baião.

Mondé: armadilha de caça.

P

Paródia: imitação burlesca de um texto literário ou uma imitação cômica.

Pau-d'arco: Ipê.

Pérfido: Que mente à fé jurada; traidor, desleal; infiel; que denota ou envolve perfídia; falso, enganador, traiçoeiro.

R

Ramada: porção de ramos dispostos nos rios para juntar o peixe.

Regaço: espaço médio interior; lugar de repouso ou abrigo.

S

Soneto: poema composto por quatro estrofes, sendo que as duas primeiras têm quatro versos cada uma e as duas últimas, três versos.

T

Teogonia: doutrina mística relativa ao nascimento dos deuses, e que, frequentemente, se relaciona com a formação do mundo.

Toré: espécie de flauta feita de taquara, usada pelos indígenas.

V

Vagueia: andar ao acaso, à toa, sem destino; errar, vagar, vagabundear.

Varonil: forte, rijo; viripotente.



10. Bibliografia



- ABREU, Ana Rosa et. al. *Alfabetização, livro do professor*. Brasília, Fundescola/SEF/MEC, 2000.
- AGUIAR, Vera (coord.) *Poesia fora da estante*. Porto Alegre, Editora Projeto, CPL/PUCRS, 2000.
- BRAGA, Rubem. *200 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro, Record, 1978.
- BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio. *Novo dicionário Aurélio - Século XXI* versão eletrônica. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.
- CEREJA, W.R. e MAGALHÃES, T. C. *Português: linguagens, literatura, gramática e redação*. 2o grau. São Paulo, Editora Atual, 1994.
- COLASANTI, Marina. *Doze reis e a moça no labirinto do vento*. São Paulo, Global Editora, 1999.
- DURANTE, Marta. *Alfabetização de adultos - leitura e produção de textos*. Porto Alegre, Artmed Editora, 1998.
- FERREIRA, Ascenso. *Poemas de Ascenso Ferreira*. Recife, Nordestal, 1981.
- FERREIRO, Emilia. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo, Cortez, 2001.
- FERREIRO, Emilia. *Cultura escrita e educação*. Porto Alegre, Artmed, 2001.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. São Paulo, Cortez, 1999.
- KAUFMAN, Ana María e RODRIGUEZ, María Helena. *Escola leitura e produção de textos*. Porto Alegre, Artmed Editora, 1995.
- LISPECTOR, Clarice. *Como nasceram as estrelas - doze lendas brasileiras*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim M. *Contos*. São Paulo, Ática, 1997.
- MORICONI, Ítalo. *Os cem melhores poemas brasileiro do século*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.
- NICOLA, José de. *Literatura Brasileira das origens aos nossos dias*. São Paulo: Editora Scipione, 1998.
- PAIVA, A., EVANGELISTA, A., PAULINO, G. e VERSIANI, Z. (orgs.) *No fim do século: a diversidade - o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.
- PESSOA, Fernando. *Antologia poética*. Ediouro, s/d.
- PESSOA, Fernando. *Poesias*. Lisboa, Edições Ática, s/d.
- QUEIROZ, Rachel. *100 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1977.
- RUIZ, C. M. P. *A didática do folclore*. s/d, mimeo.
- STALLONI, Yves. *Os gêneros literários*. Rio de Janeiro, Difel, 2001.
- STEPHENS, Mitchell. *História das comunicações- do tantã ao satélite*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1993.

11. Ficha técnica



A série *Ler e escrever, com muito prazer* é resultado de um trabalho coletivo, envolvendo professores alfabetizadores que gentilmente concederam entrevistas relatando suas experiências com diversidade textual, além de alfabetizandos, produtores sociais de textos e profissionais de comunicação. Colaboraram nesta produção:

Professores:

Airan Almeida de Lima
Ana Cristina Silva de Oliveira
Carla Marina Lobo
Cândido B.C. Neto
Dayse Carla Martins
Eliana de Jesus Gomes
Elizete Cardoso
Francisco Góes de Oliveira
Jamila Alves
Jalmira Damasceno
Maria Eunice Vicentini
Maria Madalena Torres
Rita de Cássia R. Del Bianco
Ruth Cardoso
Tânia Gonçalves
Telma Faria
Vivian Marinho
Kátia Regina Braga Martins

Alunos

Antônio Erimar Gomes
José Aparecido Eugênio
Nancy de Fátima Barbosa

Funcionário público

João Rios Mendes

Jornalistas

Márcia Marques
Rogério Menezes

Músico

Clodomir Ferreira

Poeta

José Santiago Naud

Narração

Carmem Moretzsohn

Atores

Adriano Siri
Adriana Nunes
Ana Lúcia Ribeiro
Murilo Grossi

Reportagem

Arlete Milhomem

Produção

Guaira Índia Flor
Janine Russczyk

Roteiros

Nélia R. Del Bianco

Revisão de roteiros

Patrícia Corsino e Ana Valeska
Amaral

Sonoplastia, edição e montagem

Marcos Tavares
Luis Antônio Gomes

Produção de vinhetas

João Alberto Cardoso

Produção, edição e coordenação de gravação de textos literários

Paulino Lima
Luz da Cidade Produções Artísticas,
Fonográficas e Editoriais Ltda.

Discografia Luz da Cidade utilizada nesta série

A moça tecelã e outras histórias escritas e contadas por Marina Colasanti
Ascenso Ferreira por Chico Anyisio
Carlos Drummond de Andrade por Paulo Autran
Doze lendas brasileiras de Clarice Lispector
Fernando Pessoa por Paulo Autran
Machado de Assis – contos por Othon Bastos
Rachel de Queiroz por Arlete Salles
Rubem Braga por Edson Celulari
Vinicius de Moraes por Odete Lara

Estúdio de gravação dos programas

Laboratório de Rádio da Faculdade de Comunicação da UnB

